

# UM SINDICALISMO EM MUTAÇÃO

*Temas fortes para pensar a CUT*

**Claudio Nascimento**

Após o salto de qualidade operado no II Concut (1986), a CUT mergulhou numa grande crise política durante o início do Governo Collor e, especialmente, após o IV CONCUR (1991). Mesmo com a retomada político-cívica do país, com o impeachment de 1992, o movimento sindical não retomou o patamar anterior. Com a derrota das esquerdas em 1994, o governo FHC, após momentos de paralisia, retomou a ofensiva através das reformas estruturais, entre elas, as que dizem respeito a legislação sindical e trabalhista do país. Neste sentido, os primeiros meses de 1996 estão marcados por fatos novos nesta área:

- Negociação com as Centrais em torno da Previdência
- Acordos fora da legislação vigente: metalúrgicos de São Paulo;
- Acordos no campo da flexibilização de jornada (metalúrgicos do ABCD);
- Justiça do Trabalho anuncia uma reforma sindical (entrevista de Almir Pazianotto ao ESP), prevendo fim do imposto, liberdade sindical, sindicalismo de empresa;
- Ministro do Trabalho, Paulo Paiva, anuncia a flexibilização nas relações de trabalho.

A 7ª Plenária nacional da CUT assinala um momento de inflexão e de tentativa de retomar a iniciativa para promover uma verdadeira reestruturação organizativa da Central. Reflete um grande potencial da Central para superar seus impasses internos e dar conta dos desafios do contexto nacional e mundial. Mostra também, que os problemas expressam um processo que não se dá de forma linear, mas através de avanços e retrocessos em alguns aspectos, contudo, mantendo o potencial global.

Muitas das questões ora em debate, sob a expressão “sindicato orgânico”, refletem os componentes do próprio projeto sindical da CUT: história, concepção, ação, estrutura, cultura, etc. “Nos encontramos numa encruzilhada”, como se lê no documento da Plenária. Portanto, a maioria das questões já há muito tempo constam da agenda da CUT. E, talvez, este seja o principal problema: por que as Resoluções da Central ficam, em grande parte, no papel como admite o próprio documento da 7ª Plenária, no que diz respeito a OLT?

Pode significar que o problema principal, a concretização do seu projeto sindical, esteja na própria CUT, seja interno aos sindicatos. O que, então? Culturas corporativas? Herança de concepções sindicais anacrônicas (anarquista, vanguardista, populista)?

A partir de análise de Julio Godio, operamos a distinção entre OBSTÁCULO PRINCIPAL e RESPONSABILIDADE PRINCIPAL.

O obstáculo é principal porque só pode ser resolvido no interior da central. Trata-se de uma confrontação entre culturas político-sindicais.

Mas, o responsável principal da persistência da fase “corporativo sindical”, e das dificuldades de um salto para uma dimensão de hegemonia, pode ser definido como externo aos sindicatos: na área da legislação constitucional, nas políticas variadas de Governo, na relação distorcida com Partidos, na contraparte Empresarial, na relação com as Centrais Mundiais. Por isto, é importante definirmos os vários campos de disputa de hegemonia.

A estes elementos, há - como pano de fundo - o contexto mundial, que nas últimas duas décadas apresenta mutações com rapidez impressionante.

## **A. CUT História e Concepção**

Um pouco de história é fundamental para podermos nos situar neste quase 15 anos de CUT. Para tal, usamos elementos de análise da obra de Jorge Mattoso, “A Desordem do Trabalho”, que tem o grande mérito de combinar história e conjunturas, salientando desafios e perspectivas.

Em termos de concepção, é fundamental a análise de aspectos como:

- relação capital x trabalho;
- relação sindicato x partido;
- relação direção x base
- relação sujeitos x transformação social.

A década de 80 caracterizou o esgotamento do dinamismo da economia industrial do Brasil; também, ocorreu a desarticulação do padrão de acumulação vigente desde meados dos anos 50. O capitalismo entrava numa nova etapa. Este padrão foi rompido pela emergência da terceira Revolução industrial e pelos novos interesses do capital internacional globalizado.

No Brasil, apesar da “década perdida”, houve o maior crescimento do PIB latino-americano. Não houve um processo de desindustrialização, ou uma reestruturação industrial. Esta preservação da estrutura produtiva industrial é importante para se entender a dinâmica da economia, do mercado de trabalho e dos sindicatos.

“Quanto a organização dos trabalhadores, a consolidação do movimento de ampliação democrática iniciado na década anterior em meio a uma relativamente preservada estrutura produtiva industrial permitiu que - apesar da crise e ao contrário da maioria dos países, sejam eles da América do Sul ou do Norte, da Europa ou da Ásia - o movimento sindical brasileiro assumisse nova dimensão, reconquistando direitos, organizando centrais sindicais nacionais, lutando contra a estrutura e a legalidade repressiva oficial, elevando os níveis de sindicalizado, fortalecendo suas organizações de base, ampliando o espaço para negociações coletivas e conquistando amplo reconhecimento social”.

Mattoso nos apresenta três períodos:

- 1) até 1983 (fundação da CUT)
- 2) de 1984 até 1986 (III Concut)
- 3) de 1987 até 1990 (perto do IV Concut)

No primeiro período (até 1983), ainda durante a ditadura militar, após a explosão das primeiras greves vitoriosas (1978-79), segue-se a repressão as greves de 1980 e o início da recessão em 1981. Desemprego e demissões em massa nos primeiros anos da década favoreceram inicialmente a redução das mobilizações grevistas e, logo após, levaram o movimento sindical a dispender maiores esforços na sua definição estratégica, na organização intersindical nacional, nas negociações coletivas de trabalho e na organização nas fabricas.

Em 1983, o agravamento da crise e da inflação, ampliam a ação sindical. Neste ano, ocorreu a primeira “greve geral” desde o golpe militar de 1964. Em agosto, foi fundada a CUT.

O segundo período (1984-86), coincide com o movimento de cidadania por Diretas já! Há uma recuperação econômica: cresce o PIB, aumentam as exportações, diminui o desemprego, recuperação do mercado de trabalho, recomposição da industria. Com o Governo Sarney surge o Plano Cruzado.

Neste período, o movimento sindical ampliou seu raio de ação, expandiu-se para as classes médias e para os trabalhadores agrícolas; surgiram novas centrais (CGT, USI). As greves tomaram novo ímpeto a partir de 1985 e alcançaram seu auge em 1987 favorecendo conquistas salariais de varias categorias, em suas datas-base.

O terceiro período (1987-1989) foi caracterizado pela paralisia e estagnação econômica e pelo retorno a políticas mais ortodoxas na economia; elevou-se a inflação e se agravou a crise cambial. Em 1989, o governo viu-se frente a uma moratória branca, atrasando os pagamentos dos juros da dívida externa. A inflação eleva-se para 685%, em 1988 e, 1.320%, em 1989.

O movimento sindical, por um lado, continuou sua dinâmica de expansão, fortaleceu as centrais sindicais, ampliou sua participação social, atuou organizadamente no processo constituinte e garantiu uma avaliação generalizada de que, ao final da década, havia se transformado em um agente social de inusitada relevância no sistema político nacional.

Por outro lado, setores mais avançados do movimento sindical fizeram esforços no sentido de apropriar-se do conhecimento da dimensão e das conseqüências do processo de formação do novo padrão tecnológico e produtivo que emerge com a Terceira Revolução Industrial nos países avançados e que terá efeitos no Brasil apesar da preservação da estrutura produtiva industrial.

No entanto,

- . seja pela insipiência deste processo,
  - . seja porque esta discussão ainda se limitou a questão da organização do trabalho
  - . seja pela debilidade da organização nacional empresarial
  - . e/ou por sua recusa em discutir abertamente estes temas,
  - . seja devido a fraca organização nos locais de trabalho,
  - . seja devido a consolidação de centrais fortes mas sem espaço de negociação,
- o certo é que este esforço nao se traduziu na superação da pratica reativa-reivindicativa do movimento sindical e na formulação de um novo projeto de desenvolvimento capaz de fazer face as novas condições internacionais e nacionais.

Para Mattoso, a economia e sociedade brasileiras apresentaram resistências significativas ao projeto conservador ainda no Governo Sarney e depois novamente, quando da tentativa explicita de inserção subordinada de Collor.

No entanto a construção de uma real alternativa ao neoliberalismo, capaz de galvanizar a nação em torno da articulação de um novo projeto nacional, não se constituiu como corolário deste movimento de resistência.

Os problemas do enfrentamento simultâneo das dificuldades

. do presente (estagnação economia, instabilidade monetária, dificuldades de financiamento e investimento publico e privado),

. do passado (de atraso, exclusão, miséria e desigualdade)

. e do futuro (colocado pelo novo paradigma tecnológico e em meio a desordem econômica internacional)

são extraordinários e tem dificultado, sobremaneira, uma reação mais organizada: isto é, trata-se de consolidar,

. uma nova articulação social em um país com uma estrutura industrial constituída em meio a intensa desigualdade e exclusão social,

. e constituir um novo padrão de desenvolvimento nos marcos de uma nova multilateralidade, em meio a uma crescente instabilidade mundial e a uma acentuada desordem do trabalho.

### Projeto Nacional

Este novo projeto nacional, de difícil mas não impossível constituição, seria distinto do desenvolvimentismo e, alternativo ao neoliberalismo, e permitiria articular - ainda que lentamente - as forças sociais capazes de sacudir a poeira e, no futuro, dar a volta por cima.

Para o Brasil, em um primeiro momento,

. tratar-se-ia de um compromisso que visaria favorecer o controle democrático do mercado e do Estado e permitiria, no curto prazo,

. a preservação e ampliação do caráter protogênico de uma organização sindical renovada e ampliada.

No médio e longo prazo,

. tratarse-ia de assegurar a evolução na direção da formação de uma nova hegemonia, que

- incorporasse também novos atores sociais, ações-relações não-econômicas e uma nova divisão do produto social. Sem essa nova divisão do produto social, ficaria praticamente impossível garantir a efetiva incorporação dos inumeráveis miseráveis e excluídos do passado e do futuro de nossa sociedade.

Nas atuais condições brasileiras, e novamente ao contrario de outros países, esta negociação social ainda poderia ter por eixo os trabalhadores organizados. No entanto, não poderia ter por aliados exclusivos os camponeses (na versão leninista) ou os modernos empresários industriais-agrícolas (na versão social-democrata).

Ambas as versões tem pequenas bases reais na sociedade brasileira, preponderantemente urbana e industrial e profundamente heterogênea e desigual.

Sindicatos comprometidos com trabalhadores íntegros e solidários em uma sociedade mais justa e democrática teriam que tornar efetiva a incorporação a produção, ao consumo e a cidadania dos miseráveis e excluídos de nossa sociedade e para isso, eventualmente, também articular-se com determinados setores considerados atrasados mas que tenham contradições imediatas com o neoliberalismo.

Conclui Mattoso: “para manter ou ampliar sua participação social no limiar do século XXI os trabalhadores teriam que:

- . abrir-se ao ajuste de contas com o passado de miséria e atraso característico da economia e da sociedade brasileiras
- . ao mesmo tempo em que teriam que encarar os desafios do futuro - cujas soluções condicionam as formas mais ou menos virtuosas de incorporação do progresso tecnológico e da inserção internacional -
- . levando em conta tanto as mudanças ocorridas no mundo (nos planos geo-político, produtivo, financeiro e tecnológico), quanto a defesa de suas necessidades imediatas e de . seus desejos históricos de construção de uma sociedade verdadeiramente democrática e socialmente mais justa.

Portanto, para preservar e\ou ampliar sua participação social um duplo desafio se colocaria.

- 1) por um lado, ter a capacidade de romper com dogmas e corporativismos, incorporando a democracia não apenas como valor universal e elemento constitutivo da sociedade futura, mas também como espaço de criação de novos direitos e de crítica social.
- 2) Por outro lado, romper o defensivo e as práticas reativas, que foram resultado dos anos de resistência e da ausência de efetivos canais de negociação, assumindo propostas que fortaleçam a centralização nacional da negociação e da contratação coletiva e sejam capazes de responder aos anseios dos trabalhadores ampliando a solidariedade com os excluídos e articulando-os com outros setores sociais, na defesa do futuro da própria nação.

Isto implicaria romper com uma tradição que:

= se apropriou exclusivamente da dimensão produtiva, do processo de produção e das relações de trabalho padronizadas que lhe foram próprias,

= para ampliar-se a novos agentes, novas forças e movimentos sociais que muitas vezes se situam fora do processo de valorização.

A partir da análise de Mattoso, podemos classificar as etapas da história da CUT, usando um aporte gramsciano:

### **Para além do “econômico corporativo”**

O peso do elemento econômico-corporativo no sindicalismo brasileiro é de caráter estratégico, enquanto desafio a ser superado. Numa linguagem gramsciana, é um obstáculo a formação de uma direção moral-intelectual no campo sindical e, na sociedade, de uma vontade democrático-popular.

O econômico-corporativo, indica a confluência restrita de interesses imediatos e, a nível geral, é indicativo de uma situação em que a escassez dos elementos da superestrutura (consciência, cultura, política, hegemonia) correspondem ao domínio de uma situação estrutural restrita, incapaz de expandir-se, isto é, de um consenso passivo, não democrático.

Revela, enfim, o reflexo de um primitivismo econômico que impede a expansão de uma consciência geral. A fase econômico-corporativa é necessária em todo tipo de instituição, contudo, não supera-la implica não se atingir a esfera diretamente política. O problema

da superação da fase econômico-corporativa é o mesmo da passagem para dimensão hegemônica.

Nesse sentido, a “hegemonia integral”, no campo do sindicalismo, define-se em 3 campos estratégicos de disputa: seja no campo das relações com seus representantes; no campo com a contraparte empresarial; no campo de interação com o sistema global, o sistema sócio-político.

1. No campo interno a própria CUT, enquanto formas de representação de sua base, seja a nível nacional (classe), seja a nível local, nas unidades de produção e serviço (organização nos locais de trabalho);
2. No campo conflitual/contratual da relação com o setor empresarial e de disputa capital x trabalho;
3. No campo do sistema político global; relação com Governo, Estado, Partidos, outras centrais sindicais, movimentos sociais diversos, enfim, a sociedade civil.

A construção do projeto da CUT, e de sua participação na construção de um projeto nacional democrático-popular, dá-se de forma desigual, no que diz respeito aos três campos, mas, de forma combinada.

Portanto, as debilidades no campo interno (hegemonia débil na questão da representação, a nível nacional e/ou local), interfere com os outros 2 campos; e vice-versa. Assim, as relações com a contraparte - que se expressam na estrutura da contratação - são estreitamente conexas com a forma de representação. E, também, com tudo que diz respeito as relações com o Estado.

Utilizando o aporte gramsciano, podemos ter o seguinte quadro:

1. Etapa de Resistência                      fundação até III. CONCUR 1986
2. Etapa Econômico-corporativa

abrindo as possibilidades de um período de transição para uma

3. Etapa de dimensão político-hegemonica

Entretanto, o IV CONCUR (1991) revelou-nos uma crise profunda no projeto sindical cutista. Estávamos em pleno auge do Governo Collor.

Nas palavras do dirigente Jorge Lorenzetti, que chega a usar a expressão “refundação dos sindicatos no Brasil”, “O movimento sindical cutista acabou se perdendo na justificativa de que estava num processo de transição do velho para o novo modelo. Qualquer balanço que se faça dá para constatar a não superação desse sindicalismo oficial”. (1995)

Continua Lorenzetti, “Por isso é necessário atualizar a crítica e reconhecer que somos herdeiros de uma cultura coporativista de um sindicalismo pulverizado. Os sindicatos se mantiveram atolados nos parâmetros definidos pela CLT... Por um lado, é preciso reconhecer que crescemos por dentro do “modelo oficial”. Mas, por outro lado, é nítido que o modelo atual não é mais suficiente para dar conta das tarefas daqui para frente. Como hoje os trabalhadores tem um patamar superior de disputa hegemônica na sociedade brasileira, é preciso avançar na construção de uma nova cultura sindical que efetivamente supere o velho modelo”.

Finaliza Lorenzetti, “E passou a época de ficarmos simplesmente no diagnóstico. É preciso avançar na elaboração de um projeto e uma estratégia organizativa global para ser implementada de forma sistemática e planejada.

Na prática, a introdução da liberdade e autonomia sindical, vai significar ao sindicato a perda do monopólio da base. Isso significa novos desafios para a ação sindical”.

Estes desafios foram retomados nas Resoluções da 7a. Plenária Nacional. De certa forma, condensam-se na questão do “sindicato orgânico”.

## **B. OS NÓS CRÍTICOS DA CUT: a encruzilhada**

Vejamos alguns dos problemas que estão na agenda sindical da CUT. O próprio Documento da 7a Plenária Nacional os condensa e contextualiza:

“Estamos neste momento diante de uma importante encruzilhada quanto ao novo modelo sindical.

= Por um lado, vivemos com uma estrutura sindical arcaica, corporativista e baseada no modelo fascista da unicidade, das taxas compulsórias, das datas bases, do poder normativo da Justiça do Trabalho...;

= E por outro lado, enfrentamos as transformações no mundo do trabalho, com novas formas de gerenciamento, terceirização, globalização da economia, privatização do Estado, inovações tecnológicas, etc.,

= A tudo isso soma-se um modelo econômico que tem por base a exclusão do mercado de trabalho de parcelas cada vez maiores da sociedade, seja pelo sub-emprego, pelo ingresso na economia informal, ou pela marginalização pura e simples, como o trabalho escravo e a exploração da mão de obra infantil.(...)

As conseqüências desse quadro, para o movimento sindical, são :

- a pulverização dos sindicatos e
- a baixa representatividade enquanto classe.

É claro que mudar essa realidade não é tarefa exclusiva do movimento sindical, mas sem sombra de dúvida, cabe-nos uma parcela importante nesse processo.

A própria construção da CUT já foi um importante passo para rompermos com o corporativismo oficial, mas continuamos submetidos, no nosso dia-a-dia, ao sindicato corporativo, que em discurso tanto combatemos.

(...) É necessário, portanto, darmos um salto de qualidade em nossa organização, estimular a fusão de sindicatos, ampliando a força e a representatividade de nossas entidades, criar estruturas solidárias, que sirvam ao conjunto da classe, e não somente essa ou aquela categoria, enfim nos prepararmos para o verdadeiro enfrentamento, uma disputa de projeto de classe.

Paralela a discussão do tipo de sindicato que devemos construir, orgânico a CUT ou não, estamos também nos deparando com a discussão de liberdade e autonomia sindical, Contrato Coletivo de Trabalho e o fim do Imposto Sindical.

(...) Pior ainda, com raríssimas exceções, nosso modelo sindical oficial está pouco ou quase nada, enraizado nos locais de trabalho, ficando muitos de nossos sindicatos sem

inserção entre os trabalhadores que representa, e com baixo número de trabalhadores sindicalizados.”.

Assim, a Plenaria descreve com muito realismo o quadro atual da CUT. São problemas que estão nos 3 campos de disputa de hegemonia que falamos acima. Tentemos uma síntese que nos ajude a avançar o debate. Vamos traçar 4 campos de determinação destes problemas. A ordem de exposição não significa, necessariamente, hierarquização ou prioridade dentro do conjunto de campos.

### *Projeto CUT História e Concepção*

Impasses internos a CUT	mutações estruturais globais de civilização	políticas de Governo
	(nova cultura sindical)	
	Disputa de hegemonia	

A crise atual do sindicalismo, na sua relação com a “crise do trabalho” (ou a “desordem do trabalho”, expressão de Mattoso) exige ser analisada numa perspectiva maior, isto é, que incorpore temporalidades mais longas e contradições mais profundas. Não podemos limitar nossa análise a dois aspectos: o das mutações na produção e, nas relações sociais.

Podemos considerar os “determinantes estruturais longos”, como elementos de uma crise estrutural mais ampla, ou seja, a crise de transição da acumulação fordista para a acumulação flexível.

J. Texier nos afirma que “estes dois níveis -relações de produção e relações sociais- não são suficientes: o conceito útil é o de Bloco Histórico, utilizado por Gramsci”. Aqui, vamos para a questão da hegemonia política e cultural, da revolução moral-intelectual.

A crise do trabalho tem a dimensão da crise ecológica: “as mutações tecnológicas que transformam a produção (a revolução informática) tem consequências decisivas sobre o lugar e o papel do trabalho na produção de riqueza”.

Contudo enquanto “crise”, porta aspectos positivos.” A dificuldade é de entender que as mutações em curso e que tem no desemprego de massa uma infelicidade social, abre também imensas possibilidades para a humanidade, mais ainda, estas mutações impõem as transformações sociais que só podem ser racionais se são, também, radicalmente emancipatórias. Os ganhos de produtividade que asseguram as novas tecnologias permitem, com efeito, de pensar simultaneamente o desenvolvimento das formas da riqueza e da redução da quantidade de trabalho necessárias. É no quadro das relações sociais atuais que, o que poderia ser uma conquista do homem torna-se sinônimo de infelicidade.” (J. Texier).

É uma crise estrutural que porta em si fenômenos como:

=precarização do trabalho;

=marginalização social de massa;

=marginalização da organização espacial-temporal da vida cotidiana



= novo tipo de individualismo;

=novas normas hegemônicas de cultura,lazer e tempo livre.

Este contexto, implica uma verdadeira “revolução copernicana”no domínio da ação coletiva.

## 1. MUTAÇÕES CIVILIZATÓRIAS.

Mais que um sindicalismo em crise, vivenciamos um sindicalismo em mutações. Mais do que uma “revolução sindical”, trata-se de mutações históricas profundas e radicais. Abre-se uma fase de transições ou de “crises seculares”, pois, um período civilizatório se esgota e outro, lentamente, surge. A crise é, portanto, fecunda, e assinala um começo!

Estes desafios tem um caráter universal desde que se poem para o sindicalismo em todo o mundo. Contudo, para cada país e situação, toma características próprias a formação sócio-cultural e histórica correspondente. Neste sentido, particulariza-se e exige respostas a partir de cada realidade concreta. Contudo, cada realidade concreta está mediada com outras realidades concretas mais amplas. Isto faz com que não existam mais respostas isoladas e locais as questões de ordem global.E,vice-versa:nao existam saidas globais sem a dimensao local -nacional.

Aqui, cabe-nos definir algumas características do capitalismo em mutação. Estamos em uma fase de profundas transformações do sistema capitalista, uma fase, talvez, de transição em que o capital está abandonando a forma que tinha assumido a partir dos anos 20 deste século. O ciclo de acumulação dito taylorista-fordista, com seus mercados em escala nacional e a política keynesiana. Muitos analistas usam o termo “pós-fordismo”, no sentido de designar uma reestruturação do capitalismo do pós-guerra e, iniciada a partir da segunda metade dos anos 70. Algumas características deste fenômeno são claras:

1. a descentralização da produção, em termos de estrutura e de espaços;
2. a capacidade financeira e de pesquisa, entretanto, são concentradas nos países do capitalismo avançado;
3. uma compressão “espaço-tempo” multilateral do capitalismo facilita a extensão e a velocidade dos processos econômicos;
4. elimina-se a unidade espaço-tempo da política e da economia, característica da fase precedente. O Estado perde sua capacidade de mediação entre mercado e sociedade;
5. a qualidade do trabalho sofre uma transformação no mais amplo processo de reestruturação da organização produtiva;
6. surge uma nova forma de capitalismo global, muito distinta do capitalismo multinacional de tipo fordista;
7. as transformações sócio-econômicas são acompanhadas por uma pós-modernização cultural de caráter conservador;é o que F.Jameson chama de “lógica cultural do capitalismo tardio”;
8. há uma crescente formalização da democracia.

Estes aspectos determinam o caráter global da crise. Portanto, uma crise global demanda uma resposta global. O movimento sindical só sairá de sua própria crise participando da construção coletiva de um projeto global de economia, de sociedade, de Estado,

inspirado numa nova cultura e numa nova Ética. A formulação do projeto global alternativo exige que se conheçam as forças sociais e política que podem torna-lo possível e o programa de mudanças estruturais que possam oferecer soluções aos problemas principais e que possa mobilizar a sociedade.

Na disputa de hegemonia, o sindicalismo classista, junto com os partidos de esquerda e outras organizações sociais, mantendo sua autonomia, busca a formação de um bloco democrático-popular. Orienta-se na perspectiva de um sindicalismo sócio-político ou de um sindicalismo-cidadão, capaz de responder não apenas a seus problemas, mas a todos os problemas da sociedade e do Estado.

Assim, o movimento sindical terá um papel de destaque na construção de um mundo mais igualitário, mais socialmente justo e mais democrático.

Dentre as mutações estruturais, as novas tecnologias produzem impactos culturais de caráter global sobre a sociedade e de caráter singular sobre os trabalhadores. Elas constituem, objetivamente, um desejo antigo da humanidade identificado com o socialismo: a libertação do homem do trabalho manual, a redução da jornada de trabalho, o tempo livre, uma maior produtividade do trabalho. Contudo, a implementação das novas tecnologias tem trazido desemprego, desarticulação dos trabalhadores, desorganização familiar pelos turnos flexíveis, etc. São as duas caras de um mesmo fenômeno, a revolução tecnológica-industrial, com desvantagem imensa para o aspecto utópico. De um lado, a cara da libertação potencial dos trabalhadores em relação a alienação, a organização capitalista do trabalho; por outro lado, a reorganização da hegemonia capitalista nas fabricas, bancos, escolas, etc. Portanto, combina as possibilidades de concentrar a utopia com a realidade dura das novas formas de alienação na sociedade.

Quatro aspectos se sobressaem:

- a fragmentação do mundo do trabalho
- a fragmentação do mundo rural,
- a fragmentação sócio-cultural urbana-rural;
- o crescimento do desemprego, do sub-emprego e do trabalho precário.

Neste contexto, para combater a hegemonia cultural neo-conservadora, os sindicatos, junto com outras organizações, para conquistar a maioria na sociedade devem levar adiante uma grande batalha cultural. Esta frente de luta não pode se limitar as questões advindas das novas tecnologias; ao contrario, deve abarcar as reivindicações sócio-políticas dos trabalhadores urbanos e rurais, os setores formais e informais da economia.

A questão é como construir uma “dialética polifônica”, múltipla, que possa dar conta de realidade tão complexa. Um estilo de fazer política sindical que permita achar pontos de homogeneização político-cultural entre interesses e expectativas tão diferentes. É um desafio imenso e, é sobretudo no campo da cultura.

A cultura chamada de “pós-modernidade”, enquanto expressão da hegemonia neoconservadora é uma alternativa ideologica a crise atual. Ela obriga o movimento sindical a competir culturalmente na disputa de projetos sociais.

Para finalizar esta parte, passemos a palavra a Aluizio Mercadante. Em texto para Revista “Tempo e Presença” (259, de 1991), anterior ao IV CONCUT, com o título

geral de “Sindicalismo Hoje-Novos Desafios”, Mercadante finalizava com a seguinte advertência:

“A discussão de um projeto alternativo e a participação afirmativa e propositiva do movimento sindical na construção desse projeto e de uma nova proposta de governabilidade para o Brasil são o grande desafio da CUT e do movimento sindical. Sem esse avanço, que significa superar a política da negação e do protesto por uma política de afirmação e construção, a partir da disputa de hegemonia, que faça dos interesses dos trabalhadores os interesses de amplas parcelas da sociedade, será difícil o movimento sindical voltar a ocupar o espaço que já teve na vida política do país”.

## 2) IMPASSES INTERNOS

Para caracterizar os elementos que fazem parte deste campo de “impasses internos”, vamos usar material coletivo resultado de algumas atividades no campo da formação cutista, envolvendo dirigentes e formadores. São atividades ocorridas nas Escolas orgânicas da CUT: a primeira na Escola 7 de Outubro-MG e, a segunda, na Escola Sul-Santa Catarina.

Primeiro, do “Seminário sobre as Bases de um Programa Nacional de Formação em Planejamento e Administração Sindical Cutista”, realizado na Escola 7 de 10 (MG), em outubro de 1989. Portanto, antes do IV CONCUT - 1991 -. Definiram-se “a trajetória e os desafios atuais da CUT”. O relatório final ressalta alguns pontos:

- a) “O surgimento da CUT é resultado da resistência dos trabalhadores a política econômica dos últimos anos. O movimento de massa de resistência cria as condições políticas para se fundar a central.

Referências do sindicalismo cutista: combatividade, renovação sindical, luta, ampla participação de combate a política econômica e ao arrocho salarial.

Até 1986: período de implantação da central. As referências do sindicalismo cutista se materializam nas oposições sindicais, utilizando a estrutura oficial.

Bandeiras que a CUT aponta para o movimento sindical neste período:

reposição das perdas salariais  
defesa do salário  
defesa do emprego  
defesa da reforma agrária  
defesa da liberdade e autonomia sindicais

- b) Em oposição a estrutura vertical oficial, a CUT cria a estrutura horizontal. 1986 pode ser analisado como o primeiro salto de qualidade importante: pretende-se que a CUT não pode ser concebida apenas como uma articulação de sindicatos, como uma referência de lutas. Era preciso viabilizar um novo projeto sindical.

Fenômenos importantes neste período: disputa interna na central e discussão do projeto sindical da CUT.

Na discussão do projeto sindical colocam-se questões tais como nossos princípios sindicais, a prática sindical, a construção do socialismo.

Em 1988, tiram-se resoluções mais aprofundadas sobre a concepção e prática sindical, sobre a estrutura sindical e sobre medidas de transformação da CUT na perspectiva do projeto.

Um novo salto de qualidade está colocado: a CUT se constituir numa representação orgânica classista dos trabalhadores, em direção de lutas.

Começa a se desenhar o projeto da estrutura sindical que articula a estrutura vertical com a horizontal, criando as condições para a combinação da luta imediata com a luta histórica dos trabalhadores, rompendo, inclusive com a justiça do trabalho.

. Estrutura horizontal: CUT nacional, CUTs Estaduais, CUTs Regionais, Sindicatos de Base.

Estrutura vertical: Comissões Sindicais de Base, Sindicatos de Base, Departamentos Estaduais e Nacionais, estes por ramo de produção.

O Sindicato de Base é o centro tanto da estrutura vertical como horizontal, porém, um novo sindicato de base da estrutura organizativa da CUT. Muitos sindicatos entendem que o sindicato de base não faz parte da estrutura da CUT.

As instancias horizontais devem representar e serem direção de luta do conjunto dos trabalhadores dos sindicatos filiados a CUT.

O programa de planejamento e administração sindical deve ser trabalhado na construção deste projeto, transformando nossa prática em uma nova cultura sindical. Para isto é preciso fortalecer as instancias verticais e horizontais.

O desafio fundamental, então, é a construção do novo projeto de estrutura sindical (que se traduz em uma nova concepção sindical) e a contribuição que pode dar a este projeto um programa de formação em planejamento e administração sindical”.

Varias “dificuldades, algumas causas, algumas necessidades”, são levantadas no Seminário:

- . novos dirigentes assimilam os métodos dos “velhos dirigentes”;
- . distancia entre a constatação dos problemas e a capacidade de enfrenta-los;
- . falta de clareza dos dirigentes quanto ao seu papel;
- . questões do poder e o autoritarismo prejudicando o desenvolvimento do trabalho sindical;
- . estratégias, quando existem, são de curto prazo e não são coletivas; as forças políticas passam a brigar de maneira fútil por espaços dentro da máquina, por questões superficiais; deteriora-se a qualidade da discussão política.
  - . Concepção de que a administração é algo meramente burocrático (...);
  - . estrutura do sindicato versus estrutura da empresa: diferenças e semelhanças (...)
  - . relação funcionários-dirigentes: a democracia e a questão da eficiência;
  - . funcionários: profissionalismo versus militância...
  - . falta de uma cultura sindical sólida nas suas varias dimensões...
  - . o corporativismo está introjetado nos próprios dirigentes;
  - . pesada herança do corporativismo e do assistencialismo;
- . inexistência de um acúmulo sistemático de conhecimentos, de pesquisas, análises, estudos e perspectivas das categorias e da classe. Inexistência de pessoas e grupos voltados para estas questões;

- . falta de clareza conceitual entre objetivos, estratégias e táticas...
- . diferenças objetivas entre a concepção cutista e a forma como a máquina está estruturada: o dirigente tem a cabeça na CUT e os pés na CLT;
- . falta de preparação do dirigente: muita dificuldade para absorver os objetivos estratégicos da CUT e aplicá-los na prática cotidiana;
- . falta de estratégia para dismantelar a velha estrutura e construir a nova (assistencialismo, sustentação financeira, democracia, transparência, etc.);
- . falta de percepção dos objetivos e da estratégia da burguesia;
- . trajetória objetiva dos militantes: pequena experiência histórica do movimento, dificuldades para lidar com as questões do planejamento;
- . falta de um projeto, de um modelo sindical que sirva de referência;
- . necessidade de que haja um plano de trabalho não só para as questões imediatas mas também para o médio e o longo prazos;
- . necessidade de disseminar a discussão sobre objetivos estratégicos do movimento sindical com vistas a formação coletiva de projetos e estratégias;
- . dificuldades levam a existência de duas estruturas paralelas: a velha, que cuida da burocracia, assistencialismo, etc.,...e a nova, voltada para a luta;
- . a conjuntura muito dinâmica impede a dedicação de recursos ao fortalecimento das capacidades de organização e de formulação coletiva de estratégias;
- . a realidade discutida refere-se fundamentalmente ao sindicalismo urbano. As questões do sindicalismo rural devem ter discussão específica.”

Apos o 4o Concut(1991),quando a crise política da CUT atingiu dimensões maiores,A Executiva nacional decidiu elaborar um “planejamento sistematico”de suas ações para o período de 92/94.

No texto introdutorio ao Documento do planejamento,afirma-se a necessidade de consolidar a Central,apos o período de criação e implantação nacional.Na nova conjuntura historica,deve-se aliar a combatividade -característica dos anos 80-,um salto de qualidade em termos organizativos é o novo desafio que se apresenta.

Logo apos o 3o Concut(1988-MG),a SNF e a Executiva Nacional decidiram pela realização de um programa de formação em planejamento e administração sindical,em convenio com a Escola Sindical 7de outubro.(Vimos os relatos acima).

Portanto,após o IV CONCUR (1991),realizado em SP, a direção nacional participou de um Planejamento estratégico. Vejamos , 2 anos após o Seminário de BH, quais eram os nos críticos da CUT.

Os problemas trabalhados foram:

- dificuldades no enfrentamento do projeto neoliberal
- insuficiência de organização por local de trabalho
- falta de integração e participação nas instâncias e entre as instâncias da Central
- inexistência de uma gestão participativa e planejada
- desequilíbrio na relação receita x despesa
- ausência na CUT de estratégia que contemple os pequenos agricultores

Em relação ao primeiro ponto, a operação 1 previa:

Articular um fórum do campo democrático e popular, viabilizando uma plataforma e atuação comum.

Em relação ao segundo problema, uma outra operação 1, previa:

Criar mecanismos de acompanhamento e avaliação do processo de construção de OLT.

Neste ponto, a “Árvore Explicativa” GRADE

=====

Sobre a OLT, várias resoluções foram tomadas no IV CONCUT. Entretanto, o balanço após estes anos todos, reflete-se no Documento da 7a. Plenária nacional (1995):

“As decisões do 4 Concuto, em 1991, sobre a necessidade de avançarmos na organização dos trabalhadores a partir dos locais de trabalho, salvo as raras exceções, não saíram do papel, o que demonstra ainda, a fraca penetração dos nossos sindicatos na maioria das empresas que compõem suas bases sindicais”.

### 3) POLÍTICAS DE GOVERNO.

Em inícios de 1995, antes da posse de FHC, A Escola Sul da CUT promoveu um seminário em que se diagnosticou os desafios da Central para conjuntura recém iniciada. Vejamos como estavam os problemas da CUT, 5 anos após o Seminário realizado em MG, 4 anos após o 4 Concuto. Portanto, muitos temas novos foram incorporados, outros temas, bem velhos, persistem.

Várias sínteses foram traçadas.

A Primeira Síntese, diz respeito aos temas:

1. “Reestruturação produtiva e suas implicações na organização sindical”.
2. Cenário indicativo do governo FHC.
3. Sistema democrático de relações de trabalho.

Sobre o primeiro tema, temos os seguintes pontos:

1. Constatções gerais:
  - 1.1. O processo de reestruturação produtiva é independente do governo. Mas seu conteúdo, seu caráter, sua velocidade e suas consequências são determinados politicamente.
  - 1.2. O governo FHC vai propor reformas estruturais.
  - 1.3. O processo forja uma nova composição da classe trabalhadora:
    - integrados/incluídos com importância estratégica no processo de produção: maior autonomia, maior poder, maior responsabilidade. Mudam os compromissos na relação capital e trabalho.
    - Tradicionais/terceirizados: relações de trabalho mais precárias e tradicionais.
    - Excluídos: desemprego estrutural e informalização, constituindo a maioria da classe

- 1.4. O trabalho perde a centralidade como espaço fundamental da sociabilidade do cidadão
  - 1.5. O movimento sindical não discute o trabalho, mas somente o emprego.
2. Desafios:
- 2.1. Construir um projeto político solidário da classe, que consiga compatibilizar os interesses dos excluídos e incluídos.
  - 2.2. Como dialogar com a nova composição da classe, dado o aumento do conflito intra-classe (há uma perda da universalidade dos direitos) ?
  - 2.3. A organização sindical atual e a proposta de organização sindical da CUT conseguem responder a nova complexidade da classe?
  - 2.4. O movimento sindical tem capacidade de organizar e representar os excluídos?
  - 2.5. A resposta sindical deve ter um caráter de resistência/enfrentamento ou de negociação/proposição?
3. Respostas sindicais:
- 3.1. Pressuposto: representatividade política e capacidade de articulação com as demandas da base.
    - OLT adquire papel fundamental
  - 3.2. Reconhecer a existência dos impactos do processo de reestruturação ao movimento sindical.
  - 3.3. Disputar quem ganha e perde: conjunto da sociedade ou alguns poucos trabalhadores e patrões.
  - 3.4. Luta pela redução da jornada
  - 3.5. Resposta política, através do sistema democrático de relações de trabalho.
  - 3.6. Reconhecer que a reestruturação traz novas possibilidades para a ação sindical
    - Mais poder dos trabalhadores
    - Mais impactos na produção
    - Maior capacidade de elaboração

### **Cenário indicativo do governo FHC**

- a. Introdução de reformas estruturais:
  - Abertura comercial
  - Privatização
  - Previdência
  - Saúde
  - Fiscal e tributária
  - Desregulamentação da economia
- b. Reformas no sistema de relações de trabalho:
  - Convenção 87 da OIT: fim do imposto e da unicidade
  - Rediscussão da CLT
  - Livre-negociação: fim da política salarial e do poder normativo
  - Contrato coletivo por empresa
  - Papel do Estado: estabelecer as regras do jogo

- Drástica redução nos encargos sociais
- Participação nos lucros e remuneração variável

Pergunta:

Como se dará o processo de implantação dessas reformas?

- A. O governo conseguirá criar consensos na sociedade e com que mecanismos? Discutindo ou impondo?
- B. A posição da CUT será defensiva (resistência) ou ofensiva na afirmação de sua proposta para a sociedade?

### *Sistema democrático de relações de trabalho*

1. Liberdade de organização sindical, inclusive de OLT
2. Ampliação do poder de negociação (CCT)
3. Redefinição do papel do Estado: legislação de suporte e garantias individuais básicas.

Desafios:

1. Como fica o sindicato sem imposto e sem unicidade compulsória?
2. Como avançar na proposição da CUT de uma organização sindical por ramo?
3. Sustentação financeira do sindicato?
4. Alcance dos acordos/convenções?
5. Qual o papel da Justiça do Trabalho com o fim do poder normativo?
6. O que fazer com o juiz classista?
7. Qual o caráter da OLT?
8. Patrimônio dos atuais sindicatos?
9. Perspectivas das câmaras setoriais?

A segunda síntese do Seminário analisa a  
Transição: Desafios e Perspectivas para o Movimento Sindical

1. Caracterização das reformas e do contexto político do governo FHC
  - 1.1. FHC tem legitimidade para propor reformas, mas não para impor através de decreto
  - 1.2. Congresso tem maioria conservadora, mas isso por si só não significa que o bloco do no Centrão terá atuação homogênea
  - 1.3. Gover necessita base de apoio para reformas, que irá buscar na base da sociedade e no movimento social organizado, em confronto direto com a CUT

Conclusões:

1. Há espaço e há necessidade de disputar projetos com o governo no conjunto da sociedade
2. Há espaço para formação de bloco com outros organismos da sociedade civil em defesa das reformas que a CUT propõe.
3. Chegou o momento de a CUT tomar a iniciativa política de apresentar suas propostas alternativas nesse debate.



### Desafios e Perspectivas:

- 2.1 A CUT tem acúmulo de posições, mas ainda deve aprofundar as formulações em torno dos temas em debate
- 2.2 O movimento sindical deve conceber a reformulação da sua estrutura, para um cenário de liberdade e autonomia sindical:
  - Organização referenciada na central sindical
  - Movimento de implantação sindical nos locais de trabalho
  - Organização por ramo de atividade
  - Formação sindical para qualificar os dirigentes para enfrentar este novo cenário e também para disputa com outras concepções sindicais.
- 2.3 A globalização da economia impõe a necessidade de organização internacional dos trabalhadores

A terceira Síntese, a final, reflete o resultado dos trabalhos de grupos. São pontos indicativos aprovados pelo plenário.

### Desafios:

1. Reestruturação produtiva
  - realizar diagnóstico sobre a reestruturação produtiva
  - definir forma de enfrentar a exclusão social-desemprego tecnológico
  - definir alternativas as políticas compensatórias do governo FHC aos excluídos
  - organizar os sindicatos no Mercosul
  - estudar o processo de trabalho

definir o perfil de atuação sindical numa sociedade de excluídos, com número cada vez menor de trabalhadores assalariados

  - conhecer o contexto internacional e as políticas de cada empresa para definição da OLT
2. Organização sindical
  - necessidade de reestruturação organizativa do movimento sindical
  - CUT não tem estrutura para enfrentar a pluralidade sindical
  - como implantar a OLT?
  - Ampliar discussão sobre Contrato Coletivo de Trabalho
  - dificuldade de organização por ramos
  - relação de sindicato com a base e do sindicato com a CUT
  - definição de uma estrutura mais clara sobre estatuto do setor público e privado
3. ESTADO
  - discutir qual a proposta da CUT para o papel do Estado e privatização
  - atuar na Reforma Constitucional
  - intervir permanentemente na definição de políticas públicas
  - garantia de direitos sociais
4. Projeto da CUT
  - qual a definição conceitual de nosso projeto? É apenas construir a cidadania e a distribuição da renda/ ou construir o socialismo?
  - Como conciliar interesses específicos e gerais da classe?
  - Como resgatar os princípios históricos da CUT?

- Promoção da solidariedade
- dar respostas ao desafio de construir um projeto voltado para a totalidade da sociedade
- relação do sindicato com a sociedade
- articulação permanente com outros setores da sociedade, principalmente com movimentos organizados
- defesa da reforma agrária e de uma política agrícola
- dirigentes não conhecem o conjunto de propostas da Central
- CUT tem projetos mas não implementa  
(vamos pular alguns aspectos da Síntese: formação, comunicação)

#### 7. *Prática Sindical*

- superar as resistências dos dirigentes as mudanças
- construir consensos e unidade política interna em torno das propostas da CUT
- dificuldade de convivência interna das correntes

#### 8. *Política de Alianças*

- atuar como polo aglutinador para enfrentar a polarização ideológica no próximo período

(Seguem as Diretrizes sobre estas mesmas questões. Vejamos algumas)

#### 4. projeto da CUT

- A CUT reafirma princípio de sua autonomia em relação ao governo. Mas luta pela democratização do Estado e participa de espaços institucionais onde estejam em discussão questões referentes aos trabalhadores, tais como os conselhos populares.
- Ampliar nosso raio de ação e interlocução com outros setores e atores sociais
- ampliar nossas políticas para o cenário internacional
- fiscalizar e acompanhar as ações dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário
- disputar nossos projetos no conjunto da sociedade
- criar capacidade de unificação de nossas lutas
- deliberações da CUT devem ser tomadas a partir da base

#### 7. *Prática Sindical*

- por em prática as resoluções da CUT
- democratização dos espaços de debates e deliberação internos da CUT, no sentido de superar as divergências
- resgatar a luta e a greve como instrumento central
- democratizar os sindicatos
- rodízio dos dirigentes liberados
- retomar trabalho de base
- reforçar a CUT com maior contribuição financeira, como forma de enfrentar a fragmentação
- articular discurso com prática
- superar uma cultura autoritária, que privilegia a exclusão
- ampliar a ação sindical para além da porta da fábrica.

#### 8. *Política de alianças*

- discutir com a sociedade os projetos da Central
- propor uma agenda de debates para o conjunto dos movimentos e sociedade
- A CUT deve ser um polo aglutinador da sociedade civil organizada - do campo democrático e popular- na democratização dos meios de comunicação e na garantia dos direitos sociais
- juntar forças com o MST, Igrejas e movimentos, para enfrentar o projeto FHC
- Na avaliação destaca-se “a constatação de que o atual modelo sindical é incapaz de responder as demandas da classe... indica a necessidade de mudança da nossa organização e ação sindical”.

Por fim, a fala de Lorenzetti condensa os desafios organizativos da CUT:

Três elementos são fundamentais nesta profunda reestruturação organizativa e de gestão sindical. Poder-se-ia mesmo falar de uma verdadeira refundação dos sindicatos no Brasil.

O primeiro elemento é referenciar o sindicalismo em projetos de central sindical. (...)Ela não pode ser somente uma somatória de lutas como é hoje. Os sindicatos vão deixar de ser filiados as Centrais, para fazerem parte da estrutura orgânica da Central... Manter todo poder nos sindicatos é reforçar uma visão corporativista.

Um segundo elemento é a organização por ramo de atividade.

Outro elemento fundamental, o terceiro, é o enraizamento do sindicalismo dentro da empresa, no local de trabalho...

Lorenzetti fala, então, do modelo de Central: “é de ser uma confederação de sindicatos, tendo uma estratégia de estrutura vertical por ramos e fortalecendo as instancias horizontais. Neste sentido, o Contrato Coletivo é uma expressão deste tipo de central, pois pretende ser articulado nacionalmente: contratos nacionais, por setor e chegando ao local de trabalho”.

#### 4) DISPUTA DE HEGEMONIA

Passemos ao ultimo dos 4 campos de determinação.

Retomando os campo de disputa de hegemonia, vimos que são 3:

1. as relações com seus representantes
2. com a contraparte empresarial
3. com o sistema global, o sistema político
  - =primeiro campo, expressa relações de representação em sentido específico, incluindo a própria relação com sua base; inclui a forma mais propriamente organizativa da CUT. Aqui, são dois os níveis: o local de trabalho e, o nacional.
  - =O segundo campo, são essencialmente as relações contratuais e/ou conflituosas.
  - = O terceiro campo, são as relações com o Estado, como sujeito da política econômica, como expressão de interesses: da classe dominante na economia e na política.

Como já vimos, as relações com a contraparte, que se expressam na estrutura da contratação coletiva, são estreitamente articuladas com a forma de representação; e, também, com tudo que diz respeito ao confronto com o Estado.

No que diz respeito as relações de representação do sindicalismo, elas podem assumir a natureza associativa ou classista.

Quando são associativas-corporativas, os sindicatos agem como representantes dos seus filiados. É o caso, por exemplo, do sindicalismo de empresa dos EUA. Organiza-se nos locais de trabalho, porém, esta organização fica fechada em -si-mesma. Este tipo de sindicalismo não considera sua tarefa de coordenar os interesses do conjunto dos trabalhadores: sua representação é específica, não é geral; não se interessam pelos interesses do conjunto da classe.

Quando são classistas, referem-se ao sistema sindical que é articulado com o sistema político. Assim, em torno deste sistema, a ação sindical obtém vantagens para todos os trabalhadores do país, e não apenas para seus filiados. Há um sujeito central que coordena as reivindicações em vistas dos interesses dos trabalhadores de toda a economia, e não apenas dos trabalhadores de alguns setores. É uma representação de tipo geral, em que o acento é posto na coordenação de interesses que, na base, são heterogêneos. A preocupação é que as reivindicações em favor de certos setores ou grupos, não vão contra reivindicações de outros grupos ou setores. A distinção entre sindicalizados e não-sindicalizados perde relevância.

Portanto, a política contratual da organização de representação de fábrica (local de trabalho, em geral) está subordinada aos sindicatos territoriais; os sindicatos territoriais por ramo de atividade articulam-se a intersetorial ou confederal (Central).

A estas duas características do sindicalismo classista (ação em favor de toda a classe e organização baseada nos locais de trabalho (verticalidade), mas articulada ao territorial (horizontalidade), ajunta-se uma terceira: a presença de “redes” com outros movimentos sociais, sejam: partidos, movimentos populares, etc. Aqui, está o campo amplo da disputa de projetos na sociedade.

### A Crise do Trabalho

Vivemos uma profunda mutação histórica, que põe em causa a ordem da sociedade moderna em um de seus núcleos essenciais: uma crise do trabalho.

Ao mesmo tempo, em correlação com esta crise do trabalho, entram em crise todas as formas de sociabilidade relacionadas, direta ou não, à instituição do trabalho: empresa, escola, sindicatos, partidos, Estado-Nação, etc.

Esta grande metamorfose, com seu impacto civilizatório, por profundamente em questão a cultura ligada ao Movimento Operário e ao Socialismo.

A visão de mundo, dita “pos-moderna”, faz alguns prognósticos:

- fim da centralidade do trabalho;
- desaparecimento das classes sociais;
- declínio das ideologias transformadoras;
- agonia do socialismo;
- recuo da produção devido a crise ecológica.

Os campos de análise concernem a todas as formas imediatas de organização do trabalho, do taylorismo, do fordismo, do toiotismo, as políticas económicas, os modelos de Estado e de sociedade.

Contudo, o período atual não é o primeiro no qual se fala de crise do trabalho. Em todas as grandes crises estruturais (o final do século XVII, o final do século XIX; o período dos primeiros 15 anos deste século, o período entre as duas guerras) o trabalho esteve no

centro das reflexões. O mesmo ocorreu no fim-do-século passado; durante a crise de 1930. A amplitude das mudanças atuais faz pensar ao período que Foucault analisou, passagem da “Idade clássica” para “Idade Moderna”: não apenas o “nascimento do trabalho” modificou a ordem social, mas engendrou uma nova episteme, afetando a natureza, os métodos e as funções do saber. Daí, que podemos caracterizá-la como de “ruptura epistemológica”, de “crise do processo civilizatório”.

Neste sentido, na visão de Lojkin, a “revolução industrial” toma um aspecto amplo: “para nós a revolução industrial não é somente uma revolução tecnológica, uma revolução dos meios de produção e da organização do trabalho; é igualmente uma revolução na cultura, na civilização”. Lojkin distingue quatro grandes pilares da civilização industrial que são atualmente em crise profunda:

=O produtivismo industrialista;

=A divisão entre “trabalho” e “tempo livre”;

=A divisão funcional entre os que concebem, planejam, e os que trabalham;

=A divisão entre espaço público (esfera do político e da opinião) e espaço privado (doméstico e profissional).

Em relação ao 3º ponto, salienta que, para falar de “pos-taylorismo”, o essencial não foi feito, isto é, o acesso dos trabalhadores, diretamente (através de instituições autogestionárias) e indiretamente (através das instituições representativas horizontais e verticais), às decisões estratégicas.

Lojkin conclui sua análise: “Face à cultura “contestadora” do movimento operário, saída da revolução industrial, que adiava para as vésperas da revolução política a construção de uma alternativa ao capitalismo, surge hoje a exigência de uma nova cultura revolucionária capaz de disputar na prática aos dirigentes as normas e os critérios de gestão”.

Um aspecto é fundamental, quando falamos de disputa de hegemonia. Entendemos esta última numa acepção ampla, isto é, “hegemonia integral”: a construção de uma alternativa hegemônica política e cultural.

Os aspectos globais das mutações deste final de milênio, trazem desafios fundamentais no campo da cultura e do conhecimento. A luta cultural não pode se limitar ao desmascaramento dos mecanismos ideológicos da sociedade. Deve plasmar uma cultura democrático-popular. Um trabalho de auto-criação cultural, uma verdadeira revolução intelectual e moral.

A experiência da história nos mostra que, nem as modificações sócio-políticas, nem as transformações econômicas, são suficientes para definir um projeto de transformações globais. Para este ser radical e amplo, deve questionar, criticar e transformar o núcleo primário dos valores e significados que habita no mais fundo dos costumes, dos hábitos e modos de viver e pensar da sociedade capitalista.

Este aspecto, nos leva à proposta de Boaventura Santos, no que diz respeito aos espaços-tempos estruturais da sociedade capitalista. Essa proposta tenta dar conta de uma série de dificuldades relacionadas, seja, a relação Estado x Sociedade Civil, seja, a questão da Sociedade Civil em - si - mesma.

“As sociedades capitalistas são formações ou configurações constituídas por quatro modos básicos de produção de poder que se articulam de maneiras específicas. Estes

modos de produção geram quatro formas básicas de poder que, embora interrelacionadas, são estruturalmente autônomas”

*Mapa estrutural das sociedades capitalistas*

Componentes elementares //////////////////////// Espaços estruturais	Unidade de prática social	Forma institucional	Mecanismo de poder	Forma de direito	Modo de racionalidade
Espaço doméstico	Sexos e gerações	Família, casa mento e parentesco	Patriarcado	Direito doméstico	Maximização da afetividade
Espaço da produção	Classe	Empresa	Exploração	Direito da produção	Maximização do lucro
Espaço da cidadania	Indivíduo	Estado	Dominância	Direito territorial	Maximização da lealdade
Espaço mundial	Nação	Contratos, acordos e Org. internacionais	Troca desigual	Direito sistêmico	Maximização da eficácia

Outros espaços, como da etnia, da ecologia, representam, no essencial, combinações diversas entre os quatro conjuntos de relações paradigmáticas.

O quadro de Boaventura traz a vantagem de fugir aos reducionismos de todas as matizes, de evitar ênfases excessivas em alguns aspectos em detrimento de outros, e, de permitir a discussão das mediações, das articulações. Como articular as preocupações com classe, sexo, raça? Como respeitar a autonomia de cada sujeito? Como articular o coletivo com o individual, o nacional e o internacional, o local e o global? Como combinar objetivo e subjetivo, classista e não-classista? A questão da não-centralidade do trabalho, dos novos movimentos sociais, como pensar todo este complexo no quadro de construção de uma alternativa de hegemonia nacional-cultural?

Aqui vale a advertência de Terry Eagleton, “No atual tríptico de preocupações da esquerda com classe, raça e sexo, sente-se frequentemente que uma ênfase excessiva na primeira destas categorias tende a dominar e a distorcer a investigação nos dois outros campos, cuja presença é menos seguramente esclarecida pelo instrumental teórico da esquerda e assim vulnerável a apropriação pela política de classe de forma muito estreita... é difícil não sentir que a queixa contra o discurso socialista como um solvente universal dos projetos políticos alternativos é não só cada vez mais incerta, como, em alguns contextos, ironicamente sombria. A verdade é que uma combinação de fatores contribuiu para que, em muitas áreas de pensamento de esquerda contemporânea,

surgisse uma crítica denegatória, aberta ou velada, a categorias como classe social, modos de produção e formas de poder de Estado, em nome do compromisso com um estilo de política mais “localizado” de luta política (..)

Afirmar que esta atenção aos estilos de política não-classista seja, em parte, uma resposta, consciente ou não, as dificuldades atuais enfrentadas pelas formas mais tradicionais de política não é, de forma alguma, diminuir o valor intrínseco dos movimentos alternativos. Qualquer projeto de transformação socialista que pretenda ter sucesso sem um aliança com estas correntes, e sem respeitar inteiramente sua autonomia, não passaria de uma imitação oca de um processo emancipatório. O que pretendemos lembrar é que tanto uma estratégia socialista que passasse ao largo da questão da opressão de raça e sexo seria sonoramente vazia, como essas formas particulares de opressão também só poderão ser superadas no contexto do fim das relações sociais capitalistas. O primeiro ponto vem sendo frequentemente enfatizado, mas o último anda sob risco de esquecimento”.

No campo da relação entre gênero e classe, as pesquisas mais recentes, como por exemplo de Helena Hirata, buscam uma “reconceitualização da noção de trabalho, a partir da introdução, no centro da análise, da dimensão “gênero” ou “sexo social” e da dimensão “Norte-Sul” ou “divisão internacional do trabalho”.

Nota Hirata que “A ampliação do conceito de trabalho pela inclusão do sexo social e do trabalho doméstico, não-profissional, não-assalariado e não-remunerado teve consequências no plano teórico e epistemológico, de fazer explodir toda uma série de clivagens, como entre produção e reprodução, assalariado e família”.

Ou que, “Nas análises sobre as relações sociais de sexo, entendidas como relações desiguais, hierarquizadas, assimétricas ou antagônicas de exploração e de opressão entre duas categorias de sexos socialmente construídas, a predominância de um dos componentes destas relações, seja a componente opressão/dominação de sexo, seja a componente (super)exploração econômica, constituiu uma das diferenças maiores separando o campo de pesquisas e do movimento feminista, tanto no Norte como no Sul.

Relações de classe ou relações de sexo, antagonismos de classes ou antagonismo de sexos, tudo se passava como se a importância dada a uma destas relações implicasse deixar a outra em plano secundário. Foi Daniele Kergoat que conceitualizou estas duas relações sociais em termos de “coextensividade”(..)

Se partimos da ideia de “co-extensividade”, a exploração no trabalho assalariado e a opressão de sexo são indissociáveis, a esfera da exploração econômica - ou a das relações de classe - sendo aquela onde se exerce o poder masculino sobre as mulheres”.

### *C) CAMPO INTERNO DE INTERAÇÕES*

Neste espaço, vamos tratar das várias posições dentro da CUT, em relação à questão da “reestruturação organizativa”, ou do “sindicato orgânico”.

Alguns documentos foram publicados: da Corrente Sindical Classista, da Articulação Sindical, da Alternativa Sindical Socialista, da Força Socialista, os Documentos incluídos no caderno de teses para 7a. Plenária Nacional.

Sao documentos assinados por coletivo de militantes ou, noutros casos, por uma pessoa representativa da corrente em questao. De certa forma, temos que levar em conta que ainda nao sao documentos oficiais das correntes. Contudo, expressam as questoes que correm no debate atual.

No momento em que escrevemos este texto, o quadro de forcas se poe da seguinte forma:

1. Pro-sindicato organico:

Articulacao Sindical, Alternativa Sindical Socialista, Democracia Socialista, Tendencia Marxista, Forum Socialista / (todos no campo do PT)

2. Contra-sindicato organico:

Corrente Sindical Classista-PCdoB-, MTS-PSTU, etc- / (fora do campo do PT)

O Trabalho, Forca Socialista, Brasil Socialista / (todos no campo do PT)

=====

CORRENTE SINDICAL CLASSISTA

1. De inicio, as posicoes da CSC, atraves de artigo de Altamiro Borges, publicado em Debate Sindical, no box "Polemica".

A) *sobre a 7a Plenaria Nacional.*

"Elaborada nos gabinetes pelo staff da tendencia majoritaria da central, a Articulacao, a proposta do modelo organico surpreendeu a maioria dos cutistas do pais. Em varias assembleias sindicais de tirada de delegados, nem sequer os ativistas de base dessa corrente conheciam o teor, e muito menos a essencia, de tal propositao".

"... apesar da precaria apresentacao, a proposta pode representar uma "revolucao" na estrutura da central... Nem por isso a ideia foi debatida em maior profundidade e da maneira mais democratica, como se recomenda a adocao de qualquer resolucao de peso...

A propria instancia que aprovou a proposta, uma plenaria que credenciou apenas 369 delegados, quando se sabe que a CUT tem mais de 2.200 entidades filiadas, nao foi das mais representativas e nem a mais apropriada para uma decisao deste relevo. O natural seria que o tema fosse discutido no forum maximo da CUT, no seu congresso nacional.

B) *sobre o diagnostico atual.*

"A Articulacao parte de uma dura critica a atual estrutura sindical brasileira, "arcaica", que incentiva o corporativismo. Diz tambem que o mundo do trabalho passa por profundas mutacoes... que afetam duramente o movimento sindical e exigem novas respostas da central.

Quanto ao diagnostico, nada contra. O problema é o remedio. Diante deste quadro, a Artsind propoe medidas de carater eminentemente organizativo para superar as atuais e futuras dificuldades do sindicalismo brasileiro. Pouco ou nada fala sobre os serios problemas de direcao da central. É como se a tal estrutura organica... fosse a panacea para os males do movimento sindical".

A experiencia brasileira recente, e mesmo a internacional, indicam que as debilidades proprias do sindicalismo sao essencialmente politicas.



C) sobre a proposta em -si.

Se o “buraco é mais embaixo”, quais os motivos do acodamento da Articulação em aprovar tal proposta? Quais as prováveis consequências da implantação desta estrutura no Brasil? A resposta a estas questões, que são essencialmente políticas e não funcionais ou de princípios, é que deve balizar a postura das correntes cutistas mais à esquerda. Na atual conjuntura, essa proposta favorece ou não o processo em curso de social-democratização da CUT -eis a questão!

*D) sobre a centralização de poder*

Com a estrutura orgânica, os sindicatos de base perdem poder e autonomia... Sua contribuição financeira (do trabalhador), por exemplo, seria depositada na conta da central e não das entidades de base. Do piso ao topo, da comissão de fábrica até a federação nacional do ramo de atividade, tudo ficaria sob controle direto da executiva da CUT... Todo o aparato da estrutura orgânica também teria o mesmo destino. Gráficas, jornais, departamentos de formação, jurídico e saúde, etc passariam a ser dirigidos diretamente pela executiva cutista. Os atuais sindicatos, na prática, seriam transformados em meras subseções.

*E) sobre o lado Constitucional e a pulverização dos sindicatos*

O modelo orgânico só tem condições de vingar se for alterada a atual Constituição, com o fim do capítulo sobre unicidade sindical. E aqui surge o segundo grande perigo desta proposta. Ela foi feita sob medida para um país que adote o plurisindicalismo.

A divisão do sindicalismo, que hoje só atinge o topo, chegaria de vez às bases. Surgiriam os “sindicatos orgânicos” da CUT, da Força Sindical, das duas CGTs e até da recém-criada CAT.

Teríamos a proliferação de centenas ou milhares de pequenos e frágeis sindicatos. Estes perderiam o papel de frentes únicas de combate à exploração patronal.

Com a filiação individual à central, como ocorre na Espanha e Itália, a fragmentação atingiria inclusive os locais de trabalho. Os delegados sindicais ou comissões de fábrica teriam que se enquadrar numa das estruturas orgânicas existentes.

O risco de pulverização é ainda maior quando se sabe que as empresas estão investindo pesado nos chamados “novos métodos de gerenciamento”, via CCQ, ilhas de produção, etc. Numa disputa aberta pela hegemonia no interior do próprio local de trabalho... Com o pluralismo, elas teriam escancaradas as possibilidades de criar seus próprios sindicatos -a exemplo do Japão, onde são comuns os “sindicatos casas”, nitidamente patronais.

*E) sobre a concepção política da Artsind*

Já faz algum tempo que ela assimilou a badalada tese do “fim da história”... A Artsind abraçou o ideário da velha social-democracia... De uma postura de confronto com o capital, que se manifestou na origem desta tendência, ela adota hoje uma prática “propositiva”, civilizada, de convivência com o sistema capitalista.

*F) sobre o poder de negociação*

Alem disso,na estrutura organica o que passa a valer é o poder de negociacao da central,que será a interlocutora privilegiada das contratacoes coletivas de trabalho e tambem dos possiveis pactos sociais,via cameras setoriais nacionais.

*G) sobre a alternativa no estagio atual*

Diante de tais riscos,a conclusao é que as forcas cutistas de esquerda nao podem subestimar a postura hegemomista da Articulacao,que serve,no essencial,ao seu projeto politico de conciliacao de classes.

No atual estagio,o grande desafio no interior da CUT é forjar um contraponto eficaz,habil politicamente,a concepcao e pratica da corrente majoritaria...O que recoloca,em novo patamar,a propria discussao sobre a politica de aliancas no interior da central.

*H) sobre a Plenaria de agosto 1996*

Até o final do proximo semestre,quando ocorrer a proxima plenaria,o tema necessita ser debatido pelos verdadeiros responsaveis pela construcao da CUT,com a principal referencia sindical da luta de classes no pais - os trabalhadores”.

=====

#### FORCA SOCIALISTA

2) Vejamos a sintese da posicao da Brasil Socialista,a partir do texto de Genildo Batista,na Revista “Brasil Revolucionario”.

a) sobre a 7a Plenaria

A ultima plenaria Nacional deliberou sobre um temario com tais implicacoes para a luta socialista em nosso pais,que julgo seriam decisoes proprias de um Congresso da Central,precedido de ampla discussao nas bases,nos movimentos sociais e no conjunto dos Partidos Socialistas.

B) sobre a estrategia socialista e o sindicalismo

uma concepcao para ultrapassar de forma revolucionaria o capitalismo e favorecer a construcao do socialismo no Brasil,deve ser entendida como uma empreitada de um processo de acumulo de forcas,isto é:

deve envolver a vivencia e a realizacao de tarefas politicas,administrativas,culturais,etc,pelos proprios trabalhadores e o povo no curso do complexo processo de disputa de hegemonia com as classes dominantes.

C) sobre experiencias previas

Entre estas experiencias previas do caminho provavel na direcao da conquista do poder pelos trabalhadores e o povo:

- a construcao de um forte Partido Socialista e de Massas(tal qual a esquerda socialista luta para construir no PT);
- a existencia de um alto grau de unidade entre os trabalhadores do campo e da cidade;
- a existencia de uma Central Sindical Unitaria,Democratica e Combativa que incorpore organicamente o conjunto dos trabalhadores,ou o que exista de numerico, social e politicamente significativo no interior da classe;
- a conquista e o exercicio de um governo democratico e popular no pais,etc.

D) *sobre a unidade dos trabalhadores*

Ora, numa tal concepção a unidade dos trabalhadores é um valor irrenunciável e a construção de organismos sindicais unitários, desde a base, um objetivo estratégico central a ser perseguido

A história não registra vitórias do proletariado sobre a burguesia em meio a classe dispersa em múltiplos organismos com objetivos desencontrados ou conflitantes.

E) *sobre o diagnóstico*

As resoluções em tela buscam, com a proposta do “Sindicato Orgânico”, responder a uma realidade de extrema complexidade. -No mundo temos a crise do sindicalismo face, entre outras, a emergência da chamada “globalização”, da reestruturação produtiva, da 3ª revolução industrial e das novas formas de organização da produção...

- No Brasil, este cenário se articula com a ofensiva neoliberal e sua disposição (que é a disposição da direita) de “dar uma lição nos sindicatos e na CUT”, desarticulando suas bases de sustentação.
- temos, portanto, um contexto já muito modificado em relação aquele descrito por Marx como base para o surgimento e afirmação dos sindicatos...

F) *sobre o governo FHC e os sindicatos*

De acordo com a política das classes dominantes, de “zerar” a organização sindical dos trabalhadores para enfraquecê-los e, assim, poder eliminar ou reduzir conquistas e direitos... o governo e as elites investiram prioritariamente na fragmentação orgânica dos sindicatos; ainda que “sacrificando” a já anacrônica estrutura sindical corporativista e instaurando e induzindo o pluralismo sindical, articulado ao objetivo de construção dos sindicatos por empresa (ou, o mais desejável da ótica deles, o sindicato de empresa).

G) *riscos da proposta de “sindicato orgânico”*

.articulada ao “Sistema Nacional de Negociação Coletiva”: processo em que as cúpulas sindicais - patronais e de trabalhadores - com a mediação estatal ou não, ganham enorme poder.

.Dadas as relações atuais no interior da CUT e no sindicalismo; quadro atual de baixa do movimento sindical e perda de prestígio do sindicalismo classista, democrático e de massas; tais propostas, independentemente das intenções, trabalham no sentido do reforço da autonomização dos dirigentes sindicais e do monolitismo dentro da central...

.associadas a um aumento das contribuições dos sindicatos para a central, exarcebam o poder da cúpula

.essas propostas trabalham no sentido do reforço a burocratização das entidades e do próprio movimento sindical

.ao orientarem a formação (de cima para baixo) de “sindicatos da CUT”, em todos os lugares (num contexto de liberalidade e incentivo estatal para proliferação destas entidades), as resoluções implicarão em prática e em estímulo ao pluralismo sindical - entendido como a fragmentação dos trabalhadores, a partir da base e a constituição de mais de um sindicato por local de trabalho

H) *sobre o pluralismo sindical*

o pluralismo sindical é um sistema de organização basicamente anti-socialista e afim com os pressupostos do neoliberalismo. Ao invés da unidade, ele toma como ponto de partida e estimula a concorrência entre os trabalhadores na relação com o patronato... E, em síntese, a afirmação dos objetivos da social-democracia e da CIOSL.

*I) a via "por cima"*

Desafortunadamente a velha estrutura sindical getulista não vai ruir em função de um ascenso do movimento de massas que pusesse por terra a interferência estatal no movimento sindical. As elites pretendem, também aqui, operar uma "modernização conservadora" da vida sindical.

O fim da velha estrutura sindical tende a significar uma "reforma pelo alto", materializando mais uma acomodação a "modernidade" do mercado do que um impulso libertário.

*J) sobre a guerra entre sindicatos*

O fim do sindicalismo oficial tende a exacerbar a "guerra civil" pela representação dos trabalhadores, entre e dentro das centrais. Sobreviverão os mais fortes. Se isto é correto, sindicatos como o dos Bancários de São Paulo e os de muitas capitais, o sindicato dos metalúrgicos do ABC e o de São Paulo, a Apeoesp-SP, etc, devem permanecer muito fortes. Isto é, dentro da CUT, deve ampliar-se o peso da Artsind e, como consequência, a esquerda tende a se enfraquecer.

*K) o futuro da CUT*

Mais especificamente, avança o processo de constituição da CUT, como entidade que não mais prioriza a mobilização social. Ao contrário, aposta-se todas as fichas na transformação da central numa espécie de para-Estado... Os contratos e acordos coletivos deixam de ser conquistas da luta, da ação coletiva para tornarem-se resultado da capacidade de técnicos e dirigentes (tornados "carreira" cada vez mais especializada, em lugar de missão, de representação de classe).

*L) sobre a liberdade e autonomia sindical*

O Pcdob tem-se colocado contra a Convenção 87 da OIT, contrapondo-a, de certo modo, a legislação atualmente em vigor, como uma espécie de antídoto à divisão dos sindicatos. Nada mais equivocado.

A estrutura varguista fragmenta a classe em categorias profissionais, estabelecendo numa mesma base um "pluralismo sindical cartorial".

*M) sobre uma alternativa*

Para que servem os sindicatos? Há duas respostas:

a) agências para operar a corretagem da mão-de-obra (portanto, instrumentos da concorrência capitalista)

b) espaços que assumem a dimensão da corretagem do valor da força-de-trabalho como meio para exercitar no dia-a-dia a luta pela negação do capitalismo - noutras palavras, como arenas fundamentais de luta pelo socialismo.

Na segunda perspectiva, temos que colocar em pauta como tarefa central a luta para fazer voar pelos ares a estrutura sindical corporativista. Luta que teve seu ponto alto no

moviemento que levou a fundacao da CUT;luta que tem envolvido acao por dentro e por fora dos sindicatos oficiais e,passa pela aplicacao da resolucao 87 da OIT.

N) *sobre valores fundamentais:unidade e unicidade*

A perspectiva revolucionaria nos impoe como valores fundamentais:

- alem da independencia,da pluralidade e da democracia socialista(dos e nos0sindicatos,tomarmos como valores a serem defendidos permanentemente e assumidos como escolha dos trabalhadores9e nao por imposicao estatal): a unidade e a unicidade sindical.

Tomar como norte politico a construcao de sindicatos unicos na base.

O trabalho cotidiano para fazer dos representados os sujeitos efetivos de todas as acoes da entidade -da vitoria e dos reveses;nao resultado da “sagacidade”de dirigentes.Derivam,entao,prioridades para:

.mobilizacao e educacao de base,bem como para a sustentacao financeira e material independente do Estado e de certas formas de “solidariedade”externa.

O) *sobre os trabalhadores no Brasil*

considerar,tambem,

- 1.a experiencia e a cultura politica e organizativa;
- 2.a diversidade dessa experiencia;
- 3.o traco de inorganicidade que caracteriza nossa sociedade e os setores ppulares em especial;

*4.a complexificacao e a dispersao que tende a afetar o “ser-que-vive-do-trabalho”,em nosso pais;o ritmo profundamente desigual do desenvolvimento capitalista no Brasil.M)sobre a superioridade hegemonica*

O sindicalismo transformador deve se apoiar na superioridade etica e politica de seus posicionamentos frente as classes dominantes - e menos no peso da estrutura e de seus estatutos.Isto é,deve ter como norte diretor a disputa de hegemonia e nao as solucoes organicistas.

P)sobre superioridade politica e etica

O sindicalismo transformador dete ter por base a superioridade etica e politica ;norte diretor da disputa de hegemonia e nao as solucoes organicistas.

Q) *sobre o modelo de “sindicato filiado”*

A relacao sindicato/central mais salutar e propria de uma relacao sindical(nao de direcao de Partido/orgao de base) é a do “sindicato filiado”.Obviamente,nao a relacao de hoje,que pouco ou nada muda na vida da entidade com filiacao a CUT.

Trata-se de garantir a organicidade necessaria ao funcionamento de uma central sindical,inserida no mundo aqui e agora:  
 .com estatutos basicamente comuns;  
 .com regras democraticas de funcionamento,principios politicos,deveres para a sustentacao da central minimos obrigatorios,etc.

R) *sobre uma "organicidade flexível".Passos intermediários*

No sentido de construir uma organicidade flexível na CUT, a primeira medida seria a da fixação de princípios e dispositivos básicos que os sindicatos filiados devem seguir obrigatoriamente: proporcionalidade em todas as instâncias, gestão colegiada, política de auto-sustentação (excluindo o imposto sindical); aceitação formal de um termo automático de repasse da contribuição financeira da central, etc.

S) *sobre a democracia interna*

deveria começar pelo fim dos centros paralelos de poder; com a gestão colegiada, especialmente, da tesouraria e da Secretaria de Relações Internacionais, controle colegiado das definições e das viagens internacionais; ampla e regular prestação de contas financeiras e políticas aos organismos de base, etc.

A adoção destes e outros pontos requer um acompanhamento por duas gestões como condição de avanço no campo orgânico.

=====

ALTERNATIVA SINDICAL SOCIALISTA

3) Alternativa Sindical Socialista. Uma proposta para construir a CUT hoje (proposta de roteiro. Versão corrigida). Este texto é mais amplo que o apresentado no caderno de Teses para 7ª Plenária Nacional (assinado por Jorge Luis Martins, Rafael Freire Neto, Sebastião L. de O. Neto, etc)

A) *sobre a liberdade sindical*

O problema é: Como defender a autêntica liberdade de organização sindical sem cair na manobra da direita?

Certamente não será definindo a unicidade sindical que perpetua os pelegos...

Para defender a liberdade de organização sindical devemos deflagrar uma luta que aponte neste rumo, preservando direitos conquistados (não aberrações) e criando novos direitos (como o de organização no local de trabalho).

B) *liberdade sindical e construção da CUT*

Menos no setor do funcionalismo público todo o restante da organização sindical foi definido pelo Estado...

Bom, agora, retomando a iniciativa, a CUT propõe uma mudança global no sentido do Sistema Democrático de Relações de Trabalho - incluída aí a Liberdade de Organização Sindical

Mas porque este debate é tão difícil hoje?

C) *a opção da CUT, no período 1983-86*

Na origem da CUT houve uma polémica com os pelegos e reformistas à época: se uma diretoria não quisesse convocar assembleia para tirar delegados ao Congresso que fundaria a CUT (tal como definido no Conclat onde todos estavam em 1981) podiam os próprios trabalhadores da base convocá-la?

Os que fundaram a CUT disseram: "sim". Os outros: "não". Qual era a diferença? Se quem concede a representação é a base ou é a estrutura oficial.

Fundada a CUT, no entanto, travou-se uma polémica sobre a estratégia a seguir frente a estrutura sindical.

Um setor minoritário propôs construir já (na época) a CUT desde a base, aceitando a “filiação individual” de trabalhadores independente da vontade do sindicato oficial.

A maioria adotou outro caminho: ganhar, através de eleições sindicais, as direções dos sindicatos oficiais; depois, explodir a estrutura oficial “por dentro”.

*D) sobre o resultado da estratégia das “duas etapas”*

Desde a 5ª Plenária Nacional (1992) há um largo acordo entre todos os cutistas de que aquela estratégia só cumpriu (e bem) a primeira parte (conquistar máquinas).

Em relação à segunda parte não somente não a cumprimos, como iniciou-se um processo de “adaptação” do sindicalismo cutista ao sindicalismo oficial...

Os traços de burocratização, de autoritarismo, de exclusão política dos adversários, de banditismo e violência, de corrupção, cresceram em nosso meio

Havia uma base político-ideológica: a “desilusão” provocada pela ofensiva neoliberal combinada com a decadência definitiva do modelo do socialismo real, etc

Mas havia também uma base organizativa: a sobrevivência do sindicalismo oficial, de uma estrutura que existe apesar e contra os trabalhadores...

*E) sobre o significado da retomada atual*

É como se voltássemos aos anos iniciais da CUT para (re)discutir a “filiação individual”. Porque se “o Estado” não diz como irão se organizar os trabalhadores, eles mesmos têm que definir como o farão.

Por isso, a discussão que se (re)abriu no 5º Concut sobre “transformação ou não em sindicatos orgânicos” dos atuais sindicatos filiados é pertinente e urgente...

*F) sobre a relação CUT e sindicatos*

Só a 6ª Plenária Nacional da CUT (1993) deliberou que as assembleias de base deviam aplicar a proporcionalidade para tirar delegados aos Congressos da Central.

Até então só os sindicatos aplicavam essa medida democrática se quisessem...

No 2º Congresso Nacional (1986) houve até resolução sobre a estrutura sindical cutista. Na 4ª Plenária Nacional (1992) reiteirou-se a ideia de que a CUT deveria aprovar parâmetros básicos a serem seguidos pelos seus sindicatos filiados. Estes parâmetros deveriam garantir:

- uma organização com representação de base (superando o cupulismo)
- normas democráticas para a disputa de posições nas entidades (contra as exclusões e o monolitismo atual)
- normas éticas que definam o marco de respeito à verdade e à dignidade entre membros das entidades (contra o banditismo sindical)

A CUT não pode “punir” as entidades que não aplicam estes parâmetros. Ai está o problema. Se não cumprir faz-se o que? Aliás, a CUT “fará o que?”

G) *sobre as tendencias presentes na CUT*

.pulverizacao,segmentacao,dispersao politico-sindical,burocratizacao,falta de democracia,violencia,matonismo.

Enfim,sao tendencias,nao uma avalanche.Mas tem todas as condicoes para se desenvolverem se nao operarmos a tempo.Há uma resposta organizativa(avancando na organicidade da CUT) e uma resposta politica(respondendo aos desafios da conjuntura).

H)*sobre a organicidade*

Quando discutimos a” organicidade” da CUT,estamos discutindo o “projeto CUT”.

Para nós,a proposta de “sindicato organico da CUT”nada mais é que a concretizacao da democratizacao dos sindicatos de base,do estabelecimento e consolidacao de um padrao de funcionamento que garanta a democracia e a transparencia nos sindicatos(e que avance isso na CUT)

Nao se trata,hoje,de “uma proposta”acabada de estatutos e de vinculacao do CGC das atuais entidades,mas de consolidar o projeto CUT a ser apresentado a classe trabalhadora como opcao de organizacao sindical num cenario onde o Estado nao mais poderá intervie...

I) *sobre os riscos*

Evidentemente.Quando afirmamos que a proposta visa consolidar o projeto CUT,estamos falando de uma disputa politica ao interior do movimento sindical em geral e da nossa Central em particular...aceitamos a hipotese que no processo de debate possa acontecer um retrocesso.

J)*sobre a experiencia recente*

Mas a experiencia,incluido ai o debate da 7a Plenaria,nos mostra que hoje sao maiores as potencialidades da CUT,assim como as maiores ameacas ao projeto cutista original vem dos interesses dos sindicatos de base e nao da propria Central.

K)*sobre os riscos maiores da inercia*

Há riscos,só que há mais riscos em manter a atual forma de sindicatos filiados do que na disputa por constituir uma CUT organica...

L) *sobre a unidade dos trabalhadores*

A atual estrutura sindical corporativista leva a um tipo de divisao,imposta pelo Estado...

Desde a fundacao da CUT,a unidade partia de alguns principios fundamentais,por exemplo:

- a democracia sindical
- a soberania da base

A proposta de organizar a CUT desde o local de trabalho até o nivel nacional,baseada nesses mesmos principios,contempla o objetivo de unificar o conjunto dos trabalhadores na CUT.

M)*sobre mecanismos unitarios*

é de se esperar que outras correntes(sobretudo as pro-patronais)nao aceitem a unidade na CUT.Por isso a proposta da CUT para o Sistema Democratico de Relacoes de Trabalho incopora a formacao de organismos unitarios(fora da estrutura dos sindicatos e



Centrais) desde a base, através dos quais estará garantido um mecanismo democrático de representação para o conjunto dos trabalhadores (sindicalizados ou não)

*N) sobre os mecanismos democráticos*

A organicidade que propomos parte de resgate daquilo que é conquista da ação cutista nos sindicatos de base: em particular, a soberania dos trabalhadores na/da base.

A organicidade deve permitir mecanismos de ampla consulta democrática a base da CUT em relação aos rumos que a Central deve tomar frente aos grandes temas nacionais. Consagraremos nos seus Estatutos formas extra-congressuais de consulta direta:

plebiscitos entre os filiados.

*O) sobre campanhas e negociações*

Na CUT orgânica desde o local de trabalho estariam colocadas as condições para garantir o princípio da soberania da base:

. quem define as reivindicações, o processo de mobilização e de negociação em relação a uma empresa ou local de trabalho, é a assembleia de trabalhadores desse nível;

*. O mesmo se dará em relação a um ramo no nível regional;*

. em relação a uma ramo a nível nacional pode-se adotar mecanismos como os dos bancários (plenárias de delegados ou abertas) ou outros (plebiscitos entre todos os trabalhadores envolvidos, etc)

. a nível nacional, deverão ser desenvolvidas formas de deliberação hoje ainda por definir (plebiscitos, plenárias de delegados eleitos na base, etc).

*P) sobre o “medo” de alguns*

Contrariamente ao “medo” de alguns companheiros que com a proposta da CUT orgânica desde o local de trabalho, a “Executiva Nacional” (ou sua maioria eventual) “substitua” a assembleia de trabalhadores de base, nesse processo iremos “tirar poder” das instâncias superiores do movimento ao estabelecer regras claras de funcionamento nesses níveis.

*Q) sobre as finanças e os Estatutos*

No ato de filiação do trabalhador ele se filia a um sindicato de base e a CUT simultaneamente. A arrecadação será local e daí repassada (de forma automática via bancos) as demais estruturas.

Princípios gerais cutistas e mecanismos democráticos garantidos nos atuais Estatutos da Central estejam obrigatoriamente consagrados nos Estatutos das entidades de base;

A vinculação orgânica (quer dizer, a obrigatoriedade da entidade de base seguir aqueles princípios e mecanismos) entre as instâncias

A possibilidade de aplicar outros mecanismos específicos a cada setor, categoria, ramo, região, etc desde que não fiquem os acima mencionados.

A soberania dos trabalhadores em cada nível.

O pressuposto da vinculacao entre os Estatutos das entidades de base e a do conjunto da Central, é que existam regras aceitas por todos sobre qual será a forma de mudar esses Estatutos.

R) *sobre os passos*

A construcao da CUT organica desde o local de trabalho é fundamentalmente uma recuperacao do projeto cutista por inteiro. Trata-se de um esforco para todo um “periodo”, nao é uma tarefa que possa ser resolvida no curto prazo.

O primeiro passo é lutar pela liberdade de organizacao sindical

Junto com isso devemos reabrir o debate na base, junto aos trabalhadores sobre a proposta da CUT para a organizacao sindical geral e da propria central, que passam por

S) *sobre principios politicos*

- reconhecimento ao direito de organizacao autonoma no local de trabalho (de sindicalizados e nao-sindicalizados, fora das estruturas dos sindicatos e centrais);
- reconhecimento ao direito de organizacao sindical no local de trabalho;
  - processo de fusao dos sindicatos na constituicao de sindicatos por ramo no nivel regional/estadual
- definicao coletiva dos parametros gerais que devem ser incorporados aos Estatutos dos sindicatos filiados preparando sua transformacao em sindicatos organicos;
- efetivacao de campanhas, mobilizacoes e negociacoes por ramo nos niveis nacional, estadual e regional, testando na pratica as formas deliberativas nesses diversos patamares;
- definicao de uma campanha de filiacao aos sindicatos de base como sendo uma filiacao (tambem) a CUT;
- esforco por constituicao de associacao de Trabalhadores Cutistas em todas as categorias onde a direcao do sindicato oficial é hostil a CUT e usa metodos anti-democraticos para se manter no poder.

---



---

#### ARTICULACAO SINDICAL

4) Articulacao Sindical. Documento assinado por varios dirigentes da CUT. Faz parte do caderno de Teses para 7a Plenaria Nacional.

O documento da Artsind é basicamente o mesmo da Resolucao da Plenaria; dai, que possamos estar repetindo. Contudo, para analise é importante coloca-lo nesta parte deste texto.

A) *sobre o quadro atual*

Estamos neste momento diante de uma importante encruzilhada quanto ao novo modelo sindical.

1. Por um lado: vivemos com uma estrutura sindical arcaica, corporativista e baseada no modelo fascista...

2. Por outro: enfrentamos as transformacoes no mundo do trabalho, com novas formas de gerenciamento, terceirizacao, globalizacao da economia, privatizacao do estado, inovacoes tecnologicas, etc

3. A tudo isso soma-se: um modelo economico que tem por base a exclusao do mercado de trabalho de parcelas cada vez maiores da sociedade

B) sobre as consequências deste quadro:

para o movimento sindical, são a pulverização dos sindicatos e a baixa representatividade enquanto classe. Mudar este quadro não é tarefa exclusiva do movimento sindical, mas cabe-nos uma parcela importante nesse processo.

C) *sobre o que fazer*

É necessário, portanto, darmos um salto de qualidade em nossa organização (...) nos prepararmos para o verdadeiro, uma disputa de projetos de classe.

Paralela à discussão do tipo de sindicato que devemos construir, orgânico à CUT ou não, nos deparamos também com a discussão sobre liberdade e autonomia sindical, contrato coletivo de trabalho e o fim do imposto sindical

D) *os problemas da estrutura atual*

O modelo corporativo nos remete para nossas “respectivas categorias” e suas lutas imediatas

Ainda dependemos muito do Imposto Sindical: cerca de 30% dos orçamentos de nossos sindicatos.

Nos remete a montar uma estrutura sindical corporativa própria: departamento jurídico, econômico, gráfico, saúde do trabalho, etc

Nossas estruturas são submetidas a verdadeiras “batalhas camoais” em eleições entre chapas cutistas. É colocada como prioritária, muitas vezes, a luta por cargos ou termos o sindicato como aparelho.

Pior ainda: com raríssimas exceções, nosso modelo sindical oficial está pouco, ou quase nada, enraizado nos locais de trabalho.

E) *sobre como construir um novo modelo sindical*

Há duas opções: ou modelo orgânico, com princípios básicos estatutários de nossa Central; ou um modelo que mantém os sindicatos filiados com determinados princípios.

= *Como é o modelo do sindicalismo orgânico?*

Orgânico significa que as representações, desde o local de trabalho, passando pelos sindicatos locais, regionais, estaduais e nacionais e a estrutura da própria Central (sede nacional e estaduais) são um mesmo corpo,

com diferentes atribuições nas várias instâncias, porém seguindo os mesmos princípios e estatuto.

O sindicato orgânico rompe com o monopólio atual de representação e se estende a todo o território,

tendo como pressuposto a liberdade e autonomia sindical.

E, busca, principalmente, a unidade dos trabalhadores.

= *Como é o modelo de sindicatos filiados?*

Os sindicatos se filiam voluntariamente à Central. Podem desfiliar-se a qualquer momento, bastando que obedecam o procedimento fixado em seu estatuto - normalmente, uma assembleia geral. Os trabalhadores, individualmente, filiam-se ao sindicato, este, por sua vez, pode ou não filiar-se à Central.

F) sobre o caminho a seguir

a) uma ampla campanha de mobilização pela liberdade e autonomia sindical com direito de representação nos locais de trabalho e um intenso trabalho de sindicalização.

b) superação dos marcos legais do atual modelo (CLT).

c) ampliar as estruturas horizontais (nacionais e estaduais) como uma rede de sub-sedes regionalizadas da CUT. Nessa rede, num espaço físico comum, estarão sediados os atuais e pequenos sindicatos de categoria. Porém, com estruturas comuns, com ampla participação democrática de todos. Nessa rede de sedes solidárias haverá prestação de serviços a todos os trabalhadores representados pela Central, com assessorias técnicas comuns, órgãos de imprensa e gráficas comuns, departamento jurídico comum, etc.

G) sobre os passos

- uso coletivo de estruturas de sindicatos filiados
- desencadear processo de fusão de sindicatos que amplie sua base de representação com vistas a sua nova configuração por ramos em âmbito regional ou mesmo em bases estruturais.
- A Plenária nacional da CUT deve encaminhar um grande seminário para o segundo semestre de 95.

As conclusões do seminário serão objetos de deliberação em reunião da Direção Nacional, março 96

- tomar iniciativas do debate com a sociedade apresentando propostas imediatas de mudanças no atual sistema de relações de trabalho.

---

### MOVIMENTO TENDENCIA SOCIALISTA

5) Proposta assinada por José Maria de Almeida, Dirceu Travesso, Junia de Souza Gouveia. Um Documento incluído nas Teses para 7ª Plenária. Outro Documento, de novembro 95, assinado por José Maria de Almeida.

A) sobre o 5º Concut

O 5º Concut abriu a discussão sobre a transformação dos sindicatos -hoje filiados a central- em parte da sua estrutura orgânica. Para aqueles que a defendem, esta proposta viria substituir a estrutura oficial por uma nova estrutura, cutista. Esse debate é muito importante e é necessário aprofundá-lo nas instâncias da central, nos sindicatos e na base.

B) sobre a proposta

...em nossa opinião, a proposta de organicidade como está apresentada, vai-na verdadeira contramão da concepção cutista para os sindicatos.

C) sobre a fundação da CUT

A fundação da CUT em 83 foi produto e esteve alicerçada num dos maiores ascensos de luta da classe trabalhadora, nesse século.

A CUT foi fundada e construiu-se por dentro dessa estrutura oficial porque as outras opções que tínhamos no momento eram piores. Mas isso foi feito acompanhado do

compromisso de revolucionar completamente aquela estrutura, transformando-a numa organização sindical adequada para a luta, para a ação coletiva e autodeterminada dos trabalhadores, portanto, profundamente democrática, organizada e controlada pela base.

Nestes 12 anos de construção da central houveram avanços importantes... No entanto estamos muito longe de alcançar a prometida revolução na estrutura que herdamos da pelegada.

#### *D) os aspectos negativos da herança*

Os aspectos que mais saltam aos olhos:

- por um lado, a continuação da dependência em relação ao estado (imposto sindical, dissídio na justiça do trabalho, etc) e, por outro lado, a continuidade da fragmentação em milhares e milhares de sindicatos de categorias...

Mas existe outro aspecto que persiste da estrutura anterior:

- a lógica autoritária e burocrática dos mecanismos de decisão e direção, que alijam a base, concentram poder nas mãos dos dirigentes e reforçam posturas monolíticas e intolerantes como forma de gestão.

Os avanços que tivemos nessa área são absolutamente insuficientes. Nos últimos anos começamos a assistir claros sinais de retrocesso, com elementos de degeneração ética e política...

#### *E) nossa proposta*

Que sindicatos queremos?

O sindicato, ao mesmo tempo que deve ser um espaço para a construção da ação coletiva, deve ser uma escola de liberdade, de democracia operária, de auto-determinação, de tolerância para com a pluralidade de ideias, um verdadeiro espelho da sociedade socialista com que sonhamos.

Basta uma análise superficial para ver que hoje estamos longe disto.

#### *F) o contexto atual: um xeque mate*

A situação que vivemos hoje vem agravar mais ainda este quadro. A globalização da economia, a reestruturação produtiva e suas consequências (...), e a própria disputa ideológica que se estabeleceu dentro das empresas (..) vem somar ainda mais desafios a serem superados. A política neoliberal, de fragmentar ainda mais os sindicatos e jogar todas as discussões dos problemas dos trabalhadores para o âmbito da empresa, vem acabar de por em xeque mate essa estrutura que temos hoje.

#### *G) sobre os velhos problemas*

Em essência, os problemas centrais da estrutura de organização dos nossos sindicatos, seguem sendo basicamente os mesmos que já estavam colocados 15 ou 16 anos atrás... E hoje temos a desvantagem de termos passado e ainda estarmos passando por uma longa recessão e crescimento do desemprego...

#### *H) sobre a organicidade*

A organicidade, como está proposta, concentra poder na cúpula e divide os sindicatos.

O problema não se resume a organicidade ou não, nem se resolve, incorporando os sindicatos a estrutura orgânica da central... A questão é muito mais profunda e exige, para ser superada, muito mais que uma medida organizativa desse tipo.

Porque a ideia atrapalha e não ajuda:

- primeiro, porque reforça uma ideia de controle da cúpula sobre as instâncias de base.
- Concepção de direção imbutida na proposta: as estruturas organizativas devem ser direção, devem determinar a política a ser aplicada.

*Para nós, a concepção correta é que*

as estruturas organizativas devem ser coordenação, devem propor a política para ser decidida na base e só então encaminhada.

- Atrapalha também porque vai acabar por forçar a divisão de todos os sindicatos de base, por uma razão muito simples: se esse sindicato passa a ser da CUT, parte de sua estrutura orgânica, os trabalhadores da base que são ligados às outras centrais, ou que simplesmente não concordam com a CUT, serão obrigados a criarem o seu sindicato. Contrária à defesa que a CUT faz, da unidade dos trabalhadores nos sindicatos de base e nas organizações nos locais de trabalho.

*J) outro conceito de organicidade*

Com a estrutura orgânica, haveria a vantagem de passar a ser obrigatório o critério da proporcionalidade, conforme define os estatutos da central para todas as instâncias. Isso é verdade. Mas para isso não é preciso o laço organizativo.

Em nossa opinião a organicidade que todo sindicato deveria ter, se quisesse ser filiado a CUT, deve ser de observância de princípios políticos e organizativos.

Podemos definir, como norma estatutária, para que um sindicato possa ser filiado a CUT (estabelecendo um prazo para aqueles que já são filiados se adequarem), que ele tenha que, não só estar de acordo, mas praticar princípios de organização que assegurem a democracia, o controle pela base, etc.

*H) sobre os princípios*

.o estabelecimento de mecanismos de controle da base sobre a direção (conselhos de delegados e/ou cipistas; assembleias, congressos, etc) associado ao esforço permanente pelo desenvolvimento das OLTs;

.a proporcionalidade nas eleições para a direção da entidade;

.a adoção de formas de gestão mais coletivas, como o colegiado;

.a adoção de critérios que assegurem a mais ampla transparência nas questões relativas a finanças, bem como critérios de austeridade para evitar benefícios financeiros indevidos a dirigentes, etc.

*I) passos futuros*

Nossa proposta é que essa questão seja profundamente debatida, na base da central, para que possamos deliberar sobre o assunto.

C) O DEBATE NO CAMPO INTERNO DE INTERAÇÕES

Neste espaço ,vamos tratar das varias posicoes dentro da CUT,em relacao a questao da “reestruturacao organizativa”,ou do “sindicato organico”.Vamos ordenar as posicoes das correntes interna da CUT,em relacao aos 4 campos de determinacoes.Acrescentamos um elemento a estes campos: o dos passos taticos-estrategicos futuros da Central.Assim,teremos a seguinte grade:

Correntes sindicais	Disputa de hegemonia na CUT	Políticas de governo e capital	Mutações globais	Disputa de hegemonia na sociedade	Estratégia
CSC	<p>proposta elaborada pelo staff da artsind maioria dos cutistas foram surpreendidos</p> <p>-----</p> <p>proposta pode representar “revolucao”na estrutura da Central</p> <p>-----</p> <p>devia ser num Congresso Nacional e nao numa Plenaria com 369 delegados</p> <p>-----</p> <p>De acordo com o diagnostico da artsind: critica dura a estrutura oficial; mundo trabalho em mutacoes; inovacoes tecnologicas; politica excludente das elites</p> <p>-----</p> <p>discorda da proposta pois nao fala problemas serios direcao da CUT estrutura organica é como uma panacea</p> <p>-----</p> <p>proposta é social-democratica</p> <p>-----</p> <p>sindicatos perdem poder e autonomia; viram meras sub-sedes</p> <p>-----</p>	<p>proposta depende da liberdade de organizacao sindical;</p> <p>mudancas na Constituicao.Fim da unicidade :artigo 8 da Constituicao</p> <p>-----</p> <p>disputa hegemonia nos locais trabalho: CCQs, etc</p> <p>-----</p> <p>patronal criará “sindicatos casas”, como no Japao</p> <p>-----</p> <p>foruns tripartites (patroes, governo, sindicatos): solucoes negociadas</p> <p>-----</p>	<p>crise sindicalismo mundial. CIOSL defende pluralismo sindical</p> <p>-----</p> <p>artsind adotou tese do “fim da historia”;</p> <p>pratica “propositiva” de conciliacao com capital</p>	<p>sindicato perde carater de Frente Unica contra exploracao patronal</p>	<p>proposta deve ser levada as bases e ser debatida pelos trabalhadores</p>

	<p>fim da unicidade leva ao plurisindicalismo; é a proposta do “Sistema Democrático Relações de Trabalho”.</p> <p>-----</p> <p>Estrutura orgânica depende da implantação do pluralismo sindical; divisão das bases e das cúpulas; sindicatos orgânicos da CUT, CGTs, FS, CAT</p> <p>-----</p> <p>pulverização em centenas ou milhares pequenos sindicatos</p> <p>-----</p> <p>sindicato perde papel de Frente Única contra exploração</p> <p>-----</p> <p>filição individual leva fragmentação, atinge locais de trabalho</p> <p>-----</p> <p>posição da ASS é de “aposta no escuro”</p> <p>-----</p> <p>esquerdas não devem subestimar posição hegemônica da Artsind: é projeto político de conciliação classes</p> <p>-----</p> <p>novo patamar na política de alianças na CUT</p>				
Forcal Socialista	<p>Plenária deliberou tema com implicações na luta pelo socialismo</p> <p>-----</p> <p>proposta relação com Sistema Nacional Negociação Coletiva: negociação com</p>	<p>ofensiva neoliberal.” dar lugar nos sindicatos”.</p> <p>-----</p> <p>Gov. FHC: zerar organização sindical; eliminar ou reduzir</p>	<p>Realidade de extrema complexidade: crise sindicalismo, globalização, 3ª revolução industrial, mudanças</p>	<p>concepção de acúmulo de forças; condições: construir forte Partido Socialista democrático massas (como</p>	<p>pluralismo é sistema organizativo anti-socialista; afim com neoliberalismo; afim com objetivos da social-democracia e da</p>



	<p>cupulas sindicais: patronais e trabalhadores ----- quadro de baixa e perda prestígio do sindicalismo democrático de massa ----- junto ao aumento da contribuição, exarceba poder da cúpula, da central e dos sindicatos; reforça a burocratização das entidades e do movimento sindical ----- estímulo ao pluralismo e fragmentação sindical; mais de 1 sindicato por local de trabalho. ----- estrutura vigente fragmenta classe: é um “pluralismo sindical cartorial” ----- fim da CLT é pela “via passiva”; exarceba a “guerra civil” entre sindicatos: sobreviverão os mais fortes (bancários de SP, Metalúrgicos ABC, Apeoesp), aumenta poder da artsind ----- teremos sindicalismo americano, japonês, europeu ----- construção da CUT não pela mobilização e lutas; Central será um para-Estado ----- PC do B é contra resolução 87 OIT; defende legislação</p>	<p>conquistas-direitos ----- fragmentar organização sindical; mesmo “sacrificando” CLT; luralismo sindical e sindicalismo de empresa. ----- estrutura corporativa não cairá por ascensão de mobilização trabalhadores ----- elites vão fazer “modernização conservadora” da vida sindical: uma reforma pelo alto</p>	<p>mundo trabalho, crise socialismo ----- contexto diverso daquele que Marx analisou: queda indústria-subida dos serviços</p>	<p>se dá no PT); Central sindical unitária democrática e combativa; Governo democrático popular no país; unidade dos trabalhadores: história não registra vitória trabalhadores quando há divisão ----- papel do sindicato: instrumento da concorrência capitalista, ou, ar éna fundamental de luta pelo socialismo ----- no Brasil, considera r: experiência e cultura política e organizativa trabalhadores braisliers .a diversidade dessa experiência .traco de inorganicidade que caracteriza nossa sociedade e os setores populares, em especial .a complexificação e a dispersão que tende a afetar o “ser-que-vive-do-trabalho”, em nosso país .o ritmo</p>	<p>CIOSL CUT socialista não avança com pluralismo sindical ----- sindicato na luta socialista: 1. destruir estrutura sindical corporativa- como na fundação da CUT- por dentro e por fora dos sindicatos- vigor da resolução 87 da OIT ----- 2. na perspectiva revolucionária, valores fundamentais independência, pluralidade e democracia socialista nos sindicatos; e, como escolha dos trabalhadores e não por imposição estatal: unidade e unicidade sindical ----- 3. trabalho cotidiano, mobilização e educação de base ----- Por sindicatos únicos na base; ramos de atividade (municipal, regional, estadual); relação com trabalhadores terceirizados- precarizados e temporários</p>
--	---	--	---	---	---

	atual; nada mais equivo			<p>profundamente desigual do desenvolviment o capitalista no Brasil</p> <p>-----</p> <p>sindicalismo transformador deve ter por base a superioridade etica e politica;norte diretor a disputa de hegemonia e nao as solucoes organicistas</p> <p>-----</p> <p>-estatutos comuns</p> <p>-regras democraticas</p> <p>-principios politicos</p> <p>-deveres com sustentacao da Central</p> <p>-----</p> <p>principios-dispositivos: proporcionalidad e em todas instancias</p> <p>-gestao colegiada</p> <p>-auto-sustentacao</p> <p>-repasse financeiro automatico</p> <p>-----</p> <p>democracia interna:</p> <p>-fim centros paralelos de poder;</p> <p>-gestao colegiada: Tesouraria e SRI;</p> <p>-ampla e regular prestacao contas financeiras-politicas aos organismos base</p> <p>-----</p> <p>acompanhar por duas gestoes o processo</p>	<p>-----</p> <p>sindicatos e CUT: estrutura de “organicidade flexivel”, tipo “sindicato filiado” (nao como é hoje)</p> <p>-----</p>
Artsind	<p>momento:uma importante encruzilhada quanto ao modelo sindical</p> <p>-----</p> <p>consequencias: -</p>	<p>momento: estrutura sindical arcaica,corporativa,modelo fascista</p> <p>-----</p>	<p>momento:transf ormacoes mundo do trabalho</p>	<p>momento:salto qualitativo;enfr entamento disputa de projetos de classe</p>	<p>novo modelo:duas opcoes</p> <p>a)organico</p> <p>b)filiao</p> <p>-----</p>

	<p>.pulverizacao e baixa representacao dos sindicatos</p> <p>.30% orcamentos nossos sindicatos depende do Imposto Sindical</p> <p>.lutas imediatas;batalhas campais nas eleicoes cutistas</p> <p>.pouca insercao locais trabalho</p>	<p>debate sobre liberdade e organizacao sindical;Contrato Coletivo Trabalho;fim imposto sindical</p> <p>-----</p>		<p>organico significa que,as representacoes desde o local de trabalho,passando pelos sindicatos locais,estaduais,regionais e nacionais e a estrutura da propria Central(sede nacional e estaduais) sao um mesmo corpo;com diferentes atribuicoes nas varias instancias,porem seguindo os mesmos principios e estatuto.</p> <p>-----</p> <p>tem como presuposto a liberdade e autonomia sindical.E busca ,principalmente,a unidade dos trabalhadores</p> <p>-----</p> <p>modelo sindicatos filiados:é aquele em que os sindicatos se filiam voluntariamente a Central.Podem desfiliar-se a qualquer momento.</p> <p>-----</p> <p>passos: 1.ampla campanha de mobilizacao pela liberdade e autonomia sindical,com</p>
--	--	---	--	---

					<p>direito representacao local trabalho;intenso trabalho de sindicalizacao</p> <p>2.superacao dos marcos da cLT</p> <p>3.ampliar estruturas horizontais com uma rede de sedes regionalizadas da CUT</p> <p>-----</p> <p>processo de fusao de sindicatso;</p> <p>grande seminario em 95,para:</p> <p>.discussao</p> <p>.previa nos ramos</p> <p>.uma nova divisao territorial</p> <p>.criterios para fusoes</p> <p>.como,quantos e quais serao os novos ramos</p> <p>.principios de um estatuto de modelo sindical cutista</p> <p>deliberar na Direcao nacional,marco 96</p> <p>-----</p> <p>debate com a sociedade.</p>
MTS	<p>5o Concut abriu debate sobre estrutura organizativa</p> <p>-----</p> <p>debate importante :aprofundar nas instancias da Central,nos sindicatos e nas bases</p> <p>-----</p> <p>proposta organica vem na contra-mao da</p>	<p>politica neoliberal:fragmentar ainda mais sindicatos;jogar debates dos trabalhadores para o ambito empresa;xequemate na atual estrutura</p>	<p>situacao: globalizacao da economia,reestruturacao produtiva,desemprego,terceirizacao,precarizacao,etc,agrava o quadro.</p>	<p>Disputa ideologica dentro das empresas:novas formas gerencia;somam-se aos desafios atuais</p>	<p>nossa proposta: que sindicatos queremos?</p> <p>-Organizacao e impulso a luta dos trabalhadores;</p> <p>-defesa seus interesses imediatos e historicos;</p> <p>.sintonizado com</p>

<p>concepcao cutista para os sindicatos</p> <p>-----</p> <p>fundacao da CUT,em 83,foi produto de um dos maiores ascensos de luta da classe trabalhadora</p> <p>-----</p> <p>CUT construiu-se por dentro da estrutura oficial porque as outras opcoes eram piores.Acompanhava o compromisso de revolucionar completamente esta estrutura</p> <p>-----</p> <p>Nestes 12 anos houve avancos importantes;no entanto,estamos longe da prometida revolucao na estrutura que herdamos da pelegada</p> <p>-----</p> <p>aspectos que saltam aos olhos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-dependencia em relacao ao Estado</li> <li>-fragmentacao em milhares e milhares de sindicatos de categorias.</li> </ul> <p>-----</p> <p>Mas,há outro aspecto,talvez,o maior desafio em termos de organizacao:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>.a logica autoritaria e burocratica dos mecanismos de decisao e direcao</li> <li>.alijam a base,</li> <li>.concentram poder nas mos dos dirigentes;</li> <li>.reforcam posturas monoliticas e intolerantes como forma gestao</li> </ul>				<p>interesses dos trabalhadores;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>.permanente controle da base;</li> <li>.espaco para construcao da acao coletiva,escola de liberdade,de democracia operaria,de autodeterminacao ,tolerancia para com pluralidade de ideias,verdadeiro espelho da sociedade socialista</li> </ul> <p>-----</p> <p>nossa proposta:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>.concepcao direcao,</li> <li>-estruturas organizativas devem ser direcao,devem determinar a politica a ser aplicada?</li> <li>- ou devem,propor a politica para ser decidida na base e só entao encaminhada?</li> <li>-A concepcao correta é a segunda.</li> </ul> <p>-----</p> <p>um outro conceito de organicidade:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-para passar o criterio da proporcionalidad e a todas as instancias,nao é preciso o laco organizativo.Que stionamos este conceito de</li> </ul>
---	--	--	--	---

	<p>-----  nessa area,os avancos  sao insuficientes:  .nos ultimos houve  retrocesso;  .com elementos de  degeneracao etica e  politica  -----  situacao atual: na  grande maioria  sindicatos nao há  controle da  base;aumenta  dessintonia direcao e  base;gestao  autoritaria,intolerancia  e monolitismo.  -----  Em essencia:os  problemas centrais da  estrutura de  organizacao dos  sindicatos,seguem os  mesmo de 15 ou 16  anos atras;  hoje temos a  desvantagem de  termos passado e  ainda estarmos numa  recessao e crescimento  desemprego.Alem da  burocratizacao e  acomodacao dos  dirigentes  -----  organicidade  concentra poder na  cupula e divide  sindicatos  -----  o problema nao se  resume a organicidade  ou nao,nem se  resolve,incorporando  sindicatos a estrutura  organica CUT  -----  a questao é muito  mais profunda e  exige,para ser  superada,muito mais</p>				<p>organicidade.  -O  compromisso,a  organicidade que  todo sindicato  deveria ter,deve  ser de  observancia de  principios  politicos e  organizativos.  -Definir em  estatuto que o  sindicato pratique  os principios de  organizacao que  assegurem o  controle da  base,a  democracia,etc  -----  -Principios:  .mecanismos de  controle da base  sobre a  direcao(conselho  de delegados ou  cipistas,assemblei  as,congressos,etc  ) associado ao  esforco  permanente pelo  desenvolvimento  das OLTs;  .proporcionalidad  e nas eleicoes  para direcao da  entidade;  .adocao formas  gestao mais  coletivas,como  ocolegiado;  .adocao criterios  que assegurem a  mais ampla  transparencia nas  financas;  .criterios de  austeridade para  evitar beneficios  indevidos a  dirigentes,etc.</p>
--	---	--	--	--	---

	<p>que uma medida organizativa desse tipo</p> <p>-----</p> <p>a proposta atrapalha?</p> <p>Sim</p> <p>.1)reforca a ideia de controle da cupula sobre as instancias de base.</p> <p>2)Por forçar a divisao de todos os sindicatos de base:se um sindicato é da CUT,organico,os trabalhadores da base que sao de outras centrais,ou nao concordam com a CUT,serao obrigados a criarem o seu sindicato.</p> <p>3)Contraria a tese que a CUT faz da unidade dos trabalhadores nos sindicatos de base e nos locais de trabalho</p> <p>-----</p>				<p>-----</p> <p>nossa proposta é que esta questao seja profundamente debatida,na base da Central,para que possamos deliberar.</p>
ASS	<p>5o Concut indicou a Plenaria deliberar sobre transicao para organizacao com liberdade e autonomia sindical.</p> <p>No entanto,o debate proposto pelo Concut nao avancou na base da Central.</p> <p>-----</p> <p>nossa Central está fazendo um reencontro com o seu projeto de fundacao:romper na pratica e no discurso com a estrutura sindical corporativa.</p> <p>-----</p> <p>já acumulamos no interior da CUT um balanço que indica avancos significativos;</p> <p>-----</p>	<p>no Brasil:um patamar diferente devido maior acumulo de forcas do campo popular;</p> <p>temos o mesmo desafio de outros paises,a partir da ofensiva neoliberal dos anos 90</p> <p>-----</p> <p>possibilidade concreta do pluralismo sindical</p>	<p>crise do sindicalismo mundo</p> <p>-----</p> <p>reestruturacao produtiva</p>		<p>Nossa proposta de estrutura sindical cutista está dentro de uma estrategia de construcao,isto é,para todo um periodo</p> <p>-----</p> <p>a discussao deve ter dois niveis:</p> <p>.do projeto organizativo</p> <p>.dos passos intermediarios</p> <p>-----</p> <p>a politica de transicao da situacao do atual projeto para o que almejamos,os passos intermediarios tem importancia estrategica</p>

	<p>Contudo, uma contradicao nos ameaca: crsecemos por dentro da “velha estrutura”, pagamos um alto preco: nos acomodamos frente ao que queriamos destruir. Ou deciframos essa esfinge, ou seremos devorados por ela.</p> <p>-----</p> <p>experiencias de construcao modelo sindical cutista sao timidas</p> <p>-----</p> <p>frente ao cenario: cabe a CUT reafirmar um projeto por inteiro, resgatando as aspiracoes da sua fundacao, ser uma central de trabalhadores</p>				<p>-----</p> <p>Uma estrutura organica da CUT: -liberdade e autonomia sindical -opcao pela unidade sindical -novo marco institucional</p> <p>-----</p> <p>mudancas na CUT e sindicatos: sindicato por ramo, com sindicalizacao de terceirizados -democracia nos sindicatos, -organizar os excluidos -estrutura organica; propomos a construcao da CUT desde a base, no local de trabalho, passando pela regio e estado, e pelo ramo, para se chegar ao nivel nacional.</p> <p>-Mecanismos democraticos de consulta a base em todos os niveis (assembleia s, plenarias, congr essos, plebiscitos etc)</p> <p>-----</p> <p>Passos intermediarios: .Estatutos Até a 8a Plenaria Nacional deve se fazer um amplo debate, para deliberacao.</p>
--	--	--	--	--	--



					----- .Estrutura sindical fusao e unificacao nao deve ser unificacao de aparelhos;deve ser politico e discutido com trabalhadores nas bases .preparacao para auto- sustentacao,com fim do imposto sindical. .
--	--	--	--	--	--

---

#### D) RECURSOS PARA UM PROJETO NACIONAL-CULTURAL

A participacao na construcao de um projeto democratico-popular é um dos pontos fundamentais na construcao do projeto sindical .Este campo implica uma serie de aspectos:economico,social,politico,cultural,etc.Nesta parte,vamos desenvolver alguns elementos do aspecto cultural de um projeto nacional-cultural.Para tal,recorremos a uma “heranca seletiva”no campo da cultura socialista brasileira.

A disputa de hegemonia na sociedade brasileira se acirrou em 1989; recolocou-se nas eleicoes de 94.Talvez,em cada conjuntura especifica,mudem as formas em que a disputa se poe.Contudo,o processo em busca de um conteudo que expresse um projeto nacional alternativo,continua persistindo.O que implica a construcao de um campo unitario de forcas muito mais amplo que as frentes de esquerda;desenha-se um bloco historico que se expresse na confluencia destas frentes partidarias e dos movimentos civicos.Por exemplo:o processo historico que parte das greves de 78-79-80,da campanha civica das "diretas já",da participacao popular na constituinte,da mobilizacao civica em torno da "etica na politica" que resultou no impeachment de Collor,e das lutas dos comites pela cidadania (contra a fome...).

A articulacao qualitativa destas praticas , momentos e atores desse processo, pode se ampliar a partir da confluencia das lutas pela cidadania ativa e da disputa de eleicoes presidenciais para consolidar o campo da democracia representativa:prefeituras,governos estaduais,camaras municipais,conselhos,etc.

As possibilidades concretas desta utopia estao germinando a cada dia.A sociedade está grávida de utopias;contudo,tambem o está de entropias.Socialismo ou barbarie,pode traduzir-se,hoje,em democracia radical ou barbarie.

Neste sentido,podemos colher o testemunho de varias pensadores no campo do socialismo brasileiro.Por exemplo,Eder Sader,Betinho e,o proprio Mario Pedrosa.Na

decada dos 80, eles desenvolveram a perspectiva de um projeto nacional democratico-popular. Essa perspectiva assinala uma linha de "nacionalizacao da esquerda", ou seja, com palavras de Eduardo Galeano:

"De todas formas, a esquerda latino-americana, que tem uma linda historia, tem tambem uma historia de desraigo. Desde suas origens chegou a nossa terra como um produto de importacao europeia, e na cabeca de muitos dos fundadores do socialismo latino-americano estava a ideia de que havia que civilizar aqueles povos barbaros, ignorantes. Ha'pois, uma certa tradicao de desencontro entre o que seria a esquerda tradicional socialista e comunista e a realidade de nossos paises.

Afortunadamente, nestes ultimos anos, tem havido uma progressiva tomada de consciencia da necessidade de fundir raizes no solo do qual se tem brotado e ao qual se pretende mudar. E entao, aquele olhar, que era o olhar tipico liberal de final do seculo passado, um olhar de fora e de cima. Porque, claro, visto de cima todos parecem anoes, e visto de baixo todos parecem gigantes. E a unica maneira de que os seres humanos se reconhecam como tais uns aos outros, é olhando-se de igual para igual. E, paradoxalmente, a esquerda latino-americana, que atuou sempre em nome do povo, tinha em relacao com o povo, uma serie de preconceitos que lhe impedia de ve-lo, ve-lo tal como era e ama-lo tal como era.

Isto é, em grandes linhas, correto para todos nossos paises, e penso que agora há um processo de mudanca muito importante que se está..operando ,e que poderiamos chamar. a nacionalizacao da esquerda latino americana"(Entrevista em "Pagina Abierta", n.36-fev.1994).

Esse processo de nacionalizacao já teve seus momentos de gloria na esquerda brasileira; por exemplo, a tentativa de Mario de Andrade com Macunaima(1926). Nas palavras de Gilda Mello Souza:

"Escritos em seis dias de trabalho ininterrupto, durante umas ferias de fim de ano, em dezembro de 1926; publicado em 1928 - Macunaima logo se transformouno livro mais importante do nacionalismo modernista brasileiro. A impressao fulminante de obra-prima, que os companheiros de Mario de Andrade tiveram na epoca ao tomar contato pela primeira vez com o manuscrito, permanece até hoje, cinquenta anos depois de sua publicacao".

#### A QUESTAO NACIONAL e a cidadania dos trabalhadores

A questao nacional na perspectiva da esquerda socialista foi abordada em um seminario organizado pelo Instituto CAJAMAR (outubro 92), tendo como centro a presenca de Eric Hobsbawm. Intitulado "E' possivel um projeto nacional?".

Vejamos a fala do marxista ingles e seu comentario por Marco Aurelio Garcia. Em seguida, veremos como Eder Sader, Betinho e Mario Pedrosa abordaram aspectos desta mesma questao.

Eric Hobsbawm analisou "o problema da esquerda e das identidades nacionais". Apos ressaltar o carater dos nacionalismo atuais na Europa, no que diz respeito ao Brasil, o historiador ingles afirmou:

"Ao final devo dizer que a situacao do Brasil me parece, por sorte, muito mais positiva, pela situacao especifica do problema nacional deste continente e pela existencia

de um grande partido do povo(o PT),com uma base tradicional onde a convergencia entre o elemento nacional e o social segue sendo valida.

Os problemas que sao levantados e que sao analisados sao universais ,existem neste momento em todas as partes,porem com sorte,espero a possibilidade de uma solucao positiva e que sao mais faceis neste pais que nos outros.O que falta neste pais é outro tipo de projeto nacional,que é o descobrir,o redescobrir a vocacao do povo que vive neste Estado,que depois das vocacoes de desenvolvimento de base populista e de outros tipos,neste momento carece o Brasil de uma ideia de como formar o seu futuro como pais.

Este me parece que é outro tipo de problema nacional que no passado havia sido analisado pela esquerda e que segue sendo um grande problema neste pais."

Os comentarios de Marco aurelio Garcia retomam o veio historico desta questao no Brasil.Em longa citacao,vejamos o pensamento do dirigente petista.

"Eu acho que esta discussao tem uma enorme importancia para todos nos,na medida em que,como foi muito bem sublinhado,a questao nacional reaparece como uma questao importante,e mais do que isto,o nacionalismo aparece como um tema de grande relevancia,justamente,num momento em que o mundo parecia inverter rapidamente num grande processo de internacionalizacao,com a formacao dos grandes blocos economicos,os grandes mega-mercados,sistemas produtivos,justamente neste momento,nos vemos uma reaparicao do fenomeno nacional em dimensoes semelhantes a que nos tinhamos no final do seculo passado e as vespers da I Guerra mundial.inclusive,em alguns casos,ate com uma extraordinaria coincidencia de ordem geografica.

Evidentemente,os temas do nacionalismo e a dimensao da questao nacional na America Latina sao distintos das outras regioes do mundo e do continente. europeu em particular e,daquelas areas onde os problemas coloniais foram resolvidos mais recentemente. Nos temos questoes nacionais importantes,em paises como a Bolivia,o Mexico,a guatemala e o Peru,onde existem numerosas populacoes pre-colombianas;temos este problema menor no Brasil,infelizmente,ou na Argentina,tendo em vista o tipo de "solucao" que se deu a questao das nacoes indigenas nestes dois paises acima mencionados.

Esta discussao tem uma importancia adicional,se nos levarmos em conta que,no Brasil,nao tanto o tema do nacionalismo ganha importancia,mas a questao que esta inclusive aqui nos convocando para este debate,a questao do projeto nacional,esta sim ganha importancia.

## DUAS VERTENTES

“ Há algumas semanas,no Instituto Cajamar,numa discussao com os formadores sobre o tema do projeto nacional,foi-me perguntado qual a diferenca entre este projeto nacional e o do nacionalismo dos anos 30,40 e ,sobretudo,o dos anos 50 e 60 ?

Vamos tematizar esta questao: para isto,precisamos abordar um pouco a trajetoria do nacionalismo no Brasil e de como algumas destas questoes incidem ou nao na discussao atual de um projeto nacional.

De uma forma sintetizada,lembro dois momentos importantes da discussao sobre a questao nacional no Brasil e sobre a construcao de um projeto nacional,que coexistiram e nao raro se interpenetraram,expressando duas vertentes sobre o tema:

1. a vertente vinculada ao pensamento autoritário brasileiro, que vinha dos anos 20 e que ganhou evidentemente, nos anos 30 e 40, uma importância muito grande; refiro-me, fundamentalmente, ao pensamento autoritário de direita;

2. a vertente de esquerda, foi se formando, não isenta da influência autoritária de direita, e se abeberou muito das receitas que a internacional Comunista, particularmente no seu VI Congresso, formulou no que se refere a política para os países coloniais e semi-coloniais.

Esta política da internacional veio receber um certo complemento nos anos 30, quando foram formuladas as teses sobre as Frentes populares, que no caso da América Latina, implicavam concretamente, pela primeira vez, a formulação pelo menos do ponto de vista teórico, de uma política de alianças com setores da chamada Burguesia nacional; lembremos que este é um tema espinhoso, complicado, sobretudo porque no nosso continente, as experiências que se diziam inspirar na Frente Popular, tiveram vertentes absolutamente opostas: uma vertente de natureza eleitoral, que foi a Frente popular no Chile em 1970, quando uma coligação comunista, socialista e radical, elegeu o governo que realizou um programa de transformações económicas e sociais e políticas de grande importância.

E, outra vertente, de natureza insurrecional, na qual esta dimensão de alianças de classes era muito mais retórica do que real e, que foi a vertente da Aliança nacional libertadora, no Brasil dos anos 30.

de alguma maneira, as teses sobre o projeto nacional, iriam ganhar no caso da América latina, uma importância muito grande em função do êxito da revolução chinesa. Também, não quero entrar aqui numa discussão mais fina sobre a questão da revolução Chinesa, até porque muitos são os historiadores que exploram a defasagem que existiria entre a política realmente aplicada por Mao Tse Tung na China e aquelas que aparecem nos textos do PCC, muitas vezes construídos de forma a não ferir a ortodoxia, primeiro da Internacional e em segundo do PCUS, que ocupou plenamente a hegemonia do movimento comunista internacional depois da dissolução da Internacional.

No caso brasileiro, esta influência é muito grande e, ela se reflete sobretudo num aspecto importante que é a ideia que as transformações ocorreriam na perspectiva que a Comintern chamava de etapa nacional, dirigida por um bloco de classes composto fundamentalmente por 4 setores:

o proletariado urbano-industrial, o campesinato, a pequena-burguesia - na sua diversidade - e, a burguesia nacional.

Eric Hobsbawm dizia que era fundamental, para abordar os temas que ele se propunha, tratar de conceitos como Nação e Povo. Ora, nos anos 50, fins dos anos 50 e dos anos 60, um dos grandes intelectuais do PCB, e historiador ao mesmo tempo, Nelson Werneck Sodre, justamente no seu livro "Introdução a revolução Brasileira", que posteriormente num livro que seria acoplado numa edição seguinte a este, chamado "Quem é o povo no Brasil?", definia este conceito de povo justamente em termos do bloco de 4 classes. o povo seria a classe operária-urbana, o campesinato, a pequena burguesia progressista e também, a burguesia nacional.

### O nacionalismo

“Numa visão mais próxima do que vem a ser o "nacionalismo económico" e o "projeto nacional" que se desenhou a partir dos anos 50 e 60, diria que este projeto foi fundamentalmente um projeto de nacionalismo económico. E, que fazia do crescimento, o valor fundamental, seguindo em grande medida, de um lado, as projeções do que havia sido o desenvolvimento industrial da URSS durante os planos quinquenais, combinando

com novas teorias sobre o desenvolvimentismo, que passava a ser formulada a partir da CEPAL.

Evidentemente, o nacionalismo não se reduzia, no caso brasileiro, ao nacionalismo econômico, ele tinha inclusive a sua dimensão social, que significava concretamente: com o desenvolvimento econômico que se iniciara a partir dos anos 30 e 40, emerge uma classe operária industrial e ao mesmo tempo, constroem-se a partir do Estado um projeto de enquadramento desta nova classe através das formas corporativas de sua organização.

Por mais rigorosos que sejamos em relação à crítica a este modelo de organização sindical, é indiscutível que ele foi percebido por uma parte dos trabalhadores como uma espécie de acesso à cidadania ou pelo menos a certos aspectos da cidadania. Não são poucos os que se defrontaram a alguns anos, com trabalhadores que diziam: "ir em busca dos meus direitos".

Esta é uma expressão que só pode ser cunhada, a partir do momento em que estes direitos, ainda que de forma perversa, tenham sido reconhecidos pelo Estado de forma paternalista e autoritária.

Evidentemente, que também nos anos 50 e 60, não poderíamos reduzir o nacionalismo no Brasil, exclusivamente às suas dimensões econômicas, na medida em que todos identificam uma pluralidade de movimentos culturais e tentativas de formulação de projetos ideológicos que se desenvolveram nesta época; eu os menciono sem aprofundar o tema, por exemplo: a música brasileira, sem dúvida ganha uma nova dimensão, a ideia mesmo do cinema novo, está vinculada a esta ideia de nacionalismo; da mesma forma, a arquitetura brasileira, o teatro e finalmente, a própria tentativa de constituição de um projeto de uma ideologia nacional, consubstanciada fundamentalmente no ISEB, no qual conviviam nacionalistas de origem do pensamento autoritário de direita, com membros do PCB.

É importante observar, finalmente, em relação a este projeto nacionalista anterior, que se tratava fundamentalmente de um projeto que buscava a constituição de uma economia autônoma, que tratava a questão da integração de forma vaga e na maioria das vezes de processos indefinidos de conexão horizontal, privilegiava a ação do estado e reduzia o tema da democracia quase que exclusivamente à democracia social, sem muito se ocupar com a democracia política.

Por esta razão, a esquerda no final dos anos 44 e 45, não teve nenhuma dificuldade em conviver com o regime autoritário cripto-fascista, em nome do fato que este regime combatia o fascismo na Europa”, arremata Marco Aurelio.

#### Uma Pista, um roteiro

Antonio Candido, na terceira edição de "Vários Escritos", nos traça um ideário para um projeto nacional. Além de nos assinalar a visão de mundo romântica anti-capitalista, analisa os "radicalismos" no Brasil (através de Manoel Bonfim, Joaquim Nabuco e S.B. de Holanda), fala-nos do papel da Faculdade de São Paulo como leito de radicalismo e, por fim, assinala-nos dois grandes precursores que pensaram as "nossas condições": o próprio S.B. de Holanda e Paulo Emilio.

Candido parece-nos dizer algo mais nesta edição ampliada, cuja segunda parte é totalmente inédita em relação à primeira edição de "Vários Escritos". Este aspecto foi assinalado por Augusto Massi, na apresentação feita para o suplemento "Mais": "Mas a nova edição altera a feição original do livro... A mudança realmente decisiva, porém, está no fato de o livro passar a ter uma segunda parte dedicada a

discussão das ideias políticas...Na simetria quase perfeita da obra(...),re encontramos a coerência do crítico literário e do intelectual militante,sempre fiel as propostas sistematizadas,em 1944,na “Plataforma da Nova Geracao”: “O combate a todas as formas de pensamento reacionario”.

Nesta segunda parte da nova edicao,A.Candido começa pelo texto “O Direito a Literatura”,em que analisa o “romance romantico”,tecendo consideracoes sobre o “romantismo anticapitalista”;Em seguida vem “Radicalismos”,em que estuda a contribuicao de Manoel Bonfim,Sergio B.de Holanda e Joaquim Nabuco;em “Uma palavra instavel”,analisa o nacionalismo cultural,sobretudo destacando Mario de Andrade;os tres ultimos ensaios falam da USP e da abolicao;de Sergio B.de Holanda e,enfim,de Paulo Emilio.

Portanto,é como se o autor nos indicasse o ideario e o caminho para investigacao das bases de uma alternativa a hegemonia cultural neo-liberal ou neo-conservadora.

Facamos um parenteses para colher as ideias de Antonio Candido sobre a questao do nacionalismo,sobretudo,no campo cultural.

### Nacionalismo e Cultura: UMA DIALETICA COMPLEXA

Candido aponta duas faces do nosso nacionalismo:

- 1.otimista , ufanista e patrioteira,tipo "Por que me ufano do meu Pais"(1900),
- 2.pessimista,amarga e real,tipo Euclides da Cunha ( "Os Sertoos",1902),Silvio Romero,etc.

Candido mostra a relacao intrinseca deste nacionalismo ufanista com a cidadania:

Com o ex-anarquista Elisio de Carvalho,assinala Candido,"o nacionalismo ornamental atinge aqui um dos seus limites implicitos,ao excluir-se tacitamente da nacionalidade o pobre,o negro,o mestico,o chagastico,o maleitoso,o subnutrido,o escravizado,como se fossem acidentes,manchas secundarias no brasao das oligarquias,idealizadas numa especie de leitura da nossa historia".

Com Oliveira Viana ("Populacoes Meridionais do Brasil",1920) o nacionalismo autoritario e conservador foi alimentado nas decadas de 20 e 30.A partir de 1937 alimentaria a ideologia do Estado Novo: "o nacionalismo mostrava a sua faceta mais desagradavel e perigosa,que é a posicao politica reacionaria,caldo da cultura do militarismo,do provincianismo e da obtusidade cultural".

Ao mesmo tempo,"os anos de 1920 viram atitudes mais fecundas e construtivas no campo da literatura,das artes e do pensamento,a começar pelas posicoes do Modernismo...".

Antonio Candido assinala um paradoxo: "no terreno social e politico,o pais atrasado e novo precisa ser nacionalista,no serntido de preservar e defender a sua autonomia e a sua iniciativa;mas,no terreno cultural,precisa receber incessantemente as contribuicoes dos paises ricos,que economicamente o dominam.Dai uma dialetica extremamente complexa,que os modernistas brasileiros sentiram e procuraram resolver ao seu modo."Candido explicita o "modo":

"É fundamental todo o seu movimento de valorizacao dos temas nacionais,a consciencia da mestiçagem,a reabilitacao dos grupos de valores marginalizados ( indio,negro,proletario).Mas curiosamente,fizeram isso recorrendo aos intrumentos libertadores da vanguarda europeia...".

Para Candido, "essa dialetica é nitida na obra de Mario de Andrade".

### OS ANOS 60: a cidadania dos trabalhadores

Continuemos com Marco Aurelio, "A situacao mudou radicalmente nos anos 60, de uma maneira geral, nao só no Brasil mas na maioria dos paises da America latina, onde haviam tantos projetos nacionais marcados pelo que chamamos de populismo; estes projetos foram politicamente derrotados e desapareceram.

Houve uma excecao nesta dinamica, que foi dominante nos casos da Argentina e do Chile: foi o caso do Brasil. Até 1968-69, aqui se deu um ajuste liberal, e se defendeu no plano internacional uma politica de alinhamento com os EUA -de alinhamento incondicional- porque este alinhamento sempre houve, mas de um alinhamento incondicional. Todos estao lembrados da frase do Ministro das Relacoes exteriores de Getulio Vargas, que dizia: "O que é bom para os EUA, é bom para o Brasil".

A partir dos anos 70 sobretudo, por uma serie de razoes, temos a retomada de um projeto de desenvolvimento economico em termos nacionais, ainda que este projeto se articule com a presenca do capital estrangeiro, repousando no famoso tripe: capital nacional, capital estrangeiro e o Estado.

De certa forma, havia mais implicita do que explicitamente, a ideia de retomar o velho projeto da CEPAL e levar a industrializacao substitutiva de importacoes. Para fazelo, era importante que o Brasil se adaptasse as condicoes de uma economia internacional, que já se percebia em mutacao. Por isto, nao só se buscava o desenvolvimento dos setores de industria de bens de capital, o aprofundamento da infra-estrutura, o que JK já comecara a fazer, como tambem já se procurava dotar o pais de condicoes de competitividade com os novos setores proprios da III revolucao industrial, já em marcha.

Nao é outra a razao pela qual os militares nos anos 70 e particularmente no Governo Geisel, procuraram desenvolver um projeto nuclear nas decadas em que foi proposto, e, criar uma industria de informatica a partir da reserva de mercado para impulsionar alguns outros setores ainda que em forma menos significativa como é o caso do setor da quimica fina.

No entanto, este projeto tinha uma caracteristica que todos nos conhecemos: era um projeto extremamente concentrador e um projeto que renunciava nao só a dimensao da democracia politica, como tambem qualquer preocupacao de ordem social.

A grande consequencia de tudo isto, é que, contra a vontade dos militares, a partir de um determinado momento estavam pensando simplesmente numa transicao em termos de uma engenharia politica institucional; no entanto, o Brasil foi capaz de construir uma poderosa classe operaria, quatro vezes superior a que existia em 64 e que viria a se transformar num sujeito politico importante a partir da metade dos anos 70 e durante quase toda a decada dos 80. colocando duas questoes essenciais:

1. o reconhecimento desta classe trabalhadora pelo sistema politico e, portanto, a questao da "cidadania dos trabalhadores", tema que outros paises, como o Chile e a Argentina, haviam resolvido a sua maneira a 50 anos pelo menos;
2. recolocando um velho problema já presente nos anos 30, ou seja, a chamada "questao social"; ainda que, esta questao atingisse, na formulacao deste setor, fundamentalmente os setores organizados da sociedade. E isto é um grave problema com o qual estamos a nos confrontar constantemente.

Nos anos 80, tivemos um fenomeno no Brasil, de certa forma original em relacao ao que ocorreu na epoca em outros paises do mundo e, que ocorrem normalmente em etapas semelhantes do capitalismo. Primeiro, vivemos durante praticamente toda a decada de 80 e

nos dois anos da década de 90, um processo de recessão, com pequenos movimentos ascendentes, que não desconfiguram a ideia de doze anos perdidos, do ponto de vista econômico. No entanto, o movimento sindical-operário (operário no primeiro momento e sindical a partir do final dos anos 70), contrariando os ciclos descendentes do capital, desenvolveu uma atividade ascendente. Evidente que esta atividade ascendente teve uma característica de resistência, e muitos ganhos foram restritos. No entanto, o que tínhamos que perguntar é o que teria acontecido se este movimento sindical, ainda que com estas características, não tivesse conseguido se organizar e se desenvolver.

#### Novos desafios, novas lições

“A partir da metade dos anos 80, passamos a nos ver confrontados com novos desafios, nos quais ainda estamos envolvidos sem termos conseguido grandes avanços, mas, pelo menos, com aberturas significativas. Estes desafios estão colocados para o movimento operário em primeiro lugar, como novo sujeito emergente da vida política nacional. Mas, também, para outros setores, justamente com a necessidade de construir um projeto nacional que não só estabeleça uma linha definitiva das condições de trabalho e de vida dos trabalhadores, mas sobretudo, que tenha condições de resolver os grandes problemas sociais e acima de tudo, os problemas dos excluídos, que cada dia se transformam em setores majoritários da sociedade brasileira.

Evidentemente, e para encerrar, podemos estabelecer as primeiras diferenças deste projeto nacional que se discute hoje, e que não está constituído, com o velho nacionalismo dos anos 50 e 60.

1) Do ponto de vista de suas bases econômicas, ele procura incorporar criticamente tudo aquilo que foi dito e estabelecido sobre as condições do desenvolvimento do período 50 e 60, acrescentados pelas dramáticas lições da falência das economias planificadas da URSS e do Leste europeu.

2) Do ponto de vista social, e, aqui está a diferença fundamental, tem sua ênfase na questão social. Procura, justamente, um tipo de reorganização da economia que seja capaz de compatibilizar a inserção da economia brasileira no mundo, com o atendimento ao mesmo tempo, das graves demandas sociais no sentido de vencer a situação de verdadeira anomia em que nos encontramos.

3) Do ponto de vista político, a própria constituição deste projeto e as lutas que se desenvolveram nestes últimos anos, colocam uma relação totalmente diferente do Estado com a Sociedade civil. É sintomático, inclusive, que a expressão Sociedade Civil no Brasil, sobretudo na leitura gramsciana, tenha surgido exatamente no momento em que o Estado havia conseguido praticamente liquidar ou desfigurar as formas de representação política, fazendo justamente com que a ideia de representação se recolocasse e o seu tema, o da reconstrução da representação, partisse de baixo da sociedade.

Ao mesmo tempo, o papel da relação do Estado com a sociedade civil também se redefiniu no que diz respeito à função econômica que o Estado passará a ocupar nesta nova sociedade. Não que a esquerda deva sucumbir à ilusão liberal do Estado mínimo, muito pelo contrário, a esquerda não pode compactuar com a ideia de um Estado burocratizado, apropriado pelos interesses corporativos, sobretudo aqueles do próprio Estado.



Razão pela qual, um projeto de desenvolvimento tem como pre-condição a reforma do Estado: a sua reforma não só técnica, mas a criação a partir da Sociedade civil e das instituições republicanas de uma multiplicidade de mecanismos de controle.

Finalmente, este Estado tem que ser parte de um Sistema Democrático, em aprofundamento contínuo, a democracia não se reduzindo ao Estado de Direito, mas, a democracia sendo pensada como a criação de novos espaços e de novos direitos, nos quais os conflitos não são liquidados, como na velha versão do nacionalismo, mas os conflitos criam as condições da sua resolução transitória, da sua reposição e aprofundamento.

O projeto nacional, basicamente, não pode ser um projeto fechado ao mundo, ele deve discutir a partir das suas características, a forma pela qual ele vai se inserir nas economias mundiais e, acima de tudo, para fazê-lo, ele deve definir as bases de novos projetos de integração regional. Neste particular, as esquerdas não podem adotar em relação a estes projetos de integração regional, uma posição puramente negativista, como em algum momento adotaram na Europa em relação ao projeto da CEE. O Mercosul e outros projetos são campos de disputas, nos quais inoperam ainda, o projeto liberal, extremamente questionado.

Os fenômenos do nacionalismo no mundo, demonstram também possibilidades de articulações horizontais de países que têm grandes dimensões territoriais, enorme potencial econômico, vocação política hegemônica, e dificilmente serão incorporados pelos Mega blocos existentes; podem perfeitamente estabelecer novas formas renovadoras de colaboração, desde que resolvam os seus problemas políticos internos, que não são pequenos; bastaria lembrar países como a Rússia, a China, a Índia, o Brasil, e sem nenhuma dúvida, a África do Sul.

isto permitirá, então, repensar a questão de uma Nova ordem Internacional; mas, não há uma nova ordem internacional com nações que não são soberanas, que não tenham projetos nacionais de desenvolvimento.", finaliza M.A. Garcia.

nacionalismo, hoje!

Retomando a reflexão de Candido, para quem ("nacionalismo é uma palavra arraigada na própria pulsão da nossa sociedade e da nossa vida cultural"), desta vez, ao recapitular sua lição sobre nacionalismo, mostrando seu lado instável, ao defini-lo hoje, e ao tracar alguns lembretes, no terreno cultural:

1. Recapitulando: na história brasileira deste século, têm sido ou podem ser considerados formas de nacionalismo o ufanismo patrioteiro, o pessimismo realista, o arianismo aristocrático, a reivindicação da mestiçagem, a xenofobia, a assimilação dos modelos europeus, a rejeição destes modelos, a valorização da cultura popular, o conservantismo político, as posições de esquerda, a defesa do patrimônio econômico, a procura de originalidade etc, etc.

Para Candido, "Tais matizes se sucedem ou se combinam, de modo que por vezes é harmonioso, por vezes, incoerente. É esta flutuação, esta variedade, mostra que se trata de uma palavra arraigada na própria pulsão da nossa vida sociedade e da nossa vida cultural."

2. "Hoje -continua-nacionalismo é pelo menos uma estratégia indispensável de defesa, porque é na escala da nação que temos de lutar contra absorção econômica do imperialismo. Ser nacionalista é ser consciente disto, mas também dos perigos complementares".

3. Ficando no terreno cultural, alguns lembretes.

- Se entendermos por nacionalismo a exclusão das fontes estrangeiras, caímos no provincianismo;

mas, se o entendermos como cautela contra a fascinação provinciana por estas fontes, estaremos certos;

- Se nacionalismo for aversão contra outros países, mesmo imperialistas, será um erro desumanizador;

mas, se for valorização dos nossos interesses e componentes, na sua pluralidade, além da defesa contra a dominação por parte destes países, será um bem.

- Se entendermos por nacionalismo o desconhecimento das raízes europeias, corremos o risco de atrapalhar o nosso desenvolvimento harmonioso;

mas, se o entendermos como consciência da nossa diferença e critério para definir a nossa identidade, isto é, o que nos caracteriza a partir das matrizes, estamos garantindo o nosso ser - que não é apenas "crivado de racas" (como diz um poema de Mario de Andrade), mas de culturas."

---

### O Nacional-cultural

Continuando na pisada da questão do nacionalismo cultural, exploremos algumas ideias de Mario Pedrosa. No texto de 1952, sobre a Semana de Arte Moderna, publicado em "Dimensões da Arte" (1964), refletindo uma exposição por ocasião dos 30 anos do grande acontecimento político-cultural ocorrido em 1922, Mario Pedrosa analisa a relação entre local e universal, nacionalismo e internacionalismo.

Pedrosa afirma que com a Semana chegou ao nosso país um "estado de espírito novo universal, revolucionário". Neste sentido, "surgiu com um certo "atraso", pois que as suas manifestações mais clamorosas, cubismo e futurismo, deram seus primeiros vagidos europeus por volta de 1900".

Porem, se "a gênese do modernismo está aqui trçada. Foi um movimento que veio de fora. Mais uma vez de Paris", Pedrosa detém-se sobre a noção de importação, a partir de uma fala de Mario de Andrade na famosa conferência balanço de 1942:

"Mario exagera. Não houve importação, que significa receber produtos, artigos, ideias, pratinhos em folha, bem acondicionados, para consumo direto. Mas a revolução da arte moderna não estava industrializada nem cristalizada para exportar-se como mercadoria. Era ainda - como é hoje - um movimento em marcha. O que houve não foi importação nem mesmo de modas, quanto mais de espírito. O espírito não pode jamais ser transformado em algo materializado, acabado, com um objeto de exportação. Mas uma das suas faculdades mais específicas é o terrível poder de contaminação que possui. E foi o que aconteceu".

Mario Pedrosa assinala traços fundamentais do modernismo, por exemplo, a visão de totalidade graças à interação com as artes plásticas. A penetração e a busca de raízes do país através do nacionalismo; contudo, este nacionalismo assumiu uma forma estreita e imbecil com aqueles que não interagiram com as artes modernas.

Mario assinala um dos "traços mais originais e característicos" do novo movimento: "parte de uma experiência psíquica, de uma vivência mágica preliminar: o contato com a pintura moderna. O ponto de partida não é literário". Sem dúvidas, uma quebra da hegemonia da palavra escrita, tema tão caro a Mario Pedrosa. Uma expressão do que Raymond Williams chama de "estrutura de sentimentos" e não apenas uma expressão "ideológica".

O movimento modernista abrange desde o início todas as experiências artísticas. Para

Mario Pedrosa, "Gracas a esse contato, desde os primeiros passos, com a plastica moderna, puderam os literatos e poetas do modernismo brasileiro ter, de saida, uma visao global do problema da arte e da criacao contemporanea. educaram-se atraves da pintura e da escultura modernas".

Este aspecto do movimento é fundamental, "Sem a contribuicao direta, primordial das artes plasticas, o movimento modernista nao teria marcado a data que marcou na evolucao intelectual e artistica do Brasil. A sua propria orientacao nacionalista na descoberta e revelacao do Brasil, nao teria tido a sistematizacao, a profundidade, a busca de raizes com que se assinalou. Desse clima é que surgiu provavelmente a ideia de "Raizes do Brasil", o penetrante livro de Sergio Buarque de Holanda. E a verdade é que foram as figuras de menos contato com o campo das artes plasticas as que, na inevitavel bifurcacao ulterior do movimento, tomaram do nacionalismo as formas mais superficiais e estreitas e nos dias de hoje a mais imbecil - a forma politica".

### Mario de Andrade e Van Gogh

Pedrosa assinala que "Por paradoxal que possa parecer, foi pela consciencia do seu "internacionalismo modernista", na expressao de Mario, que o movimento chegou -outra expressao de Mario- ao seu "nacionalismo embrabecido".

Ainda sobre Mario de Andrade, nosso Mario acentua a relacao entre "as culturas arcaicas passadas ou primitivas de povos contemporaneos", incorporadas pelo modernismo europeu, e o nosso modernismo.: "A conquista das culturas arcaicas pelo modernismo europeu coincidia com o pensamento universalista e primitivo de Mario de Andrade. O grande poeta modernista, desde o inicio, abarca na sua poderosa personalidade os dois planos do movimento - o plano universal, onde tem sua origem, e o plano nacional onde vai realizar-se."

Aqui, Pedrosa antecipa a teoria das "duas formas de vanguarda" de Angel Rama. Prosegue: "Em As Enfiaturas do Ipiranga, oratorio profano de 1922, o coro das juvenilidades auri-verdes, numa enumeracao prodigiosamente rica de cores e formas e temas e bichos nacionais- que prenunciam a admiravel descida de Macunaima, araguaia abaixo, para o sul do pais, acompanhado de todos os bichos da floresta amazonica- proclama: "as franjadas flamulas das bananeiras, as esmeraldas das araras, os rubis dos colibris, o lirismo dos sabias e das jandaias, os abacaxis, as mangas, os cajus, almejam localizar-se triunfantemente na fremente celebracao do universal".

Pedrosa fala do que seria a traducao plastica do poema marioandradiano. "Os sabias, as araras, as bananeiras sao evocadas pelas juvenilidades auriverdes para a integracao no universal. Note-se o extraordinario vigor plastico e cromatico da evocacao da natureza brasileira. Sua palheta lembraria os tons vivos do fauvismo e a violencia da cor pura de VAN GOGH. A diferenca é que a visao do poeta é otimista. O Brasil de Mario de Andrade entra pelos sentidos".

"...Fiel ao seu temperamento, fiel a educacao artistica direta que teve pelo contato com os quadros de Malfati e a escultura de Brecheret, fiel a volta as fontes puras de inspiracao, hostile entao ao intelectualismo conceitual e aos preceitos ideologicos estratificadissimos, o seu Brasil é antes um motivo, ou a pequena sensacao que em CEZANNE provocava o surto criador, do que uma abstracao ideologica, convencional e civica e fria."

O movimento modernista realizou, na sua epoca, uma especie de caravana da cidadania cultural: "O movimento modernista, depois de estrondar dentro e fora do teatro Municipal de S. Paulo, com o olho em Paris, entrou de Brasil a dentro pelos fundos. O primitivismo

foi a porta pela qual os modernistas penetraram no Brasil e a sua carta de naturalização brasileira.”

Pensando no itinerário de GAUGUIN, Pedrosa remarca que “E assim os modernistas brasileiros não precisavam ir, como seus emulos europeus supercivilizados, as latitudes exóticas da África e da Oceania para revigorar as forças em fontes mais puras e vitalizadas de certas culturas primitivas. Então virando-se para dentro do país, de costas ao mar, o líder intelectual do modernismo teve a noção de um Brasil caboclo, diferente do da capital, primário e irredutível na sua realidade física, capaz de lhe dar motivo para conjugar o cultural e o instintivo”.

#### A Antropofagia: Oswald de Andrade

Oswaldo de Andrade foi “o teórico e o criador consciente do primitivismo brasileiro. E como era natural, esse primitivismo, esse brasileiro de bodeco e beico furado. Oswaldo dele teve a revelação em Paris.” Oswaldo de Andrade, numa viagem a Paris, do alto de um atelier da Place Clichy -umbigo do mundo- descobriu deslumbrado a sua própria terra” (Paulo Prado, Poesia Pau-brasil). Oswaldo descobre, como Cabral, o Brasil”.

O Brasil dos modernistas “é um Brasil também físico, feito de minério, de vegetal, de credences e de cozinha... Por amor a poesia, as fontes reais e concretas da vida, ele (Oswaldo) também delimita o Brasil as suas realidades mais telúricas e físicas. Pau-brasil. É pois o seu um nacionalismo primordial, irredutível e anti-erudito como o de Mário de Andrade.

A análise que segue, feita por Pedrosa nos mostra questões fundamentais da relação entre estética e política, no caso, de um lado, a relação interativa entre as duas, de outro, (como é o caso do verde-amarelismo), da não interação entre as duas.

É espantoso ver como as afinidades que Marilena Chaui apontou entre a visão e a leitura de Brasil, tanto da esquerda quanto da direita, se refletem em ambas as posições em uma ausência dos elementos da estética ou seja, principalmente, das artes plásticas. O que nos leva a concluir que, a política sem a questão da hegemonia cultural, porta uma dialética terrivelmente empobrecida.

“Só mais tarde, quando as separações de temperamento e individualidade se fazem segundo as afinidades, é que o nacionalismo ingênuo e primitivo, não literário no sentido da expressão verbal, mas plástico, ramo regional do universalismo moderno, degenera em nacionalismo político, cívico, patriótico sob as suas diversas costureiras xifrinadas.” Mário Pedrosa aborda, então, a bifurcação dos modernistas. “É realmente o movimento modernista acaba bifurcando-se em duas correntes, uma de pura vivência psíquica e de alta vitalidade espiritual e artística, e a outra de mera expressividade anedótica e pitoresca que degenera em modismos preconceituosos para terminar em estilo de tropos oratórios.

De arte não resta mais senão a fórmula morta, e é, com efeito, curioso notar que dessas derivações literárias (não propriamente artísticas) frustradas da segunda corrente do modernismo brasileiro, como o “verde-amarelismo” e depois o indianismo anacrônico da “Anta”, nada ficou de esteticamente ou mesmo de especulativamente válido a não ser algumas imagens soltas de Cassiano Ricardo”.

Segue Pedrosa “Entretanto, o nacionalismo verde-amarelista não tardou a sair do plano espiritual da criação artística propriamente dita para coagular-se, desta vez como produto importado mesmo da Europa, num movimento exclusivamente político totalitário, decalcado nos gestos e na indumentária e em resíduos das ideias do fascismo italiano e do nazismo alemão.

O traco mais revelador da esterilidade criadora dessa corrente está na ausencia, no seu seio, de artistas plasticos e mesmo de musicos, isto é, as artes cujo meio de expressao se conserva mais limpidamente puro do contacto perigoso do mundo das ideias e dos conceitos, indissolúvelmente arraigados a palavra, materia prima da poesia, mas tambem do manifesto, da predica, do discurso e do arrazoado. E o Brasil para eles se tornou sobretudo uma abstracao seca, um faz-de-conta, uma convencao, uma academia de conceitos e formulas estereotipadas, uma ideologia de importacao”.

“A outra corrente, no entanto, se manteve fiel aos postulados do pensamento intuitivo dominante em toda atividade artistica e criadora”.

Para Pedrosa “Tarsila do Amaral é a primeira transcricao Pau Brasil para a pintura”. Contudo, “O estado mental de Pau-Brasil, entretanto, pouco dura. A realidade da vida e dos tempos espanta o lirismo infantil, fresco, otimista que o caracterizava. Osvaldo de Andrade com outros se desgarram do tronco modernista inicial e, com Tarsila como principal interprete, penetram mais a fundo no Brasil, para atualiza-lo mas conservando as suas raizes, as rudezas nativas, a sua selvageria, em sumo. E’ a antropofagia”. Neste sentido, ABOPURU representa bem essa vontade de violar as proporcoes naturais dos seres vivos e reais. A antropofagia nasceu dessa figura. E com ela acabou a linha de desenvolvimento plastico que vem diretamente da semana de Arte Moderna”.

Para concluir seu estudo sobre a Semana de 22, Pedrosa enumera varios nomes, como Di Cavalcanti, Portinari, Lasar Segall, Cicero Dias, Guignard, Goeldi, Ismael Neri e Pancetti. “Fiquemos por aqui e proclamemos a importancia da Semana de Arte Moderna para o desenvolvimento nao só artistico e literario do Brasil, como cultural e espiritual. Pela primeira vez nesse Brasil pachorrento, inerte que no entanto comecava a esboroar-se sob a desintegracao da velha economia feudal e cafeeira, um punhado de jovens se levanta contra a modorra e clama que nao somente nos dominios interessados da politica os homens tem motivos de lutar, de brigar. A arte é cada vez mais, em nossos dias, uma atividade digna de por ela os homens, os melhores dentre eles, lutarem e se sacrificarem”. (Rio, junho de 1952).

## A PRACA E O COLEGIO

"A continuidade na historia é a ma terceira posicao é utopica: a periferia afro-asiatica está mais adiantada que a periferia latino-americana; porem, é possível uma terceira posicao topica ou empirica, que problematizaria o campo hegemónico.

dos dominantes. A descontinuidade é a dos oprimidos" (W. Benjamin)

Este foi o nome dado ao texto em que Eder Sader analisou o significado da campanha civica pelas "Diretas Já" (1984). O que movia Eder?

"Porque o meu interesse aqui é resgatar promessas daquela campanha, sufocadas pelo realismo aliancista, e que constituem ainda indicadores da possibilidade de uma outra historia".

"Algo se perdeu na continuidade estabelecida pelo projeto tancredista... E são os fios perdidos, mas presentes, que necessitamos retomar se quisermos constituir um projeto efetivamente democratico e popular".

"Falou-se muito que a campanha pelas diretas significou um processo de politizacao popular.mas dizer isso ainda é pouco,porque assistimos a um progressivo processo de politizacao que nao é de hoje.Vejamos características da politizacao até a campanha pelas diretas para podermos qualificar melhor as características desta politizacao.

Situamos,mais precisamente,duas correntes de politizacao: uma primeira,pela via eleitoral,e uma segunda,pelo desenvolvimento de novos movimentos sociais".

Eder dá os exemplos:"A votacao crescente no MDB a partir de 74 já foi caracterizada como manifestacao de uma oposicao politica".O sufragio nesse partido seria uma opcao ideologica,no sentido de que ele era "do lado dos pobres",estabelecendo com ele uma "relacao de representacao".

Houve uma segunda corrente de politizacao que percorreu a sociedade brasileira na ultima decada(70).Ela veio dos novos movimentos sociais - do novo sindicalismo e de grupos de fabrica,de comunidades de base,clubes de maes,comissoes formadas em torno de reivindicacoes como creche,onibus,luz,agua,postos de saude e uma multiplicidade de questoes referidas as condicoes de vida urbana das classes trabalhadoras,além de sindicatos rurais e associacoes camponesas".

Eder destaca o ethos dessa segunda corrente:"a valorizacao dos processos de auto-organizacao e de uma solidariedade dos dominados face ao estado,de quem exigiam direitos".

Para Eder,as eleicoes de 1982,ao mostrarem os limites do PT (partido que mais se aproxima desta segunda corrente),mostraram tambem os limites dos movimentos sociais,sua pequena incidencia na institucionalidade politica.

Em breve,voltaremos a esta questao de uma possivel derrota desta segunda corrente e,se poderia voltar a tracar outras possibilidades noutra conjuntura.Agora,fiqemos na caracterizacao das duas vias.

#### A Via da Cidadania Ativa: do planalto as pracas

Na analise de Eder,percebemos os dois modos presentes no processo politico brasileiro:um que podemos chamar de "via passiva";e outro,a "via ativa".Evidentemente,estamos falando de conceitos gramscianos.

A partir da experiencia do Risorgimento italiano,Gramsci formulou o conceito de "revolucao passiva".esse conceito assume o carater de uma tendencia potencial inerente aos processos de transicao.dai,sua importancia para analise da transicao brasileira,ou do processo historico de politizacao no pais.

Em Gramsci,podemos distinguir duas formas de revolucao passiva.A primeira,procede pela "via estatal" da transicao e tende a resolver os problemas de direcao da sociedade pelo Estado;neste caso,a direcao politica torna-se um aspecto da dominacao,as massas sao manobradas,a classe hegemonica adota posicoes corporativas,e mesmo uma visao reducionista de classe (privilegiar seus proprios interesses,perdendo de vista a direcao global do processo e suas proprias alianças).

Uma segunda forma,a das classes dirigentes capitalistas diante da crise do capital;apoiam-se em relacoes novas entre estado e economia para operar uma reestruturacao capitalista das forcas produtivas,agindo sobre a propria classe operaria,ou seja,sobre as formas de organizacao e divisao do trabalho.A ampliacao do consenso em relacao ao estado nasce da fabrica.

A partir do conceito de revolucao passiva de Gramsci,podemos desenvolver seu corolario: a "revolucao anti-passiva"ou "revolucao ativa de massa".

O ponto de partida gramsciano,situa-se em dois eixos:

1. O fracasso das revoluções operárias no ocidente, segundo a estratégia da revolução soviética;
2. A consolidação do fascismo e as transformações do capitalismo através do New Deal norte-americano.

Estes fatos históricos, levam Gramsci a aprofundar e criticar a concepção economicista e instrumental do estado, que o reduz a dominação de classe. Em sentido oposto a tese staliniana do "reforço do estado", Gramsci teve a intuição da contradição que toda transição se depara: como, no momento em que se difunde e se amplia a dominação-hegemonia do estado, desenvolver uma transição anti-estatal?

Esta intuição, com seus vários elementos (crítica do economicismo, do Estado instrumental), só adquiriu plenitude, status teórico, ao se referir a teoria da revolução passiva, que determina uma articulação nova das relações hegemonia-estado-transição, e, sobretudo, partindo de um novo conceito de hegemonia, em relação a sua origem leninista.

Portanto, a análise da revolução passiva permitiu a Gramsci dois elementos fundamentais:

1. reformular a questão da transição;
2. desenvolver um corolário a revolução passiva: a revolução anti-passiva (revolução ativa de massa).

Assim, Gramsci reatualiza o marxismo a partir de uma crítica radical da revolução passiva.

E, quais as características dessa revolução ativa?

Aqui, nos encontramos com a análise de Eder sobre as duas vias de politização presentes no processo brasileiro.

Os elementos que caracterizaram a segunda corrente, segundo Sader, estiveram presentes várias outras vezes nas praças do Brasil. Após a campanha das "diretas já", teríamos o processo de participação popular na Constituinte (1986-1988), que retomou em outras formas, aquelas possibilidades de uma outra história. Sem dúvidas, a campanha da Frente Brasil Popular, em 1989, foi outro momento dessa onda democrática-popular; tal qual Afrodite, emergiu das profundezas do oceano, para marcar momentos decisivos da "constituição política do povo brasileiro", na linguagem de Dom Mauro Morelli.

E, quando menos se esperava, ressurgiu esta onda na campanha pelo inquérito de F. Collor, em 1992. Em todos estes momentos decisivos de nossa história, o elemento marcante foi a participação popular, de caráter cívico e de massa. Momentos de exercício decisivo de cidadania ativa.

Eder aprofunda sua análise. O Brasil foi varrido, em 84, pela mobilização política mais massiva da nossa história. O impacto dos comícios pro-diretas deslocou o centro político do palácio do Planalto para as Ruas, as Praças.

Aqui Eder retoma a sensibilidade de Hanna Arendt em relação ao espaço público. Para Laura Boella, "a importância a referência de Arendt a distinção própria da civilização antiga entre privado e público, resguardando uma passagem que era propriamente um movimento do corpo, um caminhar e um exercício, andando de um lugar, a casa, percorrendo um espaço com limites (assinalado materialmente por um elemento arquitetônico ou urbanístico, uma soleira, um espaço vazio entre dois muros, uma distinção na estrada) até um outro lugar, aberto e comum, a praça, a agora, o fórum, o teatro". Tal qual o planalto, "o privado, na antiguidade, representava o sacro, a vergonha, o segredo, a sombra, um lugar a parte, reservado, mas também a sede do despotismo doméstico do marido, do pai e dos homens sobre a mulher, os filhos e os escravos".

Mas,afinal,no que constituiu essa campanha pelas diretas? "Tentar analisar suas características talvez ajude a compreender uma disposicao social,presente e difusa,sem logar constituir-se numa forca social propria,mas promessa de uma outra possibilidade historica".

Ate as diretas,para Sader,haviam duas correntes de politizacao;uma se manifestava como oposicao politica atraves do voto;as eleicoes de 74 sao um exemplo,atraves da votacao crescente no MDB.Houve uma segunda corrente de politizacao que percorreu a soiedade brasileira na ultima decad(70).Ela veio dos novos movimentos sociais - do novo sindicalismo e de grupos de fabrica,etc,etc.

O "apoliticismo"destes novos movimentos englobava o rechaco as elites dirigentes e nao implicava uma recusa a pratica coletiva e autonoma...A valorizacao dos processos de auto-organizacao e de uma solidariedade dos dominados face ao Estado,de quem exigiam direitos".

Ö verao das diretas"galvanizou uma insatisfacao geral,uma vontade de mudancas e,mais que isso,uma vontade de participar na mudanca.

#### Para alem do apelido

Quando a gente do povo comecava a falar sobre a exigencia de "diretas já",passava logo em seguida aos protestos pelo desemprego,o baixo salario,o aluguel da casa,as roubalheiras da Coroa-Brastel,o sufoco do cotidiano da vida operaria.Diretas já,apareciam como um apelido para o fim do regime militar e da exploracao.

A campanha pelas diretas assumiu um carater "civico"e nao partidario...Os politicos no palanque dirigiam o coimicio mas o personagem central estava no meio das pracas,porque o objetivo era a conquista da cidadania de cada um dos manifestantes".

Para Eder,nao minguaram as lutas sociais,com a "derrota"da campanha.Faltou,sim,uma referencia central que projetasse a contestacao social no plano da politica...O fato é que ninguem chegou a elaborar um discurso alternativo.

O pais mudou de cenario e as luzes passaram a iluminar o palco do Colegio...assim,a substituicao da luta pelas diretas pela campanha pro-Tancredo no Colegio implicou um ofuscamento do protesto social que nao tem lugar nos espacos estreitos da nossa institucionalidade.Mas ele certamente voltará.E a capacidade que foi demonstrada por seus agentes de torna-lo um projeto social alternativo dirá das condicoes para que facamos uma outra historia".Conclue Eder Sader,cuja morte em inicio de 1988,nao lhe permitiria ver a volta da onda democratica-popular:(exceto no processo Constituinte,que tambem terminou no Colegio,com mais uma solucao aliancista),mas nao pode participar,da campanha de 1989,a da derrota de Collor em 1992 ,e,a derrota da Frente Brasil popular pela Cidadania,noutra saida aliancista,em 1992.

Em todos estes momentos decisivos de nossa historia,a grande questao foi:"O Brasil se encontra diante de um momento decisivo de sua historia: a oportunidade de promover a maioria social a condicao de maioria politica"(Antonio candido,FSP,30.09.94).Como dizia Mario Pedrosa,"tarefa fundamental de chamar o povo das profundezas onde jaz,ao plano politico".

Prossegue A.Candido,"Sob esse ponto de vista,a nossa historia desde a Independencia tem sido a da incapacidade de realizar esta tarefa.Inclusive porque,aqui,as reformas preconizadas pelos progressistas ou sao abortadas,ou(como já se disse há muito tempo) sao realizadas pelos conservadores,que se antecipam e,deste modo,dao um jeito de mudar o minimo para continuar mandando o maximo".



Enfim, eis a diferença fundamental entre o projeto democrático-popular da Frente Brasil Popular pela Cidadania e, a do projeto que venceu as eleições de 94, com F.H. Cardoso. Alias, Raimundo Faoro, em um belo ensaio sobre "A Modernização Nacional" (1994) nos esclarece que "A modernização, quer se chame ocidentalização, europeização, industrialização, revolução passiva, via prussiana, revolução pelo alto, revolução de dentro - ela é uma só, com um vulto histórico, com muitas máscaras, tantas quantas as das diferentes situações históricas".

E, assinala categoricamente que, "A recuperação da modernidade, para desvendar-lhe o leito por onde ela corre, não se faz do alto, pela revolução passiva, prussianamente ou pela burocracia. O caminho que leva a ela é o mesmo caminho no qual trafega a cidadania: essa via, que só os países modernos, e não modernizadores, realizaram, não tem atalhos".

Enfim, esta via já nos foi assinalada há muitas décadas. A. Candido em sua introdução a "Raízes do Brasil", afirma:

"Há meio século, neste livro, Sérgio deixou claro que só o próprio povo, tomando a iniciativa, poderia cuidar do seu destino. Isto faz dele um coerente radical democrático, autor de contribuições que deve ser explorada e desenvolvida no sentido de uma política popular adequada às condições do Brasil."

---

#### Mario Pedrosa: A Vocação das Regiões

"O Poder Nacional não pode antecipar-se ao estado fluido da própria sociedade, e só alcançará a plenitude de sua força e de sua coesão quando aquelas classes (as "classes oprimidas") encontrarem, dentro do todo nacional, o seu lugar ao sol". (Mario Pedrosa)

Outro grande socialista brasileiro, Mario Pedrosa, (a quem se referia Marco Aurélio Garcia como "figura acima de qualquer suspeita, um monumento da esquerda brasileira que foi descoberto nos anos 80"), em sua obra datada de 1966, *Opção Imperialista*, retomada de um texto de 1948 (os socialistas e a guerra), analisando os fenômenos do nazi-fascismo, do americanismo-fordismo, do stalinismo, empregava o conceito de reformas contra-revolucionárias para chegar à definição das revoluções nos países do chamado terceiro mundo.

Este conceito tem afinidades com o gramsciano de *Revolução Passiva*, elaborado, sobretudo, no seu estudo sobre o americanismo, no QC número 22 (1934). Gramsci vê o americanismo como uma das formas de revolução passiva, e pensa o seu corolário: a revolução ativa socialista.

Tal qual Gramsci nos anos 30, Pedrosa nos anos 40, tenta repensar a questão da revolução no neocapitalismo, incluindo a questão dos países subdesenvolvidos. O velho debate Oriente x Ocidente.

Pedrosa caracteriza o pensamento marxista e socialista no quadro da revolução passiva imperante em todo o período entre as duas guerras. "Nos partidos comunistas imperavam o monolitismo safaró e, no fundo, retrogrado do estalinismo, a mais terrível estreiteza teórica e uma combinação do oportunismo com um sectarismo organizativo do mais completo feitio totalitário... Dai resultou a impotência teórica generalizada no mundo imenso do socialismo numa prática, conseqüentemente, inconsistente, contraditória, do mais baixo empirismo". Para Pedrosa, a URSS agia na "base da mesma velha estratégia de antes da guerra e de velhas

formulações teóricas num mundo que assistia ao desmentido mais acabado as perspectivas socialistas, comunistas, marxistas quanto ao futuro do capitalismo; este era, com efeito, capaz de novo surto de desenvolvimento de suas forças produtivas, por uma notável transformação de suas estruturas. O mundo está pagando caro essa impotência teórica... Não há, assim, por que se admirar se se dá com um mundo na mais formidável revolução tecnológica e mesmo científica de que há memória - mas engolfado ainda num primarismo político positivamente indecente”.

Dai, a necessidade de repensar a questão da transformação social.

Assim, Pedrosa afirma que o problema fundamental - de países subdesenvolvidos e massas trabalhadoras com suas aspirações sociais - em face do neocapitalismo, é o problema da reforma ou revolução.

Citando Myrdal, Pedrosa avança sua reflexão: “(...) Como sempre na História, as reformas têm de ser conquistadas pela luta, vencendo a resistência tenaz da maioria dos que têm de aceitar sacrifícios. (...) a luta decisiva tem de ser travada no terreno doméstico. As reformas terão de vir como resultado de um processo político de eficácia crescente”. Diz Pedrosa, “Assim, em lugar de condenar as lutas pelas reformas como um mal, o economista europeu socialmente consciente tende a considerá-las como inevitáveis e também fecundas. É que essas lutas, diz ele, acarretam em si mesmas uma preparação, um exercício educacional insubstituível na democracia. Myrdal que não é marxista, aproxima-se aqui do velho Marx na sua maneira propedéutica de educar democraticamente os povos e os homens na ação e pela ação”.

“Só reformas dessas ‘e que não são “contra-revolucionárias”, mas reformas “revolucionárias”. Para os subdesenvolvidos não há outras”. Pedrosa afirma a “necessidade, a fecundidade da intervenção ativa do povo na efetivação das reformas verdadeiras, estruturais; sem essa intervenção não poderão elas vingar... A experiência histórica tem mostrado que ao concorrer para a melhor organização dos elementos de defesa e afirmação social das camadas populares e proletárias da sociedade vai a luta de classes perdendo em violência, em virulência, em explosões súbitas, como outrora, de rebeldes famintos, de escravos oprimidos, de negros perseguidos (nos EUA e na África, e outrora no Brasil, no Haiti) e a se desenrolar em processos de luta organizados, bem delimitados, viris mas disciplinados”.

Adiante define que “As reformas de estrutura de que tanto se fala, precisam de dois requisitos para assim serem definidas: participação direta, cooperação ativa na sua execução, do povo, das camadas de rendas baixas e médias, ao contribuírem para “controlar o consumo dos ricos”, e término da exploração das massas proletárias pelo imperialismo”.

Aqui, Pedrosa aproxima-se da definição de Hegemonia. Citando o “velho marxista Karl Kautsky”, do Caminho do poder, 1909: a “revolução proletária” seria dirigida - nos países de alto desenvolvimento naturalmente - por uma classe operária senhora de seus destinos, tendo o que perder, rica em quadros experimentados em todos os setores da vida social e cultural, forte de suas poderosas organizações sindicais, políticas, culturais, etc... A luta de classes, assim - e o pensamento vem direto de Marx e de Engels - não é necessariamente um processo de agravamento de violências e subversões, nem de caos, mas pode ser um processo de disciplinação, educação e criatividade das massas proletárias”.

Pedrosa dialoga com Gorz (estratégia operária e neo-capitalismo, 1964), para retomar suas questões sobre a revolução e a reforma, o Ocidente e o Oriente. "Num livro sob muitos aspectos novo e construtivo pela originalidade de conceitos e sobretudo pela maneira de repor o problema capital da estratégia da revolução socialista em nossa época, André Gorz retoma de alguma forma a questão da natureza das reformas e contra-reformas, revolução e contra-revolução de que é tão cheia nossa época... Gorz trata o problema posto por nós nos idos de 40: a natureza de certas transformações havidas ou por haver no funcionamento ou nas estruturas do capitalismo. Gorz dirige-se especialmente ao movimento socialista nos países desenvolvidos da Europa ocidental. Dir-se-ia não nos tocar. Engano.

O problema da revolução nos países subdesenvolvidos é diferente, sem dúvida, do da revolução nos países de alta industrialização. A diferença maior, quanto a forma, está em que a velha alternativa entre a luta pelas reformas e a insurreição armada deixou praticamente de existir, principalmente nos velhos países altamente industrializados do Ocidente. Quanto a força motriz dos movimentos, contrariamente ao que se pensa, continua nos países de alto desenvolvimento, a poder ser representada pela classe trabalhadora redefinida. Os "assalariados produtores" a que se referia Marx não podem mais ser confinados a noção de "trabalhadores manuais, criadores de mais-valia, pagos por peça ou hora. O desenvolvimento tecnológico e produtivo ampliou extraordinariamente essa noção".

No "capitalismo global", diz Pedrosa, "a alienação que outrora recaía sobre os operários, como produtores mutilados pela sua concentração nas tarefas parceladas na fábrica, agora se completa quando ele aparece como consumidor, ao qual a publicidade arrebatou a possibilidade de escolher ou mesmo de reconhecer suas próprias necessidades pessoais".

Para Pedrosa, esse capitalismo global é resultante das reformas contra-revolucionárias dos anos 20 e 30. "Sob o regime das reformas contra-revolucionárias institucionalizadas, inclusive nos países democráticos ocidentais, a eficiência produtiva aumentou, a racionalidade econômica cresceu, a cultura chegou às "massas", mas tudo em detrimento do homem, do homem com os seus fins e aspirações contraditórias, substituídos estes por jornadas de trabalho mais curtas mas infinitamente mais intensas e um dia cada vez mais cheio de mata-tempos, distrações e divertimentos organizados, sistemas de informação crescentes em quantidade e relativa diminuição do valor, propaganda das vantagens da melhor democracia, da melhor cerveja, do melhor calista, do melhor negócio, da melhor igreja, do melhor cinema, circo ou jogo, do melhor político, do melhor campeão, do melhor governo, do melhor trabalhador ou patrão, do melhor doutor, da melhor mãe, etc, etc... Tudo isso vem do arsenal totalitário das reformas contra-revolucionárias. As categorias sociais desaparecem, o homem é atomizado; é o ideal da democracia, da boa, isto é, representativa. Esse ideal foi criado pelo fascismo. É o que impera nos Estados Unidos".

Claramente, vê-se que Pedrosa assimilou profundamente sua vivência nos EUA. "Nos Estados Unidos, o mecanismo da produção em massa do neocapitalismo criou uma suprema categoria social, medida pelo maior número de bens duráveis que possui um cidadão. A classificação do homem na sociedade tende a desligar-se de seu trabalho e de sua função na produção para caracterizar-se pelo grau de seu consumo. (...) Ao fabricar em massa as coisas mais espontâneas ou casuais, por definição artesanais ou do fazer manual, são institucionalizadas, como a torta, a maionese, a ipoca, o sorvete, o brinquedo, a gravata, o bonde, o berimbau, o saxofone, a esteira, o rosário, o santo, a imagem, a lembrança, o amor, o casamento, etc. Assim, a população inteira, todos os dias, de norte a

sul, de leste a oeste do país, come a mesma torta, a mesma salada, nas mesmas horas, de alto a baixo da escala social”.

Para Mario, “a revolução socialista opõe ao consumismo alienante do neocapitalismo outra concepção das necessidades. É uma gigantesca tarefa social, econômica, cultural, ética, desalienante. A equipe dos trabalhadores cientistas representa papel primordial. Onde o trabalho é parcelado, é subordinado a norma de rendimento, onde produz fadiga nervosa e física, periodicamente, sistematicamente, onde se faz um ambiente de massa ou coletivo, seriado, mas no qual não tem o trabalhador uma visão de conjunto do produto em elaboração, onde o estatuto pessoal do trabalhador é subsumido no grupo ou categoria na fábrica, no laboratório, no escritório, na empresa, no empreendimento, onde as relações pessoais entre o trabalhador, o assalariado individual e o diretor, o gerente, o patrão, não existem mais - estamos em face do produtor assalariado, seja um trabalhador manual, um operário qualificado, um técnico, um engenheiro, um pesquisador, um sábio. E na categoria de produtor assalariado são todos membros, potencialmente, essencialmente, da classe operária. Não é o capitalismo, nem mesmo o neocapitalismo que dispõe ainda de fronteiras abertas. O mundo do trabalho é o mundo de fronteiras abertas; ele não pode, porém, como mostra Belleville (Une nouvelle classe ouvrière, 1963), “esperar passivamente que suas fileiras cresçam. Tem ele, em compensação, a possibilidade de reivindicar as fronteiras novas”. Compete a ação sindical moderna esse reivindicar de novas fronteiras para o trabalho”.

Uma civilização do trabalho, obra da praxis da classe operária é a alternativa a civilização neocapitalista.

#### Bases de um Projeto nacional cultural

Pedrosa retoma sua questão da reforma: “A reforma revolucionária nos países de neocapitalismo é a transformação deste, por dentro, em socialismo... As nossas reformas são a revolução dos subdesenvolvidos - revolução mais ampla e menos definível, mais contraditória e complexa, mais impetuosa e mais plebeia, mais popular, isto é, menos homogênea socialmente. Ela é todo um processo de mudanças contínuas nas estruturas da sociedade, desde uma alteração profunda no dinamismo social das populações rurais, em que uma velha classe de proprietários fundiários desaparece para dar lugar a uma nova classe de capitalistas agrícolas em face de um novo proletariado rural direta e organizadamente assalariado, a uma modificação não menos radical na ordem econômica geral, com crescimento considerável do setor da propriedade pública até colocar sob o seu controle as principais alavancas de comando da economia nacional. O peso específico da classe trabalhadora tende a aumentar e o crescimento das forças produtivas irá depender de mais a mais das técnicas de planejamento e de uma política de investimentos de caráter acentuadamente social. Ela também visa a dar às populações que vivem no interior de seu território um sentimento novo, o de uma PARTICIPAÇÃO COLETIVA NUM TODO NACIONAL CULTURAL enfim acabado ou completo, capaz de falar, entender-se, comunicar-se com o mundo num acento que lhe é próprio”.

Segue Pedrosa, “Esse ‘é o modelo que a história e a experiência empírica têm elaborado para o Terceiro Mundo. As revoluções dos países do Terceiro mundo tendem a refletir-se umas sobre as outras e a revelar uma face internacional cada vez mais pronunciada. As revoluções nacionais dos subdesenvolvidos têm não só problemas comuns mas também inimigos comuns. Elas não podem vencer sem uma reforma profunda na estrutura do comércio internacional e, logo, da economia internacional... A revolução dos subdesenvolvidos é absolutamente antiimperialista. A luta antiimperialista, para ser vitoriosa, tem de ser levada a efeito numa frente comum dos

países subdesenvolvidos, como sua política permanente, independentemente de conjunturas nacionais críticas ou crônicas... Nessa política externa está contida a condição fundamental para a realização do objetivo nacional permanente - a emancipação. As tarefas internas urgentes serão irrealizáveis - ou para realizá-las o esforço e o sacrifício serão ainda mais penosos - sem uma ação coletiva das nações incompletas em marcha para a integração nacional no plano regional e no plano internacional”.

### A Revolução Dupla

“A revolução dos subdesenvolvidos é assim dupla: a emancipação nacional em face dos interesses imperialistas alheios e contrários. A emancipação social das classes oprimidas e de baixos e médios rendimentos, internamente. Não basta que desenvolvamos ou criemos uma indústria, equipando-a com todos os recursos de que precise, arrancando os capitais onde estiverem para aquele fim, mas - nas próximas décadas - já não se poderá tolerar que essa tarefa se faça exclusivamente às custas da miséria das nossas populações. É preciso que ao mesmo tempo se alimente o povo, se vista o povo, se abrigue o povo, se o eduque, para uma nação moderna e modernamente equipada. O controle das rendas terá de ser severo, o controle dos investimentos implacável, a redução dos ganhos improdutivos será uma necessidade, a padronização dos bens de consumo e duráveis uma imposição social, o monopólio do comércio exterior e do câmbio sem brechas, prioridade absoluta dos instrumentos públicos de ensino e educação tecnológica para o povo (inclusive guerra ao analfabetismo); destruição do velho aparelho estatal e sua remodelação completa para servir as transformações da economia e da sociedade, abolição das forças armadas e sua substituição por milícias populares, aproveitamento de seus serviços técnicos e industriais para aplicações civis no desenvolvimento das infra-estruturas sociais e econômicas”.

“Não há, assim, reformas de meio termo para contentar alguns grandes Estados ricos e protetores. Toda reforma que nos países subdesenvolvidos se confine a alterações administrativas, técnicas ou legais de ordem interna, será reforma tipicamente contra-revolucionária, pois visa a enquistar ou calcificar a subordinação da economia primária a do Estado ou Estados imperialistas, controladores dos recursos financeiros internacionais. Não emancipa o país. Ao contrário. E implica a permanência no estágio da estagnação ou dos níveis do subconsumo ou da mediocridade. Quer dizer da dependência.

Nos países altamente industrializados, o problema da revolução ou reforma contra-revolucionária é diferente. André Gorz o coloca nos seguintes termos:

“É possível do interior do capitalismo - quer dizer, sem antes o ter abatido - impor soluções anticapitalistas que não sejam incorporadas e subordinadas ao sistema?” E volta ele à velha questão: reforma ou revolução? Era questão primordial quando o movimento parecia ter a escolha entre a luta pelas reformas ou a insurreição armada. Não é mais o caso da Europa ocidental. E por isso mesmo a questão já não tem a forma de alternativa. A questão agora diz respeito à reforma. Mas, sustenta Gorz, trata-se de saber se são possíveis o que chama de “reformas revolucionárias”, ou “reformas que vão no sentido de uma transformação radical da sociedade”.

Para Mario, a grande crise de 1929 e o advento dos regimes fascistas na Europa trouxe um fenômeno novo, que causou perplexidades nas fileiras dos socialistas e comunistas. Nessa atmosfera surgiram as reformas-contra-revolucionárias, inéditas: eram dirigidas contra o capitalismo liberal, eram reformas “anti-capitalistas”, de alguma forma.

Gorz, segundo Pedrosa, fala de “reformas revolucionarias”: as que vão no sentido de uma transformação radical da sociedade.”Ele tomou a questão pelo seu lado positivo, e nós, pelo negativo, numa situação anterior, bem diferente da em que escreveu seu livro, em 1964”. Na verdade, Pedrosa analisou o fenômeno das “revoluções passivas” e, Gorz fala de seu corolário, as “revoluções ativas”.

As reformas estruturais, revolucionárias, não tratam de delegar ao Estado a tarefa de emendar o sistema. ( diz Mario: Emendar o sistema não é a tarefa dos subdesenvolvidos: estes o que têm a fazer é CRIAR um sistema, o sistema deles, um sistema novo. A reforma de estrutura é para o autor aqui comentado uma REFORMA APLICADA OU CONTROLADA PELOS QUE A RECLAMAM. O que importa é que surjam de todos os campos novos centros democráticos de poder - ao nível das empresas, escolas, municipalidades, regiões, órgãos de planejamento, etc”.

Aqui, Pedrosa nos fala da autogestão social, um dos elementos da revolução ativa de massa.

### Socialismo ou Barbarie

No período do exílio europeu (1973-1977), Mario Pedrosa mantinha a mesma pisada. Assim, em suas “Teses sobre o Terceiro Mundo”, parte do seu estudo-balanço do quadro econômico dos anos 70 ( Rosa Luxemburgo e a Crise do Imperialismo), marcando sua despedida do europeísmo, definia a revolução dos “condenados da terra”:

Citando Samir Amin e pondo-se ao seu lado: “na crise atual, há duas perspectivas. Eu me sinto voluntariamente ao nível mundial, e não ao nível do ocidente separado dos países atrasados da periferia”.

No parágrafo, Crise e Revolução, afirma Pedrosa “A crise atual é literalmente mundial. Para compreendê-la é preciso, primeiramente, que cada um se erga a uma consciência do mundo. A obra do mundo sobre o planeta está em pane. Conserta-la, salva-la, só será possível desta vez pelos grandes meios: uma Revolução de ordem total, global, universal e radical. Radical, porque descerá até as raízes das coisas; universal, porque não poupará nenhum canto da terra; global, porque não será somente política ou social, mas científica, ecológica, ética. Ela deveria ser a última, porque, se não ocorrer, significaria a abertura da crise em toda a sua potencialidade destrutora, cujas transformações sociais, políticas, físicas, ecológicas, em seu seio terminarão por levar a humanidade ao fundo do abismo. Os países ricos e poderosos podem resignar-se a prolongar a ilusão do seu status quo até a catástrofe final. Os países pobres do terceiro (e do quarto) mundo, sendo mais ou menos desprovidos dessa ilusão perniciosa, não podem resignar-se; eis porque é preciso ver neles os portadores da Revolução”.

Nos anos 80, em artigo intitulado "O Futuro do Povo", afirmava:

"O Brasil, voltado para si mesmo, para empreender a sua revolução moral, política e tecnológica, não se confinará a imitar como até este momento, as técnicas e ideias do capitalismo internacional. A revolução que deverá ser bandeira do PT não se limita aos velhos moldes do capitalismo das nossas classes dirigentes. Sua dinâmica é outra. Ela irá às diversas regiões do Brasil desprezadas e sufocadas pelo poder central de Brasília, que trata desigualmente em estados da Federação, e as chamará para constituírem-se em assembleias soberanas que levarão em seu tempo, a uma Constituinte verdadeiramente nacional, seus cadernos de reivindicações...

Tudo está assim a mudar pela raiz... A renovação do Brasil pede novos métodos e uma ação política nacional e democrática."

Neste texto, Mario pedrosa parecia profetizar sobre as campanhas civicas que iriam surgir: a das diretas ja(1984) e, sobretudo, a da participacao popular na Constituinte, de 86 a 88. Inclusive, quando fala do "caderno de reivindicacoes", lembra-nos as "emendas populares".

Em outro texto, "A Missao do PT", Pedrosa retoma e completa sua fala anterior: "O que se passa na realidade é que nos encontramos em face de um impasse burocratico total do Brasil. O quadro estrutural do estado brasileiro nao pode sobreviver; tem que ser alterado de alto a baixo para que de novo a Federacao reviva. E é desse impasse que temos que recomencar. E eis porque todas essas palavras de ordem de Assembleia Constituinte, com Joao ou sem Joao, nao funcionam nem estao na ordem do dia. De que se necessita é recomencar por baixo. a partir realmente da vocacao das regioes e dai sim iniciar um trabalho imenso de reconstrucao da nacao atraves de assembleias constituintes regionais que permitiriam ir ao encontro das necessidades fundamentais do povo que habita essas regioes. ir porem a busca da vocacao das regioes nao significa projetos grandiosos do Brasil potencia, mas significa dar precedencia aos povos que habitam essas regioes malfadadas para que eles entrem afinal na vida social e publica do brasil contemporaneo...

Quando falamos em assembleias regionais, é para que os estados recobrem sua autonomia e os povos seus direitos democraticos fundamentais desta nacao até hoje incompleta que é a nacao brasileira. A grande tarefa e imediata do povo brasileiro é a organizacao dessas assembleias constituintes regionais, convocadas por partidos, que sobem de baixo, como o PT, é também uma tarefa essencial de outra instituicao fundamental do brasil de hoje, que é a Igreja dirigida por bispos, pastores e cardeais como Dom Paulo Evaristo Arns, Dom Helder Camara, Dom Tomas Balduino, Dom Valdir Calheiros e outros. Estes nao se podem negar a essa tarefa instrinsicamente primordial que é a de descobrir a vocacao das regioes, pois é nela que a vocacao do povo vem a tona.

O PT é o povo organizado. As CEBs da Igreja contém no seu seio grande parte deste povo. Nesta tarefa fundamental de chamar o povo das profundezas onde jaz, ao plano politico, que Dom Paulo me perdoe, mas esta é a missao mais autentica de sua Igreja no Brasil atual...

Na mesma linha de Eder, Pedrosa associa-se a sensibilidade arendtiana do espaco publico da visibilidade. Segundo L. Boella, partindo de um certo "radicalismo populista de inspiracao luxemburgiana" e do sentimento de justica de Marx, Hanna Arendt "sente o impacto na historia moderna da exploracao e da opressao, da necessidade de vastas massas, condenadas a invisibilidade da total sujeicao na "pena" do trabalho, de sair á luz, de conquistar uma relevancia no plano politico e social".

Cabe já a essas assembleias constituintes regionais abrir o processo politico decisivo no Brasil. E poderia ser essa uma funcao conjunta do PT e das CEBs da Igreja, mesmo que em seu inicio essas iniciativas nao tenham propriamente carater oficial. Basta que sejam populares e sejam legitimas, convocadas por essas respectivas instituicoes, que nao ferem, assim agindo, nenhum preceito constitucional.

Se essas assembleias sao assim regionais no seu inicio, nada impede que possam terminar num formidavel coroamento, numa Assembleia Nacional Constituinte..."

O processo constituinte, buscou dar vida a essa perspectiva. Os comites de participacao popular constituinte, as assembleias municipais realizadas (como em Guarulhos e Vila Velha, Sao Joao Meriti), a ideia de uma Assembleia Nacional Constituinte exclusiva, as emendas populares; tudo isso, tinha sintonia com a ideia pedrosiana de "vocacao das regioes", de luta pela construcao de uma esfera publica democratica, e da cidadania ativa.

---

### Um primeiro passo

Será nas palavras de Hebert de Souza, Betinho, que iremos encontrar afinidades eletivas com o que já vimos acima. Vale ressaltar que Betinho foi um dos principais animadores do processo de participação popular na Constituinte.

"A perspectiva para este país não escapa de uma valiação a curto, médio e longo prazos. Num tempo mais próximo: vejo a possibilidade concreta de se encerrar o ciclo autoritário, que se aprofundou em 64 e se estendeu até Sarney. Com a nova Constituição pode-se abrir o princípio de um processo de liberalização. Não de uma sociedade democrática, mas de uma sociedade que vai se liberalizando. A grande contradição do momento ainda é entre uma sociedade profundamente autoritária e um projeto liberalizante...

Estou falando dos próximos cinco anos, durante os quais podemos construir a passagem de uma sociedade autoritária para o começo de um processo liberal.

A médio prazo, na próxima década (90), temos condições de evoluir para o debate e a elaboração de um projeto democrático, o que vai significar, pela primeira vez na história do país, o início de uma era de transformações sociais profundas, estruturais. Betinho, nos fala em 1987.

E, a longo prazo: se essas duas coisas se realizarem - o cumprimento integral da Constituição e a elaboração de um projeto democrático - acho que podemos entrar no século XXI como um país em condições de equacionar as questões fundamentais da maioria da população, a aí de fato ser uma nação.

Betinho adverte que, "Somos um território em guerra. eu não posso precisar a questão do tempo, mas acho que este movimento da história, ou melhor, este pode ser o movimento da história. Se não for, estaremos caminhando para uma espécie de Admirável Mundo Novo, de Aldous Huxley. Ou seja, uma minoria vivendo no século XXI, encastelada e protegida por rígidos esquemas de segurança, e uma imensa maioria na mais absoluta miséria e violência".

Prossegue, "Não sendo o projeto do capital internacional o modelo que nos interessa, o que o Brasil precisaria fazer para criar o seu próprio modelo?"

Precisaria começar por um projeto nacional, que poderia e deveria ser articulado com o mundo... Um país que deseja ter um processo de desenvolvimento, precisa antes dizer qual é esse processo, qual é o seu projeto de país e de sociedade. A quem ele deve atender e como se organizar para dar esse atendimento. Portanto, mais do que nunca, um projeto político nacional é o primeiro passo.

E, eu diria, sem exagero, que o ensaio geral de tudo isso, pós-golpe de 64, é a Constituinte de 88. É o embrião que precisa ser transformado em projeto. Só não ver quem não quer. Alguns já viram, querem impedir, porque é a primeira vez desde 1964 que um projeto nacional tem chance de emergir".

Um longo caminho para o Brasil. O que aconteceu foi que em 64 a Nação recebeu um tiro no peito. Um tiro que matou a alma nacional... Eu entendo que um projeto democrático de sociedade passa pelo resgate e pela definição dessa dimensão nacional. Não se trata de xenofobia, mas simplesmente de um projeto que tenha a cara das pessoas, a cara do conjunto da maioria da sociedade. o nacional, no caso, é o reflexo do interesse da maioria que vive nesse espaço".

Por fim, Lula tem concentrado essa busca as raízes do Brasil: a busca a vocação das regiões! As "caravanas da cidadania", portam esse significado simbólico, cultural. Junto



com Betinho com a campanha dos comites de cidadania,representam a via "sem atalhos",a da "cidadania ativa".

Leonardo Boff,em seu depoimento como participante da setima caravana,captou magistralmente esse sentido:

"Cada caravana significa uma viagem as entranhas do Brasil.Todos conhecem a cabeça do pais,isto é,a capital federal e dos estados.Quase todos sabem do coracao do Brasil,o pulsar de sua gente,seu processo produtivo.Mas poucos conhecem as entranhas do Brasil...Pois é exatamente este o significado de todas as caravanas,da primeira a esta ultima pela bacia do rio Sao Francisco.É o encontro com o Brasil profundo...Governar nao é piramidalizar todas as questoes e seus encaminhamentos,é criar redes de articulacao,de animacao e participacao democratica".

No balanço que faz da caravana,Boff analisa o papel de Lula:"Lula inaugura uma nova forma de fazer politica,longe dos burocratas,fora dos escritorios e do acumulo de papeis.Vai diretamente aos portadores do poder social,que sao os cidadaos.(...)Se bem repararmos,a populacao brasileira é feita de sobreviventes da grande tribulacao historica a que as elites submeteram as grandes maiorias.Lula vai atras delas.É alguém que vem desta anti-realidade.E desce aos infernos para traze-los á luz solar,como o mestre da caverna de Platao...".Por que nao,como dizia Mario Pedrosa:"Nesta tarefa fundamental de chamar o povo das profundezas onde jaz,ao plano politico...".

#### A insurreicao do Brasil real

Passemos a palavra a Luiz Dulci,que captou de forma brilhante o papel dessas caravanas de cidadania.Em artigo para Teoria & Debate,intitulado "A Aldeia e o mundo",Dulci trata da "questao nacional".

Adverte Dulci:"No afa de nos livrarmos de um esquema interpretativo e de acao que nao corresponde mais,se é que algum dia correspondeu,subjativa ou objetivamente,aos desafios da nossa independencia,corremos o risco de considerar indevidamente superada a propria questao nacional,como se ela fosse em si mesmo um anacronismo politico.Corremos o risco de pensar e agir como se o Brasil nao tivesse mais tarefas nacionais a cumprir,como se as transformacoes de um carater eminentemente nacional que os apises mais avancados do mundo realizaram ao longo dos seculos XIX e XX já estivessem realizadas e superadas entre nós.

Na verdade,essa revisao critica nao se dá no vazio,alheia a disputa politico-ideologica em curso no pais.Ela está longe de ser apenas uma dialetica intelectual interna a esquerda.ocorre ao contrario em contexto extremamente adverso,em tensao permanente com a ideologia neoliberal hegemonica no pais.Pois Collor foi destituído mas o neoliberalismo continua exercendo fortissima hegemonia sobre a vida cultural e politica brasileira,acossando inclusive a elaboracao doutrinaria da propria esquerda.

Nao é de estranhar,neste contexto,que se queira induzir-nos a tratar a questao nacional brasileira como aracaica,ultrapassada,supostamente incompativel com o ideario de uma esquerda de novo tipo,realista,criativa...

A questao de um projeto nacional...nao tem lugar na proposta neoliberal para os paises subalternos...Tematizar o Brasil,o destino coletivo de seu povo...é signo de esquerdismo nostalgico...Essa hegemonia instaurou-se,salvo engano,porque o neoliberalismo ocupou um espaco duplamente aberto.De um lado,aquele aberto pela crise do socialismo e da social-democracia,ou seja,dos paradigmas classicos da esquerda;de outro,aquele disponivel pelo esgotamento do modelo de desenvolvimentista que o Brasil adotou,grosso modo,desde 30...

Transcender-se o velho e inadequado nacionalismo é, portanto, uma necessidade imperiosa, a esquerda não tem porque fazê-lo negando a questão nacional- e sim renovando dialeticamente, através de um projeto de integração soberana do Brasil no sistema econômico e político internacional."

Na parte final de seu texto, Dulci avança para análise da questão cultural:

"O PT, que teve entre seus fundadores personalidades como Sérgio Buarque de Holanda, Mario Pedrosa e Antonio Candido, tem a sua disposição um patrimônio teórico alternativo para trabalhar na perspectiva da integração soberana. Todos eles pensaram o nacional com vocação universalista. Candido escreveu sobre o tema um ensaio notável, "Literatura e Subdesenvolvimento", de 1972, que assenta as bases éticas e culturais para um renovado não-exclusivista projeto nacional.

Nesse sentido, o PT cumpre agora, através das caravanas da cidadania, lideradas por Lula, um movimento político-cultural e simbólico importantíssimo, cujo alcance não tem sido bem compreendido sequer por nós mesmos.

As caravanas da cidadania, muito mais que legítimos instrumentos de proselitismo eleitoral, são instrumentos de insurgência do Brasil real. Mais até pelo que são em si mesmas do que pelo que se afirma discursivamente nelas. As caravanas têm um sentido análogo a aventura intelectual de Euclides sertão adentro e a aventura político-militar da Coluna Prestes país afora. As caravanas são viagens ao interior da nação, a "alma" do Brasil. Elas recuperam a espessura geográfica e político-cultural do Brasil, demonstram que o Brasil não é aquele "vazio" material e simbólico que collar e os neoliberais erigiram em conveniente inimigo, demonstram que as energias para um renovado projeto nacional podem ser buscadas nas entranhas de nossa própria experiência coletiva, não precisam vir de fora de nós mesmos, do outro, do nosso "avesso".

As caravanas, além do mais, e esse não é o menor de seus fascínios, recuperam uma espécie de epica da nacionalidade, redescobrem o Brasil em movimento, em luta com os seus demônios, o seu destino. Elas contribuem para a insurgência de uma outra pauta, de fato brasileira, sem xenofobia mas ao mesmo tempo sem complexo de inferioridade, sem ceder aquele mito negativo do Brasil inútil e retrogrado, que anda de carroça a meio as possantes máquinas do futuro, do Brasil que só pode salvar-se negando-se a si mesmo, negando aquele poderoso "instinto de nacionalidade" de que falava o bruxo mestiço Machado de Assis, para citar outra personagem a um só tempo profundamente brasileiro e universal".

Leonardo Boff, em seu depoimento como membro de uma das 7 caravanas da cidadania, para a obra "Viagem ao coração do Brasil", captou este espírito:

"Cada caravana significa uma viagem às entranhas do Brasil. Todos conhecem a cabeça do país, isto é, a capital federal e dos estados. Quase todos sabem do coração do Brasil, o pulsar de sua gente, seu processo produtivo. Mas poucos conhecem as entranhas do Brasil...

Pois é exatamente este o significado de todas as caravanas, da primeira à última pela bacia do rio São Francisco. É o encontro com o Brasil profundo". Lembra-nos as palavras de Mario Pedrosa: "Nesta tarefa fundamental de chamar o povo das profundezas onde jaz ao plano político..."

Boff conclui: "Governar não é piramidalizar todas as questões e seus encaminhamento, é criar redes de articulação, de animação e participação democrática... Esse foi o propósito básico de todas as caravanas. Portanto, expressa algo mais do que uma campanha eleitoral: implica uma nova compreensão da política, como busca do bem comum - não só com a cabeça, mas também com o coração - e um novo exercício do poder central, como

potencializacao da socieabilidade em todos os niveis,a artir de baixo e dos lados para só depois a partir de cima".

Se nos permitem, podemos acrescentar a "caravana solitaria"de Paulo Emilio,relatada por Antonio Candido em seu "informe politico"ao livro dedicado ao critico de cinema: "Em 1943 ele decidiu alistar-se na chamada Batalha da Borracha,coordenada por Joao Alberto para incrementar a producao desta materia-prima com vistas ao esforco de guerra.Largou tudo e se meteu na Amazonia,trabalhando no setor de encaminhamento dos trabalhadores nordestinos recrutados.Foram meses duros nos quais participou de lances dramaticos num meio hostil e inospito,enfrentando dificuldades e perigos de todo o tipo.Por que? Porque sendo o antifascismo topico central no seu ideario,ele entendia que era preciso lutar,nao apenas contra as Potencias do Eixo.

Terminada a tarefa veio por terra,numa viagem imensa e dificil,naquele tempo sem estradas nem confortos,fazendo precursos em lombo de jerico,dormindo ao leu,comendo o que Deus dava e conhecendo o que nenhum de nós conhecia: o sertao do Brasil.A experiencia deve ter sido decisiva,pois,acrescentou a intimidade com a terra a precoce formacao cosmopolita que devera ao exilio e retomaria a partir de 1946".

Claudio Nascimento,  
Campinas,  
Fevereiro de 1996

=====

#### Bibliografia:

- =Resolucoes,7a Plenaria Nacional Zumbi dos Palmares.CUT.1995
- =Seminario "Perspectivas do Sindicalismo no Governo FHC"Esolca Sul-CUT.1995
- =Planejamento-CUT,1992
- =Relatorio do "Seminario sobre as bases de um programa Nacional de Formacao em Planejamento e Administracao Sindical Cutista".Escola 7 de outubro-MG.1989
- =Textos para Debate-7a Plenaria nacional-CUT,1995
- =Borges,Altamiro-"Sindicato organico"e as perspectivas da CUT".Debate Sindical,1995 (?)
- =Batista,Genildo-"Acerca do sindicato Cutista",Brasil Revolucionario,janeiro 1996.
- =Codap,Gustavo,"Perguntas e Respostas sobre organizacao sindical no atual periodo"(segunda versao,1995).
- =“Uma Proposta para Construir a CUT hoje”(proposta de roteiro.Versao corrigida,texto em discussao,nov.1995).
- =Resolucao Congresso da CNQ,(Sindicato Organico),1995.
- =Contextualizando a Qualidade Total em Educacao.3o Congresso do Sind-UTE,1995(?)
- =Crisis Economica y Revolucion tecnologica.Hacia Nuevas Estrategias de las Organizaciones Sindicales.Conferencia Internacinal-1988
- =Godio,Julio-Situacion actual del sindicalismo latinoamericano-perspectivas hacia el ano 2000.1990
- =A Crise do sindicalismo.Sindicato dos bancarios de florianopolis e regioao.1993

- =Nascimento,Claudio-"A Educacao na Transformacao".in,Discussao Critica sobre a Administracao da educacao,Editora UNB,1989
- =Nascimento,Claudio-"Recursos de Hegemonia Cultural-uma sensibilidade romantica socialista(Mario de Andrade,Mario Pedrosa,Antonio Candido e Sergio Buarque de Holanda).Mimeo.
- =Sindicalismo hoje-Novos desafios.Revista "Tempo e Presenca",no 259,1991
- =Mattoso,Jorge-"A Desordem do Trabalho",Scritta,1995
- =Eagleton,Terry-"A Ideologia da Estetica",J.Zahar Ed.-1993
- =Santos,Boaventura de Souza-"Pela mao de Alice-o social e o politico na pos-modernidade".Cortez ed.,1995
- =Educacao e Trabalho no Capitalismo Contemporaneo-Lucia Bruno(org.),Atlas,1996
- =La Crise du Travail(J.Bidet et J.Textier).Actuel Marx-PUF,1995
- =Il post fordismo-Alternative,No 1,Ed. Synergon,Bologna-1995
- =Il Futuro del Sindacato-Ediesse,1986
- =La Fin des Syndicats?-Logiques Sociales,l'harmattan,1992
- =Baglioni,Guido-"La Politica Sindicale nel capitalismo che Cambia",Laterza,1986
- =Pizzorno,Alessandro-"I Soggetti del Pluralismo",il Mulino,1980
- =Mundos do Trabalho.CESIT-Unicamp.1994

=====

Programa 'SINDICALISMO E HEGEMONIA CULTURAL'

1a Etapa  
mes de

=====

Eixo tematico geral: Trabalho,Desenvolvimento e Nacao

=====

2a feira: O Sindicalismo num Mundo em Mutacoes  
responsavel:CESIT (Alonso ou Mattoso)  
sistematizacao:Claudio ,Ecut

=====

3a feira: Sindicalismo e Mutacoes no Mundo do Trabalho  
responsavel: CESIT (Mattoso)  
debate com Ricardo Antunes  
sistematizacao:Claudio,Ecut

=====

4a feira: Visoes de Desenvolvimento Socio-Cultural  
responsavel:CESIT  
sistematizacao:Claudio,Ecut

=====

5a feira: Politica de Desenvolvimento de Reformas Estruturais de Base  
responsavel:CESIT  
sistematizacao....

=====

6a feira: Obra de Celso Furtado  
responsavel:CESIT  
sistematizacao geral :Claudio,Ecut

=====  
 2a etapa  
 mes

=====  
 Eixo tematico geral: Sindicalismo e Cultura  
 =====

2a feira: Politica de Hegemonia Cultural  
 responsavel: M.Chau  
 sistematizacao: Claudio, Ecut

=====  
 3a feira: Novos Antagonismos e Cidadania Ativa  
 responsavel: Eveline Dagnino  
 sistematizacao....

=====  
 4a feira: Recursos de Hegemonia Cultural (filao romantico-socialista)  
 responsavel: Claudio Nascimento  
 sistematizacao...

=====  
 5a feira: Um Projeto Nacional-Cultural, Hoje  
 responsavel: Marco Aurelio Garcia  
 sistematizacao....

=====  
 6a feira: Obra de Antonio Candido  
 responsavel: Jose Eduardo Arantes  
 sistematizacao geral...

=====  
 3a Etapa: Seminario de fechamento  
 duracao: 3 dias  
 mes

=====  
 Eixo tematico geral: Sindicato, Sociedade e Estado  
 =====

1o dia: A CUT e a Esfera Publica Democratico-Popular  
 debate com: Fco de Oliveira (Ceprab)  
 grupos  
 sistematizacao

=====  
 2o dia: A CUT e a Construcao de um "projeto nacional alternativo"  
 debate com: M. Aurelio Garcia  
 Jorge Mattoso  
 grupos  
 sistematizacao

=====  
 3o dia: A CUT e a Cidadania Ativa  
 debate com: Eveline Dagnino

grupos  
sistematizacao

